

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Marisa Bertoldo Rossato

**O PATRIMÔNIO CULTURAL NO DISTRITO DE VALE VÊNETO, SÃO
JOÃO DO POLÊSINE/RS: HISTÓRIAS E PERSONAGENS CONTADAS
NUM CADERNO DIDÁTICO**

Santa Maria, RS
2022

Marisa Bertoldo Rossato

**O PATRIMÔNIO CULTURAL NO DISTRITO DE VALE VÊNETO, SÃO JOÃO DO
POLÊSINE/RS: HISTÓRIAS E PERSONAGENS CONTADAS NUM CADERNO
DIDÁTICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Marta Rosa Borin

Santa Maria, RS
2022

Rossato, Marisa Bertoldo

O patrimônio cultural no distrito de Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS: histórias e personagens contadas num caderno didático / Marisa Bertoldo Rossato.- 2022.
158 p.; 30 cm

Orientadora: Marta Rosa Borin
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2022

1. Educação Patrimonial 2. Vale Vêneto 3. Memória 4.
Geoparque Quarta Colônia I. Borin, Marta Rosa II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, MARISA BERTOLDO ROSSATO, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Marisa Bertoldo Rossato

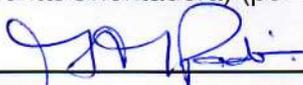
**O PATRIMÔNIO CULTURAL NO DISTRITO DE VALE VÊNETO, SÃO JOÃO DO
POLÊSINE/RS: HISTÓRIAS E PERSONAGENS CONTADAS NUM CADERNO
DIDÁTICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

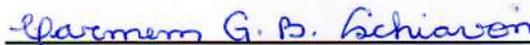
Aprovado em 14 de fevereiro de 2022:



Marta Rosa Borin, Dr.^a (UFSM)
(Presidenta/Orientadora) (por videoconferência)



Maria Medianeira Padoin, Dr.^a (UFSM)
(por videoconferência)



Carmen Gessilda Burgert Schiavon, Dr.^a (FURG)
(por videoconferência)

Santa Maria, RS
2022

AGRADECIMENTOS

Agradecer é antes de tudo um ato de amor. É reconhecer a importância que as pessoas tiveram durante a realização desta etapa, que foi muito importante na minha vida.

Agradeço primeiramente a Deus, pela dádiva da vida e da saúde nesse tempo especial em que vivenciamos. Em época de pandemia, quero agradecer pelo simples fato de existir, de respirar. Tenho a certeza da presença constante de Deus em minha vida! Gratidão a todas as pessoas que colaboraram nessa caminhada, porque ela não se fez sozinha, que Deus as abençoe sempre.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria por meio do ensino de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, pela universidade pública, gratuita e de qualidade. Pela convivência com os professores e colegas, mesmo que virtual, se tornaram colaboradores e amigos.

A minha orientadora, Prof^ª Dr.^ª Marta Rosa Borin, pela dedicação, paciência, sabedoria e ensinamentos compartilhados. Sem sua orientação eu teria desistido. Obrigada pelo apoio e incentivo.

Às professoras da banca, Prof^ª Dr.^ª Carmem Gessilda Burgert Schiavon e Prof^ª Dr.^ª Maria Medianeira Padoin, pela participação e contribuição na banca de mestrado.

À toda comunidade de Vale Vêneto, em especial às famílias que me receberam e se dispuseram a me ajudar, fornecendo informações importantes para que a pesquisa se realizasse.

Aos professores e funcionários da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop que me acompanharam durante esses dois anos de estudos, que valorizam e reconhecem a importância desse trabalho, obrigada por me ouvirem diariamente, por me incentivarem e apoiarem na realização desse sonho. De modo especial, agradeço a Diretora Rejane Medianeira Donato Bortoluzzi, por confiar no meu trabalho, na minha capacidade e contribuir sempre que houvesse oportunidade.

À Prof^ª Mestra Daniela dos Santos Morales, colega e amiga, pelas contribuições durante esse processo, foram fundamentais para que eu vencesse esse desafio.

Aos meus alunos, pelo apoio, trabalho em conjunto e entusiasmo com que descobriam as edificações ao longo do caminho, pois a pandemia não permitiu as visitas. Foram fundamentais para que eu continuasse o trabalho de pesquisa.

E por último, mas não menos importante, um agradecimento especial à minha família. À minha mãe, irmãos, sogra, cunhados e concunhados, agradeço a compreensão pelas ausências nos encontros de família, por entenderem que essa etapa é importante para mim.

Ao meu marido Volnei Pigatto Rossato, companheiro de todas as horas. Obrigada pelo apoio e paciência, pois muitas vezes ficou sozinho enquanto eu me ausentava para a

pesquisa.

À minha filha Lana Bertoldo Rossato, meu esteio nessa caminhada. Obrigada por me acompanhar desde o primeiro pré-projeto para a seleção de mestrado, por estar disponível em todos os momentos que eu precisasse, por deixar tudo o que estava fazendo e vim em meu socorro. Obrigada por “dar vida” ao meu caderno didático. Sua percepção foi fundamental para o sucesso do mesmo. Que Deus te ilumine e te abençoe sempre!

Enfim, gratidão a todos que, de uma forma ou outra, contribuíram para que eu pudesse realizar mais esse sonho e evoluir como pessoa e profissional durante essa trajetória.

Muito Obrigada!!

A comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio

(Aloísio Magalhães)

RESUMO

O PATRIMÔNIO CULTURAL NO DISTRITO DE VALE VÊNETO, SÃO JOÃO DO POLÊSINE/RS: HISTÓRIAS E PERSONAGENS CONTADAS NUM CADERNO DIDÁTICO

AUTORA: Marisa Bertoldo Rossato

ORIENTADORA: Marta Rosa Borin

A temática da pesquisa intitula-se O Patrimônio Cultural no distrito de Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS: histórias e personagens, contadas num caderno didático. Para realizar este trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica para embasamento teórico do tema abordado, aprofundando os temas relacionados com a memória oral dos moradores desta localidade. Com o apoio da Educação Patrimonial, buscou-se despertar, nos alunos do quarto e quinto ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, a curiosidade em conhecer o patrimônio da sua comunidade, bem como valorizar e preservar a memória do patrimônio histórico local, contadas pelos nonos e nonas. A pesquisa foi realizada devido a abertura de vagas extras pelo curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, vinculado ao Geoparque Quarta Colônia, dando oportunidade aos professores continuarem os estudos realizando o mestrado. O produto final desta dissertação foi um caderno didático que pode ser utilizado por todas as escolas da região para aprofundar o conhecimento sobre Patrimônio Cultural, Educação Patrimonial e Memória, numa linguagem acessível para os alunos de nove a onze anos de idade. A pesquisa sobre as edificações mais antigas de Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine, também dá ênfase a história da imigração italiana no município onde os imigrantes constroem suas casas com o sonho de melhorar a vida de suas famílias. Essas residências possuem significados que se transformam dentro do espaço de habitar. Busca-se valorizar a memória destas residências divulgando as histórias que aconteceram e que foram vividas pelos nonos e nonas desta comunidade no caderno didático.

Palavras-chave: Educação Patrimonial, Vale Vêneto, Memória, Geoparque Quarta Colônia.

ABSTRACT

CULTURAL HERITAGE IN THE DISTRICT OF VALE VENETO, SÃO JOÃO DO POLÊSINE/RS: STORIES AND CHARACTERS TOLD IN A TEXTBOOK

AUTHOR: Marisa Bertoldo Rossato

ADVISOR: Marta Rosa Borin

The research theme is entitled Cultural Heritage in the district of Vale Veneto, São João do Polêsine/RS: stories and characters told in a textbook. In order to carry out this work, a bibliographic research was carried out to provide a theoretical basis for the topic in question, deepening the themes related to the oral memory of the residents of this locality. With the Heritage Education support, we sought to awaken in the fourth and fifth grade students of the Padre Rafael Iop State Elementary School the curiosity to learn about their community's heritage, as well as to value and preserve the memory of the local historical heritage, as told by the older residents. The research was carried out due to the opening of extra vacancies by the Postgraduate Course in Cultural Heritage of the University Federal of Santa Maria, linked to the Fourth Colony Geopark, giving teachers the opportunity to continue their studies by taking a master's degree. The final product of this dissertation was a textbook that can be used by all schools in the region to deepen the knowledge about Cultural Heritage, Heritage Education, and Memory, in a language accessible to students from nine to eleven years old. The research on the oldest buildings in Vale Vêneto, a district of São João do Polêsine, also emphasizes the history of Italian immigration in the town where immigrants build their houses with the dream of improving their families' lives. These residences have meanings that are transformed within the living space. We seek to value the memory of these residences by disclosing the stories that happened and were lived by the older residents of this community in the textbook.

Keywords: Heritage Education, Vale Veneto, Memory, Fourth Colony Geopark

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa da localização da área da Quarta Colônia, no Rio Grande do Sul, em 2013	20
FIGURA 2 – Localidade de Vale Vêneto, região da Quarta Colônia de imigração italiana do Rio Grande do Sul, 2009	21
FIGURA 3 – Vista da comunidade de Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS	23
FIGURA 4 – Vista do Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo (MIEM), Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS	33
FIGURA 5 – Salas temáticas do Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo (MIEM), Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS	34
FIGURA 6 – Sala temática do MIEM, Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS: Cozinha Italiana	34
FIGURA 7 – Sala temática do MIEM, Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS: Sala Italiana	35
FIGURA 8 – Sala temática do MIEM, Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS: Quarto Italiano	35
FIGURA 9 – Sala temática do MIEM, Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS: Trabalhos, Usos, Costumes e Fazeres Domésticos	36
FIGURA 10 – Escola Padre Rafael Iop e Casa de Retiro Nossa Senhora de Lourdes em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS	42
FIGURA 11 – Alunos ajudando a confeccionar os tapetes da Festa de Corpus Christi em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS	45
FIGURA 12 – Professor de Arte da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, José Paulo Rorato, orientando os alunos na confecção dos tapetes, juntamente com um membro da comunidade, no ano de 2020 em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS	46
FIGURA 13 – Festival Internacional de Inverno da Universidade Federal de Santa Maria e Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS ..	46
FIGURA 14 – Desfile da Festa do Arroz - 2019 em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS	49
FIGURA 15 – Representação, no desfile da Festa Regional do Arroz em 2019 em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS, da 1ª Capela construída em Vale Vêneto, dedicada a São Francisco de Assis	50
FIGURA 16 – Seminário Rainha dos Apóstolos, construído em 1892 e inaugurado em 1920, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS	51
FIGURA 17 – Cristo Morto no sepulcro, Monte Calvário, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS	52
FIGURA 18 – Estátua representativa do Nono e da Nona, em frente ao Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo, Vale Vêneto/RS	58
FIGURA 19 – Card enviado aos alunos como pergunta investigativa sobre Patrimônio Cultural	60
FIGURA 20 – Casa da Nona Izalda Catarina Bevilacqua Dotto, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS	62
FIGURA 21 – Destaque para a parede feita de barro, madeira e palha de trigo na casa de Dona Izalda, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS	62
FIGURA 22 – Destaque para a janela original da residência de Dona Izalda, em Vale	

	Vêneto, São João do Polêsine/RS	63
FIGURA 23 – Destaque para a viga que suporta o segundo piso unida por um prego de madeira na casa de Dona Izalda, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		65
FIGURA 24 – Pipas e garrafões de vinho da Nona Izalda em sua residência em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		66
FIGURA 25 – Casa da família Brondani, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS .		67
FIGURA 26 – Família Brondani, com os patriarcas sentados ao centro e os filhos ao redor		68
FIGURA 27 – Residência da Família de Irma e Deoclécio Brondani, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		69
FIGURA 28 – Destaque para a escada original da residência de Dona Írma, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		70
FIGURA 29 – Assoalho do sótão da residência de Dona Írma, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		70
FIGURA 30 – Detalhe dos respiros, espaços abertos na parede para ventilação, da residência de Dona Írma, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		71
FIGURA 31 – Destaque da parede de tijolos e barro da residência de Dona Írma, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		71
FIGURA 32 – Casa de Túlio Brondani, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS ..		73
FIGURA 33 – Destaque para a parede de tijolos queimados com cinzas na residência de Túlio Brondani em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		74
FIGURA 34 – Foto lateral da residência de Túlio Brondani em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS, onde é possível ver o portão original		74
FIGURA 35 – Detalhe para degraus e porta originais da casa de Túlio em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		76
FIGURA 36 – Detalhe das pipas de vinho na residência de Túlio em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		78
FIGURA 37 – Destaque para a porta na casa de Túlio em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		80
FIGURA 38 – Casa da Nona Dalira Iop Pivetta em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		81
FIGURA 39 – Primeira casa de Dalira e Gino Pivetta em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		82
FIGURA 40 – Serraria de Gino Pivetta em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS ..		83
FIGURA 41 – Fachada frontal da casa da nona Dalira em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		84
FIGURA 42 – Casa de Luís Marcuzzo, avô de Luís Moacir Marcuzzo, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		87
FIGURA 43 – Casa atual de Luís Moacir Marcuzzo, em Linha Duas, Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		88
FIGURA 44 – Escada reformada pelo Nono Luís Moacir, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		88
FIGURA 45 – Família do Padre Clementino		89
FIGURA 46 – Primeira casa de Luís Marcuzzo (avô), em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		90
FIGURA 47 – Quarto na residência da família Marcuzzo em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS		90

FIGURA 48 – Bochas de pedra na residência de Luís Moacir em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS	91
FIGURA 49 – O Nono e Nona em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS	94
FIGURA 50 – Visitação dos alunos do quarto e quinto ano da E.E.E.F.Padre Rafael Iop ao Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS, com a orientação da Jacinta Piveta	148

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA EM VALE VÊNETO	23
2.1	AS CARACTERÍSTICAS DA ARQUITETURA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL	26
3	PATRIMÔNIO CULTURAL EM SÃO JOÃO DO POLÊSINE	29
3.1	O PATRIMÔNIO MATERIAL: A RESIDÊNCIA DOS IMIGRANTES ITALIANOS DA QUARTA COLÔNIA	29
3.2	PATRIMÔNIO, PATRIMÔNIO CULTURAL.....	37
3.3	A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	39
3.3.1	Processos educativos formais e não formais de ensino em Vale Vêneto - RS	41
3.3.1.1	<i>A cidade como espaço educativo: O Geoparque Quarta Colônia</i>	53
3.3.1.2	<i>O Patrimônio Educativo</i>	55
4	OS RELATOS DOS NONOS E NONAS E AS RESIDÊNCIAS	59
4.1	CASA DA NONA IZALDA CATARINA BEVILACQUA E DO NONO PILASIO VICENTE DOTTO (IN MEMORIAM)	61
4.2	CASA DA NONA IRMA E DO NONO DEOCLÉCIO BRONDANI.....	67
4.3	CASA DO NONO TÚLIO BRONDANI	73
4.4	CASA DA NONA DALIRA IOP PIVETTA.....	81
4.5	CASA DO NONO LUÍS MOACIR MARCUZZO	86
5	DESCRIÇÃO DO PRODUTO	93
5.1	O NONO E A NONA	94
5.2	PROPOSTA DO CADERNO DIDÁTICO.....	95
6	CONCLUSÃO	147
	REFERÊNCIAS	151
	ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	155
	ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO	156

1 INTRODUÇÃO

Como participante, desde 1994, do Projeto Regional de Educação Patrimonial, Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, integrados pelos programas anuais, coordenados por José Itaquí e Maria Angélica Villagran, esta professora, que nos últimos dez anos leciona na Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, de Vale Vêneto, mudou a forma de observar o modo de vida das pessoas daquela comunidade, suas crenças, suas histórias, as edificações antigas e, comparando com o modo de vida atual dos alunos e seus familiares, traz consigo o desejo de revisitar o passado para compreender e dar um novo sentido ao presente. Com isso, aproveitou a oportunidade que o curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, vinculado ao Geoparque, quando em 2019 este abriu vagas extras para aos professores da Quarta Colônia continuarem os estudos realizando o Mestrado. Assim, vivenciando uma série de experiências garantidas pelo acesso ao conhecimento que essas pessoas mais antigas possuem, e que podem permitir que os alunos se sintam pertencentes a esse meio, realizou uma pesquisa que trouxe mais conhecimentos aos educandos.

O tema (Educação Patrimonial) foi motivo de diversos projetos desenvolvidos pelos professores e estudantes de nove municípios da região central do estado do Rio Grande do Sul a partir do segundo semestre de 1993, e foram concluídos no segundo semestre de 1997, sendo que a implementação do Projeto Regional de Educação Patrimonial ocorreu através dos seguintes programas: A casa, espaços e mobílias (desenvolvido no 2º semestre de 1993); Documentos familiares (desenvolvido no 1º semestre de 1994); Instrumentos de trabalho e técnicas de uso (desenvolvido no 2º semestre de 1994); Cultivos e alimentação (desenvolvidos no 1º semestre de 1995); Flora nativa (desenvolvido no 2º semestre de 1995); Fauna nativa (desenvolvido no 1º semestre de 1996); Água I (desenvolvido no 1º semestre de 1997); Água II (desenvolvido no 2º semestre de 1998).

Os programas aconteceram através de seminários de avaliação e planejamento, exposições, documentação, banco de dados, lugares e memórias e inventários.

Assim, a Educação Patrimonial dá sentido à construção do conhecimento para o aluno, e para todas as pessoas que o cercam, a partir do conhecimento, preservação e valorização do patrimônio ali construído. Para tanto, nesta pesquisa, buscamos, através do estudo das residências antigas de Vale Vêneto, bem como na história de vida de pessoas da comunidade, identificar e reconhecer a história da localidade e os elementos de valor cultural.

De tal modo, observando o dia a dia da comunidade de Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS, constatou-se a presença de algumas residências construídas durante o período de povoamento e assentamento da imigração italiana nesta localidade, ou seja, nos anos de 1878. Com esse projeto, identificou-se, no período entre 2020/2021, como estão

sendo conservadas e utilizadas aquelas primeiras residências construídas pelos imigrantes italianos na localidade de Vale Vêneto.

Vinda de uma família de descendentes de imigrantes italianos, esta professora aguçou a curiosidade por entender a arquitetura e o uso dos espaços nas construções das residências usadas por eles e pelos seus descendentes. Hoje, grande parte dessas residências são usadas como depósitos, que ao lado delas construíram suas moradias modernas, deixando de valorizá-las ou preservá-las como patrimônio da cultura local.

Para a execução desta pesquisa foram ouvidas as histórias de vida dos descendentes dos imigrantes italianos da Quarta Colônia de Imigração Italiana sobre a construção e utilização das primeiras residências por eles construídas em Vale Vêneto.

Para tanto, sabe-se que, em 1887, chegaram na Quarta Colônia de Imigração Italiana, mais precisamente na comunidade de Vale Vêneto, onze famílias que se instalaram, a princípio, na localidade conhecida como “Buraco”, por sua localização no vale. Suas primeiras atividades giravam em torno da limpeza do mato, abertura de caminhos e a construção das casas. É sobre essas casas que trata essa pesquisa.

A Quarta Colônia de Imigração Italiana está situada no centro do estado do Rio Grande do Sul, aproximadamente distante 50 quilômetros de Santa Maria, e é composta pelos municípios de Silveira Martins, São João do Polêsine, Restinga Seca, Pinhal Grande, Nova Palma, Ivorá, Faxinal do Soturno, Dona Francisca e Agudo. O mapa apresentado na Figura 1 mostra a localização da área dos municípios da Quarta Colônia, no Rio Grande do Sul.

Figura 1 – Mapa da localização da área da Quarta Colônia, no Rio Grande do Sul, em 2013



Fonte: Conselho de Turismo (CONTUR) da Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do RS FECOMÉRCIO-RS. Disponível em: <https://rotaseroteiros.com.br/roteiros-integrados-da-quarta-colonia/>. Acesso em: 20/03/2021.

O distrito de Vale Vêneto pertence ao município de São João do Polêsine, integrante da Quarta Colônia e ao projeto Geoparque, aspirante UNESCO. O Mapa da Figura 2 mostra a localização de Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine, na região da Quarta Colônia de imigração italiana do Rio Grande do Sul.

Figura 2 – Localidade de Vale Vêneto, região da Quarta Colônia de imigração italiana do Rio Grande do Sul, 2009



Fonte: Quarta Colônia - Silveira Martins, Vale Vêneto e São João do Polêsine. Disponível em: <http://rotasd.emoto.blogspot.com/2015/06/quarta-colonia-silveira-martins-vale.html>. Acesso em: 24/03/2022.

Como fonte de pesquisa foram ouvidas as histórias de vida das pessoas mais idosas da comunidade, descendentes de imigrantes italianos, pois estes são os detentores do saber-fazer, ou seja, das histórias vivenciadas em torno da construção das moradias, das dificuldades encontradas para a aquisição de material, da tradição arquitetônica, dos problemas com os animais selvagens, das histórias curiosas sobre os primeiros tempos de vida dos imigrantes e seus familiares, em Vale Vêneto.

As entrevistas foram realizadas informalmente e espontaneamente, a fim de não constranger os entrevistados, sendo respeitadas as normas éticas de proteção das informações individuais.

Tendo em vista a ausência de material publicado com o mesmo tema e que levem em conta a abordagem proposta, acredita-se estar contribuindo, ainda que de forma modesta, para o desenvolvimento e proteção do patrimônio cultural e turístico da região do Geoparque Quarta Colônia.

As famílias veem as construções antigas de suas casas como uma história pessoal, que demonstram o esforço daqueles imigrantes que ali chegaram, não imaginam que, de-

vido ao seu valor histórico-cultural, se tornaram um patrimônio da Quarta Colônia. Devido ao valor histórico e identitário destas residências, este projeto busca valorizar, não somente as edificações, mas também, cada uma das pessoas que construiu esta localidade.

Através da linha de pesquisa da História e Patrimônio Cultural, pretende-se recuperar o valor emocional e arquitetônico destas construções, demonstrando a importância dele para a comunidade. Para dar visibilidade a este patrimônio, buscou-se produzir um caderno didático com as histórias contadas pelos avós e bisavós dos alunos sobre essa época.

Neste sentido, entre os objetivos principais desta dissertação estão identificar as casas antigas construídas pelos imigrantes italianos, em Vale Vêneto/RS, sua história e utilização atual para o desenvolvimento da localidade; recuperar o valor histórico e cultural das primeiras casas dos imigrantes para a região, por meio da Educação Patrimonial; viabilizar o entendimento sobre o valor dessas residências aos proprietários para que possam, se assim desejarem, oferecer ao turista conhecer a história da região a partir de suas histórias de vida; divulgar o resultado da pesquisa a toda comunidade, através deste caderno didático, que contém as imagens das residências do ontem e do hoje, bem como relatos dos moradores.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos. No capítulo introdutório tem-se o histórico da Imigração Italiana em Vale Vêneto, onde pretende-se contar, de forma clara e sucinta, a chegada dos primeiros imigrantes a este vale.

O segundo capítulo desta dissertação apresenta a definição de conceitos importantes para o entendimento dos assuntos aqui citados como memória, patrimônio, patrimônio cultural e educação patrimonial, bem como a metodologia utilizada e os procedimentos metodológicos apresentados na pesquisa e a coleta de dados.

No terceiro capítulo aborda-se a expressão dos resultados com a pesquisa propriamente dita, onde faz-se o levantamento das memórias dos descendentes de imigrantes italianos por meio dos relatos dos nonos e nonas e das residências, contadas aos alunos do quarto e quinto ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop.

No quarto capítulo será apresentada a descrição do produto proposto pela mesetranda em forma de um caderno didático com o resultado da pesquisa das memórias dos descendentes dos imigrantes italianos. Pretende-se publicá-lo para que a comunidade tenha acesso a essas histórias e cada estudante leve consigo o resultado do seu trabalho.

A dissertação encerra com o quinto capítulo, Conclusão, onde são apresentados os objetivos alcançados com a pesquisa, além de sugestões para a continuação dos estudos na área.

O histórico da formação do município de São João do Polêsine inicia com a colonização italiana na comunidade de Vale Vêneto por imigrantes vindos da colônia de Silveira Martins em 1878.

2 HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA EM VALE VÊNETO

O município de São João do Polêsine está situado na parte central do Vale do Jacuí, fica a 45 quilômetros de Santa Maria e integra a Quarta Colônia de Imigração Italiana do Estado. A emancipação chegou em 1992, com o empenho da população, e a instalação da primeira administração ocorreu em 1993, sendo a primeira prefeita a Senhora Valserina Maria Bulegon Gassen.

Vale Vêneto é um distrito do município de São João do Polêsine. A origem de seu nome é uma homenagem aos colonizadores italianos que se fixaram em suas terras, cuja maioria provém da região do Vêneto, na Itália. Atraídos pelo clima e fertilidade do solo, grande número de imigrantes se estabeleceu na região formando a Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Na Figura 3 tem-se uma visão ampla da localidade de Vale Vêneto, onde encontra-se a igreja dedicada a Corpus Christi, a primeira Casa Paroquial e o Seminário Rainha dos Apóstolos, dos Padres Palotinos.

Figura 3 – Vista da comunidade de Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Vista de Vale Vêneto do Calvário. Disponível em: <https://mapio.net/pic/p-9195511/>. Acesso em: 20/04/2021.

Foram várias as causas que fizeram com que os italianos viessem para o Brasil. Após a unificação italiana, em 1861, houve uma mudança em sua economia agrária, o que provocou um atraso econômico e o povo continuou a passar fome e miséria.

A guerra de unificação, o pesado serviço militar para jovens, a alta taxa de nata-

lidade, grande número de agricultores que não possuíam terras eram fatores que dificultavam a vida da maior parte da população camponesa e urbana daquele país. A esses motivos somou-se a propaganda das nações americanas, como os Estados Unidos, Argentina e Brasil, que buscavam trabalhadores e faziam promessas de riquezas imediata. O Brasil era visto como um país de muitas oportunidades e essas pessoas que passavam por dificuldades viam nele uma chance de melhorar de vida.

O abandono da terra natal consistiu na saída para a crise vivida por multidões de camponeses. Partia-se para a América para fugir da fome, do trabalho fatigante, da desnutrição, do salário irrisório, do alto aluguel da terra, do serviço militar. A imigração era a forma de revolta surda e silenciosa contra os grandes proprietários de terras. Ele prometia um futuro risonho, no qual todos seriam Signori. (MAESTRI, 2005, p. 103).

Tudo isso fez com que muitas pessoas, por vontade própria ou por necessidade, procurassem um novo país que lhes oferecessem melhores condições de vida e um deles foi o Brasil. Que, neste caso específico, com a recente abolição da escravatura, necessitava cada vez mais de mão de obra para trabalhar na lavoura cafeeira, que seria suprida pelos imigrantes.

Porém, os italianos não ficaram somente cultivando café na região sudeste. Devido a vários interesses, alguns dirigiram-se a região Sul. No Rio Grande do Sul, inicialmente, dividiram-se em quatro colônias, sendo que, na região central ficou instalada a 4ª colônia e, na região serrana, as outras três.

A primeira colônia foi denominada Conde D'Eu, atualmente Garibaldi; a segunda colônia foi denominada Dona Izabel, atualmente Bento Gonçalves, e a terceira colônia em Caxias do Sul, recebendo o nome de Duque de Caxias.

Vale Vêneta está situada na região central, pertencendo à quarta colônia e sendo um dos primeiros núcleos dessa a receber os imigrantes italianos, vindos em árdua viagem. A Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul foi criada pelo Governo Imperial em 1877.

Os italianos que decidiram emigrar ficavam no porto de Gênova esperando completar o número necessário de pessoas para que o navio pudesse partir. Traziam consigo alguns pertences, poucas roupas e escasso dinheiro.

Em geral, viajavam em precárias condições e amontoados. Muitos adoeciam e os que morriam eram jogados ao mar. A comida era pouca e as condições de higiene eram de qualidade muito inferior. Em conformidade com Bisognin, Righi e Torri (2001, p. 33):

Muitos conseguiram chegar ao Brasil, realizando uma viagem mais tranquila: outros, entretanto, morreram em alto mar e outros, ainda, enfrentaram muitas peripécias durante a travessia. Esse fato, aliado a péssima qualidade de alimentação, a doença que os acometia a bordo e ao amontoamento de pessoas, onde tudo

se tornava difícil, fez com que a viagem transoceânica lhe parece um verdadeiro terror.

Os imigrantes que vieram para a 4^a colônia chegaram no porto do Rio de Janeiro, depois deslocaram-se até o porto de Rio Grande, chegando a Porto Alegre, onde eram acomodados em galpões até serem designados ao seu lugar de destino. Eram, então, embarcados em “gasolinas” (barcos a motor acionados com gasolinas), que os conduziam até onde as condições do Rio Jacuí permitia na época, em Rio Pardo.

Após o desembarque, a viagem continuava por terra, sendo utilizadas carroças puxadas por bois que transportavam roupas, objetos de uso pessoal, ferramentas, material de cozinha e as crianças pequenas, idosas e doentes. Os imigrantes que vieram para essa localidade viajaram muitos dias até chegarem na localidade conhecida atualmente como Val de Buia, onde improvisaram seu estabelecimento, que ficou conhecido como Barracão de Val de Buia, em Silveira Martins, “La Città Bianca”, onde hoje se encontra o Monumento ao Imigrante, em comemoração ao centenário da imigração italiana, em Silveira Martins. As primeiras 70 famílias que chegaram tiveram que lidar com enormes dificuldades. Os primeiros tempos implicavam traçar caminhos e derrubar o mato, tornando habitável um espaço praticamente despovoado.

O governo imperial brasileiro fazia ofertas atrativas para uma população que vivia em dificuldades na Itália; incluíam a doação de terras e o custeio das viagens. O transporte seria gratuito da Europa até as colônias, hospedagem e assistência durante os primeiros tempos, instrumentos de trabalho, sementes, assistência médica, religiosa, instrução às crianças e, enfim, a venda, à crédito, de um lote colonial (COSTA et al., 1974).

Com esperança, muitas famílias vieram ao Brasil para se tornarem independentes e senhores de suas próprias terras, mas veio o descaso do governo imperial e as saudades da terra natal faziam parte do cotidiano dos italianos. Para piorar, os imigrantes tiveram ainda que lutar contra uma peste nas instalações improvisadas do Barracão. O barracão abrigou as primeiras famílias apenas do relento, pois não havia higiene e nem mesmo o mínimo de conforto nesse local, sendo que o que movia o italiano era a fé inata e a vontade de construir um futuro melhor para seus filhos.

Frente às dificuldades no Barracão de Val de Buia, o governo agilizou a demarcação dos lotes, entregando, a cada família: um machado, enxada, foice, facão e sementes de feijão, milho, batatas e a quantia de 80 mil réis para iniciar a construção de uma casa de madeira, conforme relatam Righi, Bisognin e Torri (2001).

Aos poucos, as famílias de imigrantes começam a ocupar os vales, descendo a serra e formando as primeiras localidades de Vale Vêneto e Val Veronês. Ao chegar na terra prometida, as primeiras atividades dos colonos não era o plantio, mas a limpeza do mato, abertura de caminhos e a construção das casas.

Segundo Fagan (2014), as primeiras casas eram provisórias, construídas com bambu

ou madeira bruta, sendo as paredes laterais, internas e coberturas, geralmente, de palha ou outros arbustos maleáveis. Após organizar as plantações, começaram as construções das casas definitivas, de madeira. As residências, objeto do nosso trabalho, são as de madeira, alvenaria e mista erguidas por volta dos anos de 1890.

Para Cechin (2002, p. 61),

As antigas construções do colono italiano, no meio agrícola, revelaram os modos de vida, o esforço pela continuidade de sua cultura e a inevitável adaptação ao novo cenário. Um sinal evidente do apogeu da arquitetura da colonização, e como símbolo representativo deste envolvimento, ou desta transformação, está o sobrado rural residencial. Um elemento representativo da produção arquitetônica que se mostra como identidade de uma cultura adquirida, ou vivenciada, em outro lugar. A configuração de seus elementos, o aproveitamento dos materiais, do local ou arredores, mais os processos de organização das partes que o compõem, seu volume e bom senso na tipicidade peculiar, fazem dele, como valor cultural, o destaque maior da arquitetura rural.

Desta maneira, almeja-se identificar as residências construídas pelos colonos italianos, ouvir as histórias que aconteceram durante a construção dessas moradias mais antigas da comunidade para montagem de um caderno didático visando a divulgação e inclusão no roteiro de turismo ecológico e sustentável de abrangência do Geoparque.

As edificações pesquisadas mostram que os imigrantes conheciam as técnicas da construção, pois ressaltam a arquitetura com características artesanais, simples e parecidas com a sua terra natal.

2.1 AS CARACTERÍSTICAS DA ARQUITETURA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL

Muito se tem falado em preservação do patrimônio histórico do lugar. A preocupação em deixar registrado e documentado esse legado para as futuras gerações ganhou vida quando discutiu-se a formação do Geoparque Quarta Colônia.

As características da arquitetura da imigração italiana são a construção artesanal, onde os próprios imigrantes elaboravam os elementos necessários para a construção de suas casas. Eles próprios solucionavam os problemas de acordo com a disponibilidade de recursos materiais e mão de obra em cada região sobre as formas de construir e as técnicas adotadas nas construções.

Segundo Posenato (1983), a arquitetura da imigração possuía linguagem própria, distinguindo-se das demais expressões arquitetônicas brasileiras de todas as épocas. Essa particularidade se deu através da combinação de materiais e técnicas construtivas que resultaram em uma notável expressão plástica que tendia à simetria e simplicidade, limitando

somente ao essencial os elementos construtivos por meio de uma ornamentação discreta.

A característica marcante nas construções variava de acordo com o material disponível, que o local oferecia. Segundo Bertussi (1997), as primeiras construções eram feitas de madeira rachada, alvenaria, pedra basáltica ou tijolos artesanais. Com o tempo, os imigrantes aprimoraram a técnica da utilização da madeira, criando a arquitetura que de fato representou esse momento.

As casas eram construídas com três ou quatro pavimentos, o porão, a ala residencial e o sótão, o “telhado com quatro ou duas águas e cobertura de tabuinhas, telhas de barro ou ferro galvanizado” (DE BONI, 1987, p. 458), a cozinha era separada das demais partes da casa.

A casa foi, sem dúvida, um sonho realizado. Abrigar a família, protegê-la dos perigos, construir uma nova vida num país novo e desconhecido era o desejo de todos os imigrantes.

Com o passar do tempo e o desenvolvimento das indústrias, o material para a construção das casas passa a ser industrializado, fazendo com que as casas diminuíssem de tamanho, ficassem mais funcionais e perdessem aquela arquitetura que queremos preservar aqui neste espaço de memórias tão importante para as futuras gerações.

3 PATRIMÔNIO CULTURAL EM SÃO JOÃO DO POLÊSINE

Esse capítulo apresenta a revisão da literatura apresentando os conceitos de Memória, Patrimônio, Patrimônio Cultural, Educação Patrimonial, bem como os processos educativos formais e não formais de Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS e apresenta a cidade como espaço educativo: o Geoparque Quarta Colônia. Também expõe a metodologia utilizada para a coleta de dados, a delimitação das edificações a serem pesquisadas e o estudo com os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop.

Uma das necessidades básicas do homem sempre foi ter um local de moradia, seja em cavernas ou em abrigos pelos campos. Para a construção dos primeiros abrigos os imigrantes utilizaram materiais de fácil acesso, como o barro, a madeira e a pedra, em virtude das próprias condições a que o colono estava submetido.

Uma casinha de quatro metros para seis repartida em duas peças. Eram essas cobertas de tabuinhas fechadas com rachões; com uma porta e uma janelas, sem assoalhos nem forros, com caibros e vigas de forma naturais e construídas sem pregos de ferro, mas tudo em madeira. Coisa que parece mentira, não é? Porém é verdade. (CERETTA, 1941, p. 19).

Com o tempo, as casas eram construídas com tábuas verticais sob um alicerce de basalto, que servia de porão, onde se guardava o vinho. A cozinha era separada da casa, e constituía a casa de comer.

A zona rural representa o vínculo vivo entre a terra e o homem que a cultiva. É dali que o indivíduo obtém os materiais para construir a sua morada, onde irá desenvolver uma família e criará uma identidade cultural. Às vezes, é necessário procurar por melhores condições de vida, num lugar diferente ao do país de origem, levando consigo muito mais que objetos, ferramentas e roupas. Levando na mala sonhos e esperanças de progredir, crescer e ser feliz. O sonho de se tornar proprietário de terra, de um imóvel que, atualmente, está representado por diversos prédios construídos pelos imigrantes italianos no meio de uma paisagem de rara beleza natural, na localidade de Vale Vêneto. Estes bens imóveis se tornaram patrimônio do lugar, pois, possuem características próprias e qualidades que o distinguem dos demais, sendo estes material de estudo e pesquisa desta dissertação.

3.1 O PATRIMÔNIO MATERIAL: A RESIDÊNCIA DOS IMIGRANTES ITALIANOS DA QUARTA COLÔNIA

Neste capítulo buscamos destacar a importância da memória para a valorização da identidade cultural de um povo através de sua história, seus saberes e fazeres, que

são transmitidos de geração em geração. Também identificaremos os meios que podem auxiliar a divulgar a memória histórica para toda a sociedade para que a história deste lugar não caia no esquecimento.

Os dados foram coletados em fontes bibliográficas, como artigos científicos publicados em revistas acadêmicas, jornais, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Também coletamos informações, informalmente, junto aos moradores de Vale Vêneto, descendentes de italianos. Para a coleta dos dados sobre as residências mais antigas de Vale Vêneto, utilizou-se como instrumento de pesquisa uma entrevista estruturada conforme Anexo A. Todas as entrevistas foram realizadas sob a assinatura do Termo Livre e Esclarecido, conforme Anexo B.

É importante destacar que, quando nos referimos a memória, logo remetemos nosso pensamento ao ato de guardar as ideias, lembranças e o conhecimento adquirido ao longo de nossas vidas. No entanto, segundo Le Goff (1990), o estudo da memória engloba vários aspectos neurológicos, psicológicos, biológicos e que seu estudo pode evocar problemas e conflitos da memória histórica e social. Portanto, “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 366). Para o autor, a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.

Assim, como a memória pode ser individual, própria daquele indivíduo, ou coletiva, de um grupo de pessoas que convivem entre si, ela sempre traz a identidade deste ser ou grupo. Vale lembrar que a memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo (BOSI, 1994).

Assim, valorizar a história individual e coletiva de um povo é dar vida ao que já foi vivido, é perpetuar a cultura e a identidade desta comunidade.

A memória é importante na construção da identidade e da cidadania cultural do indivíduo, pois:

A memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas[...], sem a memória não se pode situar sua própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história. (ORIÁ, 2004, p. 139).

A história do distrito de Vale Vêneto, município de São João do Polêsine/RS, tem sido objeto de muitos estudos de graduação e pós-graduação, devido a importância da colonização italiana para o Rio Grande do Sul, como também, devido a riqueza de infor-

mações guardadas no patrimônio cultural destes grupos étnicos, bem como as informações registrada na memória de seus descendentes, moradores daquela comunidade. Estes descendentes também buscaram organizar, em museus e arquivos, a documentação e objetos deixados por eles.

A rotina diária da população mostra que estes continuam cultivando os costumes e tradições dos seus antepassados italianos que se estabeleceram nestas terras, por volta de 1879, para construir uma vida melhor.

De acordo com Ribeiro (2002), para os italianos, emigrar para o Brasil significava a solução para os seus problemas, pois aqui iriam encontrar a *cuccagna*, ou seja, a fartura, o lugar das realizações e dos sonhos.

Portanto, a história do povo que construiu Vale Vêneto e seu patrimônio histórico está intimamente ligada a memória. Memória como herança, passada de geração a geração, dos hábitos, costumes de tudo o que foi vivido e experienciado pelos imigrantes. Lembranças de fatos, de familiares, de acontecimentos.

Ninguém constrói a história sozinho, isolado. A história é construída comunitariamente, em sociedade. Halbwachs ressalta que a construção das memórias depende do meio em que o indivíduo está inserido: “diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1968, p. 51). Dessa forma, podemos dizer que a memória traduz o passado, trazendo, no presente, as lembranças que é de cada um e de todos, contribuindo significativamente para a história dos grupos sociais e, dessa forma, o passado pode ser transmitido para as gerações futuras.

Portanto, essas experiências de trocas de memórias com seu grupo de convivência e compartilhada com todos os indivíduos pertencentes aquela comunidade é uma maneira de reviver o passado e de transmitir para todas as gerações a cultura daquele lugar.

É no contexto dessas relações que construímos as nossas lembranças e elas estão impregnadas das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências. (HALBWACHS, 1968, p. 67).

A comunidade demonstra a memória coletiva em cada comemoração que organiza coletivamente e, sobretudo, juntamente com a igreja e a Escola Estadual Padre Rafael lop, formas de manter viva a identidade do povo que se estabeleceu ali há muito tempo, e deixou seu legado.

A escola possui o compromisso de formar o cidadão para que este exerça a sua cidadania com responsabilidade e não perca o elo entre o presente e o passado, protegendo-o como um patrimônio familiar e local. Conforme Zanini (2006, p. 77), “os descendentes devem conhecer e valorizar sua história para engrandece-la e dela usar para elevar sua

própria autoimagem, autoestima”.

Assim sendo, é importante que, na escola, os professores adotem a metodologia de Educação Patrimonial como uma ferramenta que possibilite despertar no aluno o interesse pela história dos seus antepassados e do seu legado, fazendo com que o aluno valorize as especificidades de sua região. Conforme Fagan e Padoin (2014, p. 8):

Aproximar o cotidiano do aluno e a própria história é uma alternativa para o desenvolvimento da cidadania local dentro de um processo de ensino-aprendizagem que se torne mais significativo para este aluno, reconhecendo seus direitos e deveres enquanto cidadão. Este sentimento de pertencimento, produzido através das relações familiares, escolares, étnicas, culturais, religiosas, regionais, nacionais ou locais criam valores de respeito com o seu próprio patrimônio e, ao mesmo tempo, respeito com o patrimônio do 'outro', ajudando a diminuir as desigualdades de gênero e raça.

Para que a escola seja um lugar de aprofundar o conhecimento, faz-se necessário aproximar o aluno de uma aprendizagem concreta e significativa para ele. Dessa forma, a Educação Patrimonial possibilita a valorização da cultura local e regional, buscando uma forma de criar um sentimento de pertencimento à comunidade em que vive, como descreve Itaquí e Villagran (1998, p. 20):

O trabalho da Educação Patrimonial é levar os indivíduos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para uma melhor utilização destes bens e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, tendo assim um contínuo processo de criação cultural. A metodologia da Educação Patrimonial é materializada através do estudo de objetos comunitários como estratégia de aprendizagem do contexto sociocultural.

Trazer à tona as memórias guardadas pelos avós sobre suas vivências, não somente na colônia, mas também no país de origem, significa promover a cidadania e a autoestima de estudantes e seus familiares a partir do reconhecimento e importância da história de cada um. As memórias, quando compartilhadas, mantêm-se vivas, constroem a história e a cultura daquele lugar.

Em seu livro *Memória e Sociedade, a Lembrança dos Velhos*, Bosi (1994) fala que enquanto os adultos buscam o sustento de suas casas, as crianças ficam aos cuidados dos mais velhos e dos empregados e estes falam com elas como se estas fossem pequenos adultos, ouvindo suas lembranças do passado, suas percepções dos acontecimentos da sociedade, da política, da economia.

Essa socialização da criança vai acontecendo no dia a dia e vai sendo absorvida por ela e no futuro essas lembranças lhe parecem extremamente familiar, como se fossem suas. É a essência da cultura que atinge a criança através da fidelidade da memória. As

memórias do passado também são guardadas nos museus onde podemos ter acesso a outros conteúdos.

Neste sentido, podemos dizer que Vale Vêneto é um lugar que guarda memórias, tanto individuais quanto coletivas, como por exemplo, no Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM), mostrado na Figura 4, que preserva um extenso acervo de objetos e documentos, divulgados por meio de páginas na web, em jornais, revistas e pelos residentes do lugar.

Figura 4 – Vista do Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo (MIEM), Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo - MIEM. Disponível em: <http://www.museudoimigranteitaliano.org.br/o-museu/>. Acesso em: 20/04/2021.

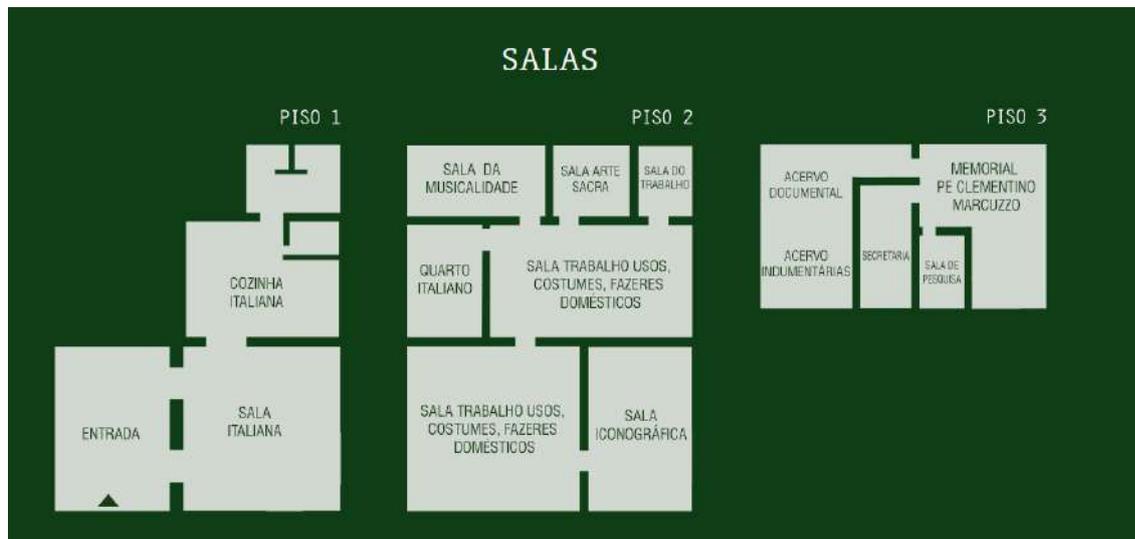
A memória que se quer preservar com este trabalho está representada e documentada nos objetos e documentos do museu daquela comunidade, história viva e vivida pelos antepassados das famílias que hoje fazem do Vale Vêneto sua morada.

O Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM) de Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine, foi fundado no dia 26 de julho de 1975, como um meio de preservar a memória dos imigrantes. A exposição contempla o cotidiano das famílias e está organizada em salas temáticas, como mostrado na Figura 5, com uma cozinha italiana, um quarto de casal, uma capela, sendo que os objetos foram doados pelos moradores do lugar.

Utensílios domésticos, ferramentas agrícolas, objetos litúrgicos, vestimentas antigas da época, são alguns dos objetos da exposição, os quais guardam uma rede de significados. Como exemplo, na Figura 6 é possível ver uma cozinha e na Figura 7 uma sala italiana. No acervo do museu também encontramos documentos pessoais e diferentes tipos de registros, como o livro de genealogia dos imigrantes, passaportes e fotografias.

Conforme o Jornal *Interior* (22/03/1982), o Sr. Eduardo Marcuzzo, quando criança, se apaixonou pelas histórias de imigrantes italianos que o seu pai contava. Um dia resolveu juntar pedras que ele encontrava nas lavouras usadas pelos indígenas. Queria fundar um museu com estes artefatos de pedras, mas quando achou em grande quantidade objetos antigos que pertenceram às famílias italianas, mudou de ideia e resolveu usar estes objetos coletados para contar a história dos imigrantes, pesquisando sobre a origem de cada peça que encontrava.

Figura 5 – Salas temáticas do Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo (MIEM), Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo - MIEM. Disponível em: <http://www.museudoimigranteitaliano.org.br/exposicao/>. Acesso em: 06/12/2021.

Figura 6 – Sala temática do MIEM, Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS: Cozinha Italiana



Fonte: Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo - MIEM. Disponível em: <http://www.museudoimigranteitaliano.org.br/cozinha-italiana/>. Acesso em: 06/12/2021.

Hoje, o museu possui mais de mil objetos doados por particulares, formando um acervo representativo de uma identidade cultural. Uma das salas temáticas é o quarto italiano, mostrado na Figura 8, onde apresenta os móveis que compõe o quarto. Uma cama, um berço e outro elementos da época.

Este acervo, que preserva a memória da comunidade local, é visitado, tanto presencial como pela web, por todos que querem conhecer os aspectos da vida dos imigrantes. Ali estão arquivados os documentos, as fotos, os registros dos antepassados desta comunidade. Na Figura 9 observa-se os instrumentos utilizados no dia a dia da vida das famílias dos primeiros imigrantes italianos da região.

Arquivar o material escrito e fotográfico da época é dar ênfase a memória coletiva da respectiva comunidade, é uma forma de registro importante para a pesquisa que abrange o cotidiano das famílias italianas, dando o devido valor histórico e patrimonial àquele grupo

Figura 7 – Sala temática do MIEM, Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS: Sala Italiana



Fonte: Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo - MIEM. Disponível em: <http://www.museudoimigranteitaliano.org.br/sala-italiana/>. Acesso em: 06/12/2021.

Figura 8 – Sala temática do MIEM, Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS: Quarto Italiano



Fonte: Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo - MIEM. Disponível em: <http://www.museudoimigranteitaliano.org.br/quarto-italiano/>. Acesso em: 06/12/2021.

social.

Como a proposta desta pesquisa é trazer à tona as histórias que estão guardadas

na memória das pessoas mais velhas da comunidade, foi feita uma conversa no estilo de uma entrevista e, na sequência, dividido com os alunos as narrativas. O relato dos descendentes de imigrantes italianos foi gravado para que os estudantes tivessem contato com os nonos e nonas, mesmo que por meio eletrônico, e registrado com o auxílio dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop e uma cópia ficará arquivada no Museu de Vale Vêneto.

Figura 9 – Sala temática do MIEM, Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS: Trabalhos, Usos, Costumes e Fazeres Domésticos



Fonte: Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo - MIEM. Disponível em: <http://www.museudoimigranteitaliano.org.br/trabalho-usos-costumes-fazeres-domesticos/>. Acesso em: 06/12/2021.

Para registrar e preservar essas lembranças, produziu-se um caderno didático como forma de divulgar as experiências relatadas sobre os primeiros tempos na colônia vividos por essas pessoas e seus familiares.

Segundo Costa (1997, p. 132):

Inúmeras são as formas de transmissão de experiências. O relato, por exemplo, é uma conduta, um comportamento narrativo que se dá em função da ausência dos fatos. É uma forma de preservação de lembranças. Pode ser oral, transmitido de pessoa a pessoa, tomando o espaço dos grupos e das instituições, mas pode também ocupar outras superfícies de inscrição, como textos, os corpos, em seus gestos, os objetos, os artefatos.

Divulgar essa pesquisa entre os familiares dos alunos e a população em geral objetiva a sobrevivência das memórias daquele grupo, e da preservação do patrimônio cultural ali apresentado.

Para Constante (2017, p. 75),

A informação também é transmitida por meio de gestos, desenhos rituais, fotogra-

fias, etc. Cada acontecimento irá transmitir algum tipo de informação, que gera conhecimento e/ou simbologia, que podem possuir significados distintos para cada sociedade, justamente por ser constituído por grupos de indivíduos com costumes e culturas próprias, em um determinado espaço e tempo.

Esses acontecimentos que fazem parte do dia a dia da comunidade precisam ser transmitidos aos indivíduos para que não caiam no esquecimento e para que tenham força de transformar o comportamento da geração atual, que está mais preocupada em acumular bens materiais e sobreviver neste momento crucial da vida, do que produzir e criar.

Este documento será uma fonte de informação, trazendo consigo o registro dos acontecimentos que comprovam o fato e as ações dos indivíduos. Para Constante (2017, p. 46), “se os documentos são de interesse público e de valor secundário (histórico), passam a ser patrimônio documental da humanidade, devendo ser preservados para fins de acesso”.

Segundo Portelli (1997, p. 37), as “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que pensa que fez”. Portanto, esses relatos estão carregados de sentimentos e experiências vividas pelos descendentes de imigrantes italianos que esperam estar ajudando os jovens a conhecer a sua história.

Por isso, o material aqui construído servirá de pesquisa e ficará à disposição dos interessados na biblioteca municipal e nas escolas da rede municipal e estadual que atuam no município.

3.2 PATRIMÔNIO, PATRIMÔNIO CULTURAL

Iniciou-se os estudos com os alunos do 4º e do 5º ano sobre Patrimônio, Patrimônio Cultural e Histórico ainda de forma remota, pelo Google Classroom, com uma pesquisa onde os estudantes responderam as seguintes questões: O que você entende como Patrimônio? Você saberia identificar um Patrimônio do nosso município? Que curiosidade você tem sobre o tema?

Essa é uma turma multisseriada onde os estudantes possuem entre nove e dez anos de idade, alguns com bom desenvolvimento cognitivo, acesso a pesquisa e ajuda familiar. Enquanto outros possuem dificuldades de aprendizagem, falta de recursos e nenhuma ajuda na realização das atividades remotas.

Em consonância com Morán (2015, p. 16):

Os métodos tradicionais, que privilegiam a transmissão de informações pelos professores, faziam sentido quando o acesso à informação era difícil. Com a Internet e a divulgação aberta de muitos cursos e materiais, podemos aprender em qual-

quer lugar, a qualquer hora e com muitas pessoas diferentes.

Portanto, o estudo à distância trouxe uma nova experiência aos nossos discentes, pois foram desafiados a construir o conhecimento, buscando informações, aprendendo a tomar decisões e desenvolvendo habilidades e competências necessárias para que aconteça a aprendizagem.

Após o retorno das aulas presenciais, em maio de dois mil e vinte e um, os estudantes passaram por um processo de readaptação à escola, com novos protocolos e ajustes na carga horária e nos conteúdos a serem desenvolvidos, com uma matriz curricular de referência para todas as escolas da rede estadual do Rio Grande do Sul.

Objetivou-se buscar o conhecimento que os estudantes possuem sobre o conteúdo e o envolvimento familiar na busca por novas informações, iniciando assim, a construção dos conceitos fundamentais no estudo proposto sobre os patrimônios da comunidade de Vale Vêneto, São João do Polêsine, Rio Grande do Sul.

Ao pronunciarmos a palavra patrimônio, logo nos vem à mente a noção de bens, objetos de valor, mas também memória, herança, algo que se constrói e preserva com o passar do tempo, podendo assumir valores não só econômico ou de uso, mas afetivo e até mesmo simbólico, desde que com eles nos relacionemos pelo vínculo do apoderamento.

Recorrendo ao dicionário, encontraremos uma definição de patrimônio como herança paterna. Isso significa, resumindo, que patrimônio é um complexo de bens deixados pelos nossos antepassados, representados, não apenas no seu restrito sentido material, mas naquela condição de bens que assumem uma dimensão imaterial.

A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, substituindo a denominação Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Com isso, a Constituição Brasileira adicionou o conceito de referência cultural e definiu quais bens são passíveis de reconhecimento, sobretudo, o bem cultural imaterial. A parceria entre população e poder público fica mais presente, mas a gestão desse patrimônio fica a cargo do poder público.

O Decreto de 1937 estabelece como patrimônio “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”, o Artigo 216 da Constituição conceitua patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. (IPHAN, 2021).

Os bens imateriais são as formas de expressão, modo de falar, de criar, de fazer, de viver, de usar, que se incorporam a alguém e na coletividade, de tal maneira que passam

a referenciar uma identidade. Identidade essa levada de geração em geração através dos fazeres tradicionais daquela comunidade.

Percebe-se então, que o conjunto de bens de valor, com significado coletivo, representa o patrimônio de um grupo de pessoas, de um país ou até mesmo da humanidade. Umbelino Peregrino de Albuquerque Arquiteto - Superintendente Substituto do IPHAN na Paraíba, nos diz que:

[...] patrimônio tem relação inseparável com a Cultura - o conhecimento que vai sendo acumulado num processo dinâmico de aprendizado por um indivíduo ou grupo social, durante a sua trajetória e que é transmitido às novas gerações como legado cultural. Portanto, é a herança cultural acumulada ao longo do tempo pelos homens, agentes das realizações e história de uma sociedade, que denominamos de patrimônio cultural. O produto da construção coletiva de uma sociedade é o que faz a diferença entre elas, diferenciando-as de outras, criando daí o verdadeiro sentido de identidade que vem a pertencer a todos os cidadãos. Neste sentido, tudo que é produto da ação consciente e criativa dos homens sobre o meio em que vive é patrimônio cultural. (PEREGRINO, 2012, p. 5).

A sociedade passa a desfrutar do patrimônio cultural, cabendo a ela cuidar para que o bem não seja inutilizado, empobrecido, manchado, mas sim, cada vez mais valorizado, de modo que as gerações futuras, herdeiras naturais dele, recebam-no nas melhores condições de vitalidade.

O patrimônio cultural assume um valor coletivo e constitui a riqueza e a herança de um povo. Cabe ao poder público, assumindo o poder de interesse da sociedade, proteger e representar o mesmo.

A valorização do patrimônio cultural brasileiro passa também pela ação pedagógica, com o objetivo de desenvolver o processo permanente e sistemático de inserção do conhecimento junto à comunidade. A Educação Patrimonial apresenta-se, portanto, como suporte de conhecimento para promover, no indivíduo, a noção de cidadania, desenvolvendo, de modo coletivo, o sentido de pertencimento e apoderamento, elementos fundamentais para a sensibilização da sociedade e geradores do orgulho e da autoestima, que fazem elevar o senso de preservação do patrimônio cultural.

3.3 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Muitas iniciativas educacionais vêm sendo bem-sucedidas nos últimos anos, no que se refere a Educação Patrimonial. Com uma grande variedade de ações, projetos, métodos e práticas assegurando a participação da comunidade e trazendo com isso a construção coletiva do conhecimento, identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à

memória social do local.

Atualmente, a CEDUC defende que a Educação Patrimonial se constitui de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural. (IPHAN, 2021).

Assim, valoriza-se a diversidade cultural presente na comunidade e o fortalecimento da identidade local, onde a construção do conhecimento acontece quando faz sentido para o aluno, portanto, a Educação Patrimonial deve fazer sentido para ele e para todas as pessoas que o cercam, a partir do conhecimento, da preservação e da valorização do patrimônio ali construído.

Com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)¹, em 1937, o patrimônio cultural brasileiro passou a ser protegido e valorizado, oficialmente, pelo poder público. O IPHAN atua em conjunto com a sociedade para preservar realizações materiais e imateriais representativas da criatividade, diversidade, expressividade e excepcionalidade, produzidas em todas as épocas e regiões do Brasil. O maior objetivo é guardar para as gerações futuras a oportunidade de conhecer e vivenciar o patrimônio brasileiro que faz parte da história de construção da nação e das identidades locais.

Portanto, todo cidadão deve cuidar e proteger o patrimônio brasileiro e se apropriar de sua história formal ou informalmente e, para a sua organização, se apropriar de um conhecimento mais aprofundado.

Como mencionado anteriormente, a professora e mestranda participou dos cursos de Educação Patrimonial na década de 1990, iniciado como experiência piloto em Silveira Martins e, em meados de 1994, entrou em contato com o Projeto de Educação Patrimonial desenvolvido durante quatro anos de modo planejado e sistemático nos municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana, coordenado por José Itaquí e Maria Angélica Villagran. Atualmente, participa do Programa Geoparque Quarta Colônia/UFSM através do Projeto “Educação Patrimonial em Tempo de Pandemia - atividades junto as escolas dos municípios do Projeto Institucional Geoparque Quarta Colônia”. Com isto, entende-se que é possível contribuir para este projeto buscando a preservação do patrimônio histórico da

¹O SPHAN (hoje IPHAN) foi criado por meio do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, durante o momento de centralização do poder, no governo de Getúlio Vargas, e tem por finalidade determinar, organizar, conservar, defender e propagar o patrimônio histórico e artístico nacional. Esse mesmo decreto-lei cria também o instituto do “tombamento”, figura jurídico-administrativa que visa garantir a preservação dos bens culturais de natureza material.

cidade de Vale Vêneto através da Educação Patrimonial, com o intuito de conscientizar os moradores do valor histórico das suas residências, tendo em vista que, grande parte dessas, são usadas como depósitos ou celeiros pelos descendentes, que ao lado delas construíram suas moradias modernas, deixando de valorizar ou preservar como patrimônio da cultura local.

Esta pesquisa dedicou-se a ouvir as histórias das primeiras residências construídas pelos imigrantes italianos que chegaram na Quarta Colônia de Imigração Italiana, em 1877, mais precisamente na comunidade de Vale Vêneto, onde onze famílias se instalaram na localidade, que então era conhecida como “Buraco”, por sua localização no vale. Suas primeiras atividades eram a limpeza do mato, abertura de caminhos e a construção das casas. Os alunos do quarto e quinto ano, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, entraram em contato com os avós para ouvir as histórias contadas pelos descendentes italianos mais antigos da comunidade e para entender os acontecimentos do passado, podendo assim, compreender o presente e construir um futuro mais preservacionista para a comunidade.

Segundo Constante (2017, p. 77),

Como a grande maioria vive em sociedade é preciso transmitir as informações, seja por sobrevivência física e psíquica, planejamento e comprovação de atos (econômicos, sociais e culturais) ou difusão e entretenimento. Quando um conhecimento e/ou simbologia é transmitido ocorre um processo de troca de informação através da comunicação.

Vale Vêneto, por si só, já é um espaço educativo. Traz consigo uma história e uma vivência característica da imigração italiana e de lugares onde se cultiva a religiosidade e a tradição. Aproximar os alunos em idade de nove e dez anos com os mais velhos da localidade para ouvir suas histórias e transcrevê-las, produzindo um caderno didático com todos esses dados, possui um sentido especial de Patrimônio Cultural, de preservação do ambiente e da cultura ali inserida.

3.3.1 Processos educativos formais e não formais de ensino em Vale Vêneto - RS

A comunidade de Vale Vêneto possui uma escola em que o estado do Rio Grande do Sul é o mantenedor, onde acontecem os processos formais de aprendizagem. A escola atende alunos da sede e de outras diferentes localidades próximas, com níveis socioeconômicos e culturais diversificados, respeitando as individualidades dos educandos. Não há problemas de evasão, infrequência e repetência escolar.

Na Figura 10 é visível a Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, juntamente com a Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes.

Figura 10 – Escola Padre Rafael Iop e Casa de Retiro Nossa Senhora de Lourdes em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Caderno7. Disponível em: <https://www.caderno7.com/2014/10/ex-alunos-das-escolas-vale-veneto-t-em.html>. Acesso em 10/05/2021.

A Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria foi a primeira Congregação Feminina que veio para a Região Central, no interior do Rio Grande do Sul. Em 1892, a pedido dos padres Palotinos, as Irmãs do Imaculado Coração de Maria aceitaram o desafio de abrir e manter uma escola para atendimento dos filhos dos imigrantes italianos. Em 1980, a congregação cessou as atividades educacionais e alugou uma parte do prédio para o Estado, para que funcionasse a escola estadual ali.

A população da comunidade é basicamente de adultos, sendo poucos jovens e crianças. Os jovens, em sua maioria, ao concluírem seus estudos, deixam a localidade buscando emprego em outras cidades, que traz como consequência a diminuição da população infantil. Diante disso, a escola busca alternativas para o envolvimento de todos os segmentos da comunidade escolar, visando a conscientização da importância e valorização da cultura da comunidade, uma forma de ampliar os recursos da população local.

A escola busca firmar, por meio das relações humanas, a cooperação, a solidariedade, a responsabilidade, a reciprocidade e a participação coletiva. Conforme os Princípios e Diretrizes da Escola Pública Estadual, busca-se uma Escola crítica, democrática e libertadora, que construa e desenvolva valores morais e éticos, buscando a transformação da sociedade. Inspirada nos valores humanos de solidariedade, responsabilidade, consciência e respeito pela diversidade, formadora de cidadãos conscientes de sua responsabilidade social.

A escola tem por finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum, indispensável ao exercício da cidadania, fornecendo meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. Visa o desenvolvimento da capacidade de aprender: a ler, escrever, interpretar, calcular e compreender o ambiente natural, social, do sistema

político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade. Neste sentido, faz-se necessário recontextualizar os espaços educativos:

Se, em uma dada perspectiva, o fim social da escola é transmitir os 'conteúdos-histórico-socialmente relevantes', agora, numa perspectiva mais plural, caberá à escola diversificar e ampliar não apenas os conteúdos ou as formas de avaliação ou de ensino, mas recontextualizar os espaços e os tempos formativos, tendo em vista os sujeitos e suas práticas sociais. (LEITE; CARVALHO; NOGUEIRA, 2010, p. 22).

Desta forma, a escola tem o papel de provocar mudanças de atitude para a transformação da sociedade e o fortalecimento das relações humanas. Trabalha os aspectos da vida cidadã: saúde, sexualidade, vida familiar e social, meio ambiente, trabalho, ciência, tecnologia, cultura e imagem, estudo da história, da cultura afro-brasileira e dos direitos humanos em todos os componentes curriculares utilizando-se dos multimeios disponíveis, da interdisciplinaridade e contextualização.

A escola se abre, portanto, para o seu entorno local, que se torna espaço educativo mais amplo e a cidade se vê como educativa para todos os que nela vivem e, em especial, aos que se encontram inseridos em processos formais de educação como estudantes nas escolas públicas. (LEITE; CARVALHO; NOGUEIRA, 2010, p.23).

A partir disso, vemos a escola pública de Vale Vêneto envolvida com os projetos da comunidade e participando ativamente das festas, festivais, desfiles e comemorações dentro do território municipal. Procurando desenvolver, no aluno, uma educação integral, na medida em que eles participam de todo o processo de preparação destas comemorações, se envolvendo cotidianamente com a produção de alimentos, de enfeites, de organização dos espaços e convivendo com os organizadores e seus ajudantes. Assim, percebe-se que a proposta educativa da escola de Vale Vêneto corrobora com as concepções de Leite, Carvalho e Nogueira (2010, p. 48):

A formação integral e o exercício da cidadania também se dão na medida em que as crianças participam dos processos de pesquisa e de aprendizagem, vivenciam a convivência com o coletivo, tomam decisões, são responsáveis por tarefas, se dirigem para a organização dos espaços e dos tempos, ou seja, são percebidos e tratados como sujeitos protagonistas.

Na comunidade de Vale Vêneto, divide-se, com as crianças e adolescentes, a responsabilidade de organizar os espaços para as festas religiosas, como a de Corpus Christi, onde os mesmos participam da produção dos alimentos que serão comercializados em benefício da paróquia local, como: massa de agnoline, pães,ucas, bolachas, doces e

salgados, que são comercializados nos quinze dias próximos a festa. As crianças, adolescentes e jovens participam também da organização e decoração dos espaços destinados para a festa, organizam as mesas e ajudam a servir os alimentos no dia.

As festas da comunidade de Vale Vêneto podem ser consideradas como espaço de educação não formal, pois permitem aos jovens aprender com os professores e os familiares o saber-fazer herdado dos antepassados, por exemplo, quando encontramos os jovens e adolescentes na confecção dos tapetes para a festa religiosa de Corpus Christi, que acontece no mês de junho. Com a supervisão dos adultos, detentores do saber-fazer, os jovens aprendem a produzir os tapetes, que podem ser com serragem colorida, areia, borra de café ou material reciclável. Representam cenas bíblicas e figuras que simulam o pão, a uva e o cálice com vinho, celebrando um dos princípios mais importantes do catolicismo: o sacramento da eucaristia.

Com a colaboração e experiência de vida dos adultos que transmitem o conhecimento para adolescentes e os jovens que compreendem, não somente a mensagem religiosa da comemoração, mas a importância da solidariedade e é a partir do trabalho comunitário que o grupo desempenha na manutenção de uma tradição.

Observamos, nas Figuras 11 e 12, jovens alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop confeccionando os tapetes para a Festa de Corpus Christi, no ano de 2020.

Para os desenhos no gramado e na calçada, o Professor José Paulo Rorato colabora na ornamentação dos tapetes usando representações de símbolos religiosos e que lembram a Eucaristia. Para o preenchimento dos desenhos é usado diversos materiais, como a serragem, arroz e grãos, que são misturados com tinta para dar a coloração desejada.

Outra festividade realizada em Vale Vêneto é o Festival de Inverno, mostrada na Figura 13, promovido pela Universidade Federal de Santa Maria, e a Semana Gastronômica de Vale Vêneto, onde a participação da comunidade é maciça, sendo que os moradores se envolvem na preparação dos alimentos e dos espaços para a realização das festividades.

A preocupação maior é com a boa recepção dos estudantes e turistas que visitam a localidade na última semana de julho de cada ano. Podemos dizer que, o conceito de cidade educadora pode ser identificado em Vale Vêneto, onde os adolescentes e os jovens, além de aprenderem com os mais velhos, desenvolvem o espírito de fraternidade, onde podem contribuir com a manutenção das instituições locais e com a preservação dos bens culturais, além de crescer e desenvolver seu potencial humano, ser auto suficiente e empreender para buscar sua independência.

São os atores sociais que transformam os espaços físicos em lugar, por meio da produção de estilos com estruturas particulares de significados, os quais envolvem memória, sentimento de pertença e afirmação coletiva. O espaço (lugar) é condição necessária para a construção de identidades grupais e individuais com

Figura 11 – Alunos ajudando a confeccionar os tapetes da Festa de Corpus Christi em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental Pe. Rafael Iop, Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS.

e na cidade. Nesse sentido, o espaço público possui uma dimensão socializadora para muitos cidadãos que se apropriam dele para encontros, interações afetivas ou mesmo como palco para a expressão da cultura que elaboram. (LEITE; CARVALHO; NOGUEIRA, 2010, p. 27).

Com isso, o espaço público da comunidade de Vale Vêneto é um palco para a expressão da cultura e onde se constroem as identidades individuais e coletivas. É necessário um olhar mais apurado ao nosso redor para ver as dimensões educativas que existem e que cotidianamente se tornam invisíveis para nós. Nas palavras de Leite, Carvalho e Nogueira (2010, p. 30),

Ali, jovens, crianças, adultos, homens, mulheres se encontram e estabelecem relações. Reconhecem-se como sujeitos de suas práticas sociais e como cidadãos, como alguém que vive numa cidade e nela circula ao estabelecer o acesso a seus bens materiais e simbólicos.

No momento em que os indivíduos estabelecem relações interpessoais, estes estão desenvolvendo ações de ensino e de aprendizagem, pois a educação acontece no nível social, cultural e histórico. As ações cotidianas das crianças, adolescentes e jovens de Vale Vêneto demonstram esse crescimento educativo e a participação da comunidade no

Figura 12 – Professor de Arte da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, José Paulo Rorato, orientando os alunos na confecção dos tapetes, juntamente com um membro da comunidade, no ano de 2020 em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental Pe. Rafael Iop, Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS.

Figura 13 – Festival Internacional de Inverno da Universidade Federal de Santa Maria e Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Rádio Jornal Integração. Disponível em: <http://radiojornalintegracao.com.br/vale-veneto-agiliza-os-preparativos-para-o-festival-de-inverno-2019/>. Acesso em 03/05/2021.

desenvolvimento de cada um.

O Patrimônio Histórico e Cultural existente em Vale Vêneto faz parte do processo

educativo da sociedade, onde são construídas, vivenciadas e reconhecidas identidades, sejam elas formais ou não. É espontâneo e acontece no cotidiano das pessoas, quando se transmite o conhecimento de geração para geração.

As formas espontâneas de educação patrimonial dão-se no dia a dia dos homens: aprender a falar; ao ouvir histórias infantis, lendas, cantigas, ao andar na rua, ao olhar um prédio antigo, ao ler ou pronunciar o nome da rua, ao observar uma máquina agrícola antiga, ao olhar galerias de fotos nos museus, etc. Queiramos ou não, a educação patrimonial se constitui na ação de absorver o legado da ação de quem nos antecedeu. (MACHADO; ZANOTTO, 2012, p. 25).

Nesse contexto, o aprendizado acontece desde a infância. Por isso, os professores, tanto dos anos iniciais quanto dos anos finais do Ensino Fundamental trabalham os conteúdos de história visando a Educação Patrimonial articulada nos seus planos de aula, porque todo educador deve contribuir com a identidade cultural dos diferentes grupos étnicos que formam a sociedade.

Esta pesquisa se desenvolveu na disciplina de Produções Interativas, na carga horária de duas horas semanais, como tema transversal, e foi trabalhado o histórico das edificações da comunidade de Vale Vêneto, bem como as atividades desenvolvidas e transcritas no produto dessa dissertação, e o caderno didático como a parte diversificada e transversal, conforme aponta a nova Base Nacional Comum Curricular.

Neste sentido, com base na Lei nº 9.424, de 14 de dezembro de 1996, no Título V, Capítulo II, Da Educação Básica Seção I, Das Disposições Gerais, no Art. 26, explana-se que “os currículos de ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela”, tem-se buscado incluir, nos programas escolares, questões referente à pluralidade cultural, conhecendo as áreas tombadas pelo patrimônio, lugares de memória para aquele povo, monumentos importantes da identidade histórica do lugar e o estudo dos espaços urbanos e rurais.

Pois entende-se que, o indivíduo, vivendo em sociedade, constrói a história, a cultura, a educação, e o conhecimento, sendo este transmitido por meio de uma prática educativa, ou seja, através da educação patrimonial. Para Machado e Zanotto (2012, p. 37), “entre história, cultura e educação patrimonial, há uma relação muito estreita, pois tratam de preservar, representar e refletir sobre memórias, ou seja, modos de vida”, conservando assim, aspectos da cultura que os identificam.

No distrito de Vale Vêneto, questões da vida cotidiana e da preservação do patrimônio local são assuntos de projetos e estudos em todas os anos/séries do ensino fundamental da Escola Padre Rafael Iop, pois, além de fazer parte da vida do aluno, também é conteúdo transversal, a parte diversificada, mencionada na lei.

Portanto, essa comunidade, que se destaca no cenário da imigração italiana, no centro do estado do Rio Grande do Sul, possui história e lugares de memória de um grupo de famílias imigrantes que se fixou aqui para recomeçar sua história de vida, viver e progredir num novo território, “lugar de aprender”, lugar desconhecido, onde foi preciso aprender a conviver para reescrever a história, aprender com a cultura nativa e reconhecer o valor deste lugar, o qual se tornou e se transformou no seu patrimônio. A vontade de preservação deste lugar e, com este, sua cultura faz com que entendamos o conceito de uma cidade educadora.

Um território educativo oferece as condições necessárias para, nas palavras de Arroyo, ‘um justo e digno viver’: ambientes saudáveis, espaços próprios para o exercício motor, segurança, asseio, acessibilidade, serviços de saúde, condições de moradia adequadas, entre outros pontos de fundamental importância. Mais do que isso, porém, um território educativo efetivamente oferece as condições para que as pessoas desejem aprender, conhecer o mundo, se desenvolver. (SINGER, 2015, p. 14).

Portanto, a cidade, espaço físico, não deve ser vista somente como local de moradia e trabalho, mas também como espaço educativo, onde os indivíduos aprendem com a cidade, por meio de uma maior abertura dos espaços formais - as escolas -, para os espaços não formais de ensino, como por exemplo, as igrejas, o clube, as associações etc.

Neste sentido, as atividades planejadas pela Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop para o ensino não formal, ou seja, realizadas fora do sistema educacional sistemático, está intimamente ligada a uma proposta de cidade educadora, pois articula escola e comunidade, educação e herança cultural da localidade, o que colabora, na sua totalidade, com o desenvolvimento do educando e o sentido de pertencimento à cultura local.

Território educativo, bairro educador, cidade educadora. Diversos são os nomes dados a um conjunto de estratégias articuladas por comunidades e governos para garantir os direitos básicos das novas gerações. Em comum, a visão de que a escola sozinha não é capaz de oferecer as condições necessárias para o desenvolvimento das pessoas em suas dimensões intelectual, física, afetiva e social. (SINGER, 2015, p. 162).

Sendo a escola incapaz de oferecer o pleno desenvolvimento do educando, faz-se necessário integrar poder público, famílias, escolas, rede de proteção e agentes da cultura em torno de um projeto comum, voltado à transformação do lugar em um ambiente que favoreça o pleno desenvolvimento de todos (SINGER, 2015).

Como a comunidade de Vale Vêneto, pertencente ao município de São João do Polêsine, realiza com intensa participação dos moradores as diversas festas religiosas, ficou conhecida como Capital Espiritual da 4ª Colônia. Os eventos, realizados em torno

das festividades dos santos padroeiros, por exemplo, envolvem a participação das famílias, crianças, jovens e idosos, que se unem para preservar suas devoções e tradições, estes são exemplos que podem ser considerados formas de aprender com a localidade, com seus templos, suas devoções, gastronomia, etc.

Na Figura 14, por exemplo, os alunos participaram do desfile da Festa do Arroz, em 2019, representando a formação da comunidade de Vale Vêneto. Na foto, alunos dos anos iniciais e finais estão representando a participação das famílias na construção da Igreja de Corpus Christi. Com a ajuda de todos os colonos moradores da comunidade, a igreja foi construída de tijolos cozidos, fabricados nas casas dos próprios moradores e eram levados pelas mulheres nos aventais e ou em cestas, quando estas iam para as missas aos domingos. Ao fundo, nota-se a lateral da primeira Igreja de Vale Vêneto, construída em madeira e dedicada a São Francisco de Assis.

Figura 14 – Desfile da Festa do Arroz - 2019 em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS.

A igreja de Corpus Christi levou vinte anos para ser construída e deve-se ao sacrifício dos imigrantes que trabalharam gratuitamente rachando pedras, preparando madeiras e carregando tijolos para sua construção.

A Figura 15 representa a importância da fé e religiosidade dos imigrantes italianos,

na representação da primeira capela construída em 1886: uma capela feita em madeira, dedicada a São Francisco de Assis, para que pudessem se encontrar aos domingos e rezar o terço, já que ainda não havia padres na região. Na frente da igreja, um aluno representa o santo dedicado a esta capela.

Figura 15 – Representação, no desfile da Festa Regional do Arroz em 2019 em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS, da 1ª Capela construída em Vale Vêneto, dedicada a São Francisco de Assis



Fonte: Arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS

Os colonos não desistiram de buscar um sacerdote que celebrasse a Eucaristia e os demais sacramentos. Após pedidos insistentes dos imigrantes ao seu país de origem para que enviassem padres para essa região, em fevereiro de 1885 chegaram os primeiros missionários palotinos, da Itália para Vale Vêneto.

Com a chegada dos Padres Palotinos, os imigrantes italianos foram atendidos em suas necessidades religiosas, na educação dos seus filhos com a abertura do Seminário Rainha dos Apóstolos e oferecendo a formação cristã a toda a comunidade. Para o imigrante italiano, o padre era o líder da comunidade, reivindicava melhorias para a colônia, mantinha a ordem, a moralidade e a estabilidade dos colonos.

Para Marcuzzo (1992), a primeira e grande preocupação dos missionários Palotinos,

ao chegarem em Vale Vêneto era de construir colégios e igrejas para praticar sua religião e a educação para seus filhos, colunas mestras para o desenvolvimento de um povo.

Construíram então, o Seminário Rainha dos Apóstolos, apresentado na Figura 16, décima casa Palotina no mundo, para abrigar os jovens seminaristas desejosos de seguir o sacerdócio.

Figura 16 – Seminário Rainha dos Apóstolos, construído em 1892 e inaugurado em 1920, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Prefeitura Municipal de São João do Polêsine. Disponível em: https://saojoaodopolesine.rs.gov.br/Servicos/Turismo_Detalhes/607. Acesso em 20/05/2021.

Conforme Vizzotto (2014), a construção do Seminário deu-se em etapas. Primeiro foi erguida a atual ala central, a qual levou oito meses para ser construída, sendo inaugurada no dia 11 de dezembro de 1922 com o nome de Colégio Rainha dos Apóstolos. Em 13 de novembro de 1992 foi canonicamente fundado o noviciado dos Palotinos com uma formação avançada.

Com o aumento da procura pelas vocações sacerdotais, foi necessário aumentar as instalações do Seminário. Segundo Quaini e Iop (2006, p. 12), “no decorrer do mesmo ano, nasceu a pequena tipografia, fundada e dirigida pelo Padre Rafael Iop, com o fim de imprimir a revista missionária Rainha dos Apóstolos e outros livretos de cunho espiritual”. Após 1933, a tipografia foi transferida ao Patronato Antônio Alves Ramos, em Santa Maria.

Atualmente, o prédio é denominado Centro Cultural Rainha dos Apóstolos e é ocupado para os encontros dos Padres da Congregação Palotina.

Sendo uma comunidade muito religiosa e por sugestão dos padres capuchinhos (que estavam pregando missões) foi construído, em 1913, pelos moradores de Vale Vêneto, o Monte Calvário, mostrado na Figura 17. Lugar esse que representa os últimos

passos de Jesus Cristo depois que foi condenado à morte. Segundo Vizzotto (2014, p. 161):

O Monte Calvário fica localizado cerca de 100 metros do povoado onde no ponto mais alto tem-se uma vista panorâmica de todo o Vale. Construído pela comunidade as pequenas capelinhas representam a passagem do sofrimento de Jesus Cristo, antes de ser crucificado. No alto da colina é possível visitar a imagem exposta de Cristo morto dentro do sepulcro.

Durante a preparação da Páscoa, a comunidade realiza a Via Sacra, com parada em cada uma das capelinhas, com orações e cantos litúrgicos para preparação da festa da Ressurreição.

Figura 17 – Cristo Morto no sepulcro, Monte Calvário, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Via Sacra - Vale Vêneto. Disponível em: <https://mapio.net/pic/p-38909029/>. Acesso em 20/01/2022.

Muitas Vias Sacras são feitas neste local, durante o ano, pelos moradores, principalmente em épocas de dificuldades. Este local é visitado por estudantes, pessoas da comunidade e turistas, que buscam um pouco de paz e tranquilidade.

3.3.1.1 *A cidade como espaço educativo: O Geoparque Quarta Colônia*

Estando inserido em um município que faz parte do projeto Geoparque Quarta Colônia, aspirante UNESCO, Vale Vêneto é um distrito importante dentro do município de São João do Polêsine, transmitindo ao mundo, por meio de seus visitantes brasileiros e estrangeiros, o potencial turístico e cultural existente na região, com características próprias da colonização italiana, sendo que a população local vivencia, no dia a dia, essa cultura, demonstrando que o lugar é único, aprazível, bom de se viver.

Segundo Delphim (2009, p. 82), os Geoparques devem

[...] atender a exigências como ter um território definido, contribuir para o desenvolvimento autossustentável da região onde está instalado. Devem possuir sítios com elementos ecológicos, geológicos, históricos, culturais e turísticos relevantes para o estudo da evolução do planeta Terra, o que explica o indispensável envolvimento de órgãos científicos, culturais, ambientais e outros, nas atividades de sua criação e no processo de sua gestão.

Na Quarta Colônia, formada pelos nove municípios (Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine, Restinga Sêca e Silveira Martins), há um elemento específico e característico desta região, onde não se encontra em nenhum outro lugar do mundo, os fósseis de dinossauros, específicos do período triássico, isto pode possibilitar o recebimento do selo da UNESCO de Geoparque. Essa particularidade faz com que a região receba muitos turistas, fazendo-se necessário aperfeiçoar o turismo, esclarecendo a população para melhor atendê-los.

Conforme Castro, Fernandes e Firmino (2015, p. 56), “as três principais áreas de atuação do Geoparque são: Conservação do Patrimônio Geológico, a educação para a Sustentabilidade e o Turismo e o Desenvolvimento Local”. Portanto, a Educação Patrimonial, como uma metodologia, é uma das alternativas a ser trabalhada nas escolas da região, buscando envolver a família do aluno no sentido de ver, e de valorizar o patrimônio cultural ali existente, como as festas, por exemplo. Assim, a preservação do patrimônio local é uma das formas de fortalecimento da identidade daquele território, onde a construção do conhecimento, por meio da Educação Patrimonial, acontece quando faz sentido para o aluno.

Com o argumento de que “é essencial educar e sensibilizar as crianças e os jovens para a conservação e respeito pela Natureza” (CASTRO; FERNANDES; FIRMINO, 2015, p. 57), percebe-se a importância que a educação possui em qualquer que seja o setor da sociedade, principalmente em se tratando da natureza e do meio ambiente em que a criança está inserida.

Com o objetivo de trabalhar com os alunos, na sala de aula ou fora dela, assuntos da vivência do educando e de abrangência do Geoparque Quarta Colônia, busca-se contribuir para a preservação do patrimônio, valorizar a cultura do cotidiano das famílias, e do

contexto em que a criança está inserida, pois a cultura local, muitas vezes é inviabilizada pela constante presença em sua vida.

Aliado a Educação Patrimonial, entende-se que no espaço da comunidade de Vale Vêneto, muitas são as possibilidades de desenvolvimento sustentável, visto que, devido ao fluxo de turistas, este tornou-se um distrito turístico, promotor de diversas atividades anuais. Percebe-se que os moradores deste lugar possuem uma visão empreendedora e tem afeto pelo lugar, pois muitos se mantêm ligados a suas raízes, contribuindo para a preservação do legado cultural dos seus antepassados, e se superam nas escolhas que fazem para desenvolver este espaço e trazer à tona toda a história presente ali.

Assim, conforme referem Meneses et al. (2006), no texto “A cidade como bem cultural”, toda cidade possui três dimensões: a dimensão do artefato, a do campo de forças e a das significações. Encontramos essas três dimensões bem claras na comunidade de Vale Vêneto, onde suas construções antigas (o artefato) e as festas (representações de significados simbólicos) representam a história de um povo. Essa história foi construída pelas relações entre as primeiras famílias que vieram habitar e construir esse espaço (campo de força) e dos seus significados para a geração atual.

Esta comunidade, ao contemplar estas três dimensões, torna este espaço um lugar singular, que cultiva as tradições e que vivencia, no dia a dia, a tradição deixada como herança por seus antepassados.

Os Geoparques procuram, por meio de suas ações, conservar os bens daquele espaço territorial através de ações educativas junto as escolas e colaborando com o desenvolvimento sustentável da região. No município de São João do Polêsine, ações deste tipo estão sendo desenvolvidas desde 2018, sendo que, em 2019, a Universidade Federal de Santa Maria ofereceu vagas para o curso de mestrado no campo de Educação Patrimonial aos professores da rede municipal e estadual da região da Quarta Colônia. Sendo que vários professores, hoje mestrandos, atuam na região, motivados por seus projetos de pesquisas voltados para a região. Na perspectiva de integração da universidade com a região da Quarta Colônia, em 2020, os professores das Escolas Municipais desenvolveram, junto aos alunos, o projeto de Educação Patrimonial em Tempos de Pandemia. Neste sentido, coordenamos ações deste projeto na Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, de Vale Vêneto, com as professoras e alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, onde percebemos a potencialidade da nossa proposta, que visa dar a conhecer aos discentes e levar ao conhecimento de toda a comunidade as histórias das construções das primeiras residências de Vale Vêneto, que datam da chegada dos primeiros imigrantes italianos, 1877, e que, contadas aos alunos, professores da escola estadual e comunidade, podem colaborar para a valorização deste patrimônio, o conhecimento histórico e sua divulgação, mas, sobretudo, para a preservação da memória.

3.3.1.2 O Patrimônio Educativo

A história das construções do Distrito de Vale Vêneto, contada pelas pessoas mais idosas da comunidade, redigidas e preservadas num caderno didático à disposição de toda a comunidade, permitirá divulgar os fatos e acontecimentos do lugar, de uma determinada época, para o conhecimento de todos.

As entrevistas aconteceram somente no mês de novembro por conta da pandemia do novo coronavírus que assola o mundo há dois anos. A mestrandia aguardou a segunda dose da vacinação contra o vírus e a diminuição dos casos de covid no município. Por esse motivo, diminuiu também a quantidade de casas a serem pesquisadas, visto que, Vale Vêneto possui um vasto² território a ser pesquisado nesse sentido.

A falta de experiência da mestrandia em gravar as entrevistas, causou atrasos, pois necessitou da ajuda da sua filha Lana para que não precisasse retornar à residência para refazer a entrevista (como aconteceu com a primeira casa visitada). Esta medida visa não colocar em risco os proprietários, que são pessoas idosas, por isso, mais vulneráveis.

Após cada entrevista, que foi gravada e filmada, os alunos assistiram e puderam então entrar em contato com o universo dos nonos, ouvi-los e conhecer suas histórias, representando, em forma de desenho, o que mais chamou sua atenção. Percebeu-se o entusiasmo dos alunos em identificar as residências no trajeto da escola até suas casas, pois contavam com entusiasmo, no dia seguinte, que haviam visto e observado muitas coisas apresentadas nas entrevistas, identificando as casas, mesmo que de dentro do ônibus escolar, pois a pandemia não permitiu as visitas dos alunos às residências.

Ensinar história a partir da realidade do aluno, para que este participe do processo de aprendizagem, da construção da identidade, a partir das experiências do cotidiano é um dos objetivos do Geoparque como também da Base Nacional Comum Curricular e do Referencial Curricular Gaúcho. Portanto, o trabalho com os discentes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop está embasado na Educação Patrimonial e nos objetivos do Geoparque Aspirante UNESCO.

Com o argumento de Castro, Fernandes e Firmino (2015, p. 57) que “é essencial educar e sensibilizar as crianças e os jovens para a conservação e respeito pela Natureza”, percebe-se a importância que a educação possui em qualquer que seja o setor da sociedade, principalmente, em se tratando da natureza e do meio ambiente em que a criança está inserida.

Segundo Cechin (2002), o Geoparque deve considerar que a ligação principal, como agente entre o desenvolvimento sustentável e a estrutura que um Geoparque possibilita oferecer é o geoturismo. Em Vale Vêneto, o turismo é uma constante, e seu desenvolvimento próspero, pois essa comunidade está inserida num município onde os fósseis de dinossauros encontrados são específicos deste local, proporcionando visibilidade mundial

²Existem mais de 40 casas catalogadas no Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo.

a essa região, que é aspirante a um Geoparque, como a Quarta Colônia.

O geoturismo também tem valor cultural:

Encorajamos os territórios a desenvolver o geoturismo, focado não apenas no ambiente e no património geológico, mas também nos valores culturais, históricos e cênicos. Neste sentido, incentivamos o envolvimento efetivo entre cidadãos locais e visitantes, para que estes não se restrinjam ao papel de turistas espectadores, ajudando assim a construir uma identidade local, promovendo aquilo que é autêntico e único no território. Desta forma, conseguiremos que o território e os seus habitantes obtenham integridade ambiental, justiça social e desenvolvimento económico sustentado. (CASTRO; FERNANDES; FIRMINO, 2015, p. 53).

Portanto, o Geoparque Quarta Colônia irá beneficiar o desenvolvimento turístico na região, pois observa os aspectos de proteção e preservação do meio ambiente, da participação da sociedade e da capacidade de ser autossustentável.

Porém, o desenvolvimento de uma localidade ou de um território consiste em um processo de transformação, impulsionados pela criatividade e capacidade empreendedora e não deve ser imposta por alguém de fora ou por alguma instituição, mas sim, deve surgir da vontade da população daquele território, como afirma Vázquez (2007, p. 203):

La discusión anterior muestra que el desarrollo de una localidad, de un territorio o de un país consiste en un proceso de transformaciones y cambios endógenos, impulsados por la creatividad y la capacidad emprendedora existente en el territorio y, por lo tanto, sostiene que los procesos de desarrollo no se pueden explicar tan solo a través de mecanismos externos al propio proceso de desarrollo. Los procesos de desarrollo suelen producirse de forma endógena; es decir, utilizando las capacidades del territorio a través de los mecanismos y fuerzas que caracterizan el proceso de acumulación de capital, y facilitan el progreso económico y social.

A capacidade empreendedora e criativa de cada indivíduo é demonstrada no desenvolvimento territorial pois a pessoa se torna protagonista de sua própria história, do seu desenvolvimento e do desenvolvimento da sua localidade.

O Geoparque se preocupa em desenvolver todos os aspectos daquele território onde está inserido. Parte de um desenvolvimento de baixo para cima, vê o potencial de cada região e, portanto, será importante, pois está preocupado em desenvolver economicamente a região da Quarta Colônia, seja pela ajuda dos poderes públicos, seja pelo desenvolvimento endógeno, que vem de cada pessoa.

Os moradores da comunidade de Vale Vêneto possuem uma capacidade empreendedora e inovadora que impulsiona os processos de transformação econômica da região, pois as pessoas que vivem nesse território convivem com o turismo local e percebem quais

necessidades devem ser supridas ao longo do tempo.

Essas edificações possuem significados muito expressivos e necessitam de uma atenção especial da comunidade, pois “podem ser empregados em programas turísticos, de educação e interpretação patrimonial e paisagística” (CECHIN, 2019, p. 163).

A história oral contada pelas pessoas mais velhas da comunidade está carregada de lembranças de uma época em que sua vida era mais ativa, em que trabalhavam arduamente e se dedicavam a religiosidade.

Os imigrantes italianos valorizavam muito a família, geralmente numerosa. Os avós eram autoridades detentoras dos valores religiosos, morais e identitários. Contadores de histórias vividas, que passaram aos mais jovens suas conquistas, costumes e suas lutas pela sobrevivência. O nono e a nona são muito importantes, não somente na manutenção das tradições e memórias, como também para o desenvolvimento da comunidade, pois eles construíram suas moradas, sua roça, os espaços de devoção, como as igrejas e os capiteis próximos as suas casas, fruto do trabalho cooperativo, herança que perpetuou-se até a atualidade.

Na Figura 18 estão representados, ludicamente, em Vale Vêneto, o Nono e a Nona, estátua inaugurada em 29 de julho de 2007, para comemorar os 130 anos da chegada dos imigrantes italianos para Quarta Colônia. Pela Lei 528, de 29 de junho de 2007, é adotado, no Município de São João do Polêsine, as figuras do “Nono e da Nona” como símbolo oficial da Colonização Italiana. São personagens com forte conteúdo simbólico de religiosidade e de trabalho, esta referência de ligação entre o passado e o presente desta comunidade será utilizado como mascote do produto desta dissertação.

É importante que essa história que faz parte da memória dos habitantes da comunidade de Vale Vêneto seja preservada e deixada como herança às gerações presentes e futuras, pois esses registros culturais proporcionam um momento de reflexão e crítica, que ajudam a reconhecer o grupo cultural a que se pertence e a conhecer outras expressões da cultura.

O estudo culminou com a visita dos estudantes do 4º e do 5º ano, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, ao Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo. Momento em que os alunos demonstraram todo o conhecimento adquirido durante o estudo, pois ficaram entusiasmados com tudo que enxergavam no museu e relacionavam com as entrevistas e os objetos demonstrados nas filmagens.

Com isso, percebeu-se que os objetivos foram alcançados e que a aprendizagem realmente aconteceu, pois como diz Morán (2015, p. 18):

Alguns componentes são fundamentais para o sucesso da aprendizagem: a criação de desafios, atividades, jogos que realmente trazem as competências necessárias para cada etapa, que solicitam informações pertinentes, que oferecem recompensas estimulantes, que combinam percursos pessoais com participação significativa em grupos, que se inserem em plataformas adaptativas, que reco-

Figura 18 – Estátua representativa do Nono e da Nona, em frente ao Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo, Vale Vêneto/RS



Fonte: Research Gate. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-11-Representacao-do-Nono-e-da-Nona-em-Vale-Veneto_fig3_284186235. Acesso em 20/05/2021.

nhecem cada aluno e ao mesmo tempo aprendem com a interação, tudo isso utilizando as tecnologias adequadas.

Nesse sentido, buscou-se utilizar da Educação Patrimonial como suporte de conhecimento, realizando visitas ao redor da escola, passeios guiados nas ruas da comunidade, produzindo desenhos, recontando histórias, e culminando com a visita ao Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo.

Como resultado da pesquisa, produziu-se um Caderno Didático, feito por estudantes e para estudantes, com informações históricas sobre as edificações estudadas, de forma simples, pontuais e atraente, para ser um instrumento de difusão do Patrimônio Histórico e Cultural de Vale Vêneto, São João do Polêsine, Rio Grande do Sul/Brasil.

4 OS RELATOS DOS NONOS E NONAS E AS RESIDÊNCIAS

Neste capítulo serão apresentadas as entrevistas coletadas na pesquisa realizada no final do ano de dois mil e vinte e um. A pandemia que assolou o mundo neste ano impediu que fossem feitas entrevistas com um número maior de proprietários, pois os decretos que foram vinculados, restringiram o acesso à população.

Considerando o momento atual em que passa o país como um todo, o estado e o município, no qual o Decreto nº 55.154, de 1 de abril de 2020, reitera a declaração de calamidade pública em todo o território do Rio Grande do Sul para fins de prevenção e enfrentamento à epidemia causada pelo novo Coronavírus, prevendo, no seu artigo 7º, a suspensão excepcional e temporária das aulas, cursos e treinamentos presenciais e, considerando o Decreto Estadual nº 55.240, de 10 de maio de 2020, que institui o Sistema de Distanciamento Controlado para fins de prevenção e de enfrentamento à epidemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19), as aulas foram suspensas por tempo indeterminado, causando prejuízo para o trabalho de pesquisa desta dissertação.

Passado um ano do início do mestrado, somente em maio de dois mil e vinte e um, pelo Decreto nº 55.856, de 27 de abril de 2021, as aulas presenciais foram permitidas, abrindo possibilidades de ajustar a pesquisa sobre as residências antigas de Vale Vêneto.

Como início do trabalho com os alunos do 4º e do 5º ano, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, foi proposto o estudo conceitual de Patrimônio Material e Imaterial de uma sociedade, ou seja, o Patrimônio Histórico e Cultural da comunidade onde estão inseridos. Os alunos responderam as seguintes questões: O que você entende por Patrimônio? Você saberia identificar um patrimônio Cultural do seu município? Que curiosidade você tem sobre o tema? A Figura 19 mostra o card enviado aos alunos contendo as perguntas investigativas descritas acima.

Os alunos demonstraram interesse pelo tema respondendo as perguntas pela plataforma Google Sala da Aula, pois o ensino ainda era remoto e seguiu-se então para o estudo sobre os conceitos e com a pesquisa propriamente dita.

As respostas, enviadas pelos alunos, mostraram a participação da família na busca por uma resposta que viesse ao encontro do assunto que seria estudado ao longo do ano letivo:

- “Patrimônio é alguma coisa que pertence a história de um lugar, por exemplo, igrejas, casas antigas. O patrimônio pertence a toda a população que vive nesse lugar, por isso todos nós devemos cuidar e preservar” (Luis Davi Santos de Lima - 4º ano).
- “Patrimônio é um bem de cultura do local conhecido por todos. De Vale Vêneto temos o museu, a igreja” (Maria Eduarda Walau - 4º ano).
- “Patrimônio são coisas antigas que servem para contar a história de um lugar ou um

Figura 19 – Card enviado aos alunos como pergunta investigativa sobre Patrimônio Cultural



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

povo, tipo a igreja de Vale Vêneto” (Erica Tomazetti - 4º ano).

- “Patrimônio cultural são monumentos da cidade como igrejas, estádios, museus” (Pyetro Pain - 4º ano).
- “Patrimônio é um lugar que tem coisas de muito tempo atrás, igual um museu de materiais históricos. Um museu, uma estátua ou uma igreja” (Arthur - 5º ano).
- “Patrimônio é uma herança familiar. A Igreja, o museu, o Seminário.” (Pedro Piveta - 5º ano).
- “Tudo o que se constrói e se conserva eu considero um patrimônio. A igreja, o museu, o Seminário” (Cecília Piveta - 5º ano).
- “Patrimônio é uma coisa que nós pertence” (Anna Clara Garcia - 5º ano),

A partir das respostas dadas, iniciamos o estudo teórico do assunto abordado. Foi estudado o histórico das edificações da comunidade e os estudantes fizeram as representações sobre como enxergam aquela construção.

Para a seleção das residências a serem pesquisadas e suas memórias registradas foi feito um levantamento com algumas pessoas da comunidade, bem como no acervo do Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo e entre os professores e alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, os quais fizeram algumas sugestões e indicações para que o relato oral fosse melhor aproveitado como ensinamento aos alunos do quarto e quinto ano desta mestranda.

Com o avanço dos casos de contágio do Coronavírus no município, optou-se por esperar que os efeitos da doença fossem minimizados com a chegada da vacina e que todos tivessem tomado a segunda dose da mesma. Portanto, decidiu-se representar uma casa de cada estilo, pelo menos: casa de madeira e barro, casa de tijolo e casa de pedra.

Este capítulo, visa identificar as residências dos primeiros imigrantes de Vale Vêneto, compondo com as entrevistas realizadas um material didático a ser oferecido para utilização nas escolas de Ensino Fundamental, dentro do município de São João do Polêsine.

4.1 CASA DA NONA IZALDA CATARINA BEVILACQUA E DO NONO PILASIO VICENTE DOTTO (IN MEMORIAM)

A residência onde viviam a família de Luis Fernando Dotto e Dona Josefina Marcuzzo é uma das mais antigas de Vale Vêneto e que resistiu à passagem do tempo. Seus filhos eram o Arnaldo, o Ademar e o Pilásio. Este último casou com Dona Izalda Catharina Bevilacqua Dotto. A casa se localiza na Rua do Comércio, quase esquina com a estrada do Recanto Maestro.

Foi construída por Domenico Dotto, imigrante italiano, pai de Luis Fernando Dotto, mas não se tem registro da data de sua construção.

Conforme conta Zélia, a filha da Nona Izalda, Domenico Dotto vivia na Itália e foi para a guerra. Quando retornou encontrou sua namorada (ou noiva) grávida. Ele se recusou a assumir o filho que não era seu, deixando-a desolada.

Daí a mãe dessa namorada disse para Domenico que se ele assumisse a criança, ele ganharia a fortuna dela ainda em vida, não ia esperar morrer para deixar a herança, né, e ela fez isso, pegou e deu um monte de moedas de libras esterlinas, um monte, e aí ele veio pro Brasil e trouxe esse filho adotivo, que é o Carlos. (DOTTO, 2021).

A família não soube confirmar se a namorada veio junto com Domenico. Aqui no Brasil, ele teve filhos, um dos quais é o sogro da Nona Izalda, Luís Fernando Dotto.

Nona Izalda, 81 anos, conta que está morando na residência desde que se casou com o Pilásio há 56 anos, que todos chamavam de Brás. A entrevistada conta que é “Interessante que quando casava, uma vez, tinha que falar na igreja que ia ter tal casamento de fulano e siclano e falou Pilásio, ninguém conhecia o Pilásio, quem era Pilásio? (risadas)” . A dúvida ficou porque todos conheciam o seu noivo como Brás.

A casa possui as características originais da sua construção, como mostrado na Figura 20. Os materiais utilizados na construção foram o barro, a palha de trigo e a madeira. Esse material era abundante e de fácil acesso aos imigrantes que chegavam neste

território. Nesse espaço ficavam os quartos, sendo que a escada que leva ao sótão, já foi destruída.

Figura 20 – Casa da Nona Izalda Catarina Bevilacqua Dotto, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

Percebe-se que a estrutura é original, a porta e as janelas são as mesmas da época em que foram construídas e, na atualidade, essa construção serve como depósito das ferramentas da família. A casa foi fotografada pelo Padre Clementino Marcuzzo, que inclusive trazia estudantes e professores da universidade para fazer uma visitação e mostrar a todos uma típica casa construída na época da imigração, na região da Quarta Colônia.

Na Figura 21, em destaque, percebe-se a utilização dos galhos das árvores, da madeira usada para fazer a parede da casa, juntamente com o barro e a palha de trigo. Na Figura 22 observa-se uma janela da residência, original, feita de madeira, com espaços abertos, mas as ripas protegendo da entrada de animais na residência.

Figura 21 – Destaque para a parede feita de barro, madeira e palha de trigo na casa de Dona Izalda, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

A Dona Izalda conta que na propriedade tinha um moinho para moer o milho, o trigo para fazer a farinha e descascar o arroz. Para fazer a descascagem do arroz, o moinho

Figura 22 – Destaque para a janela original da residência de Dona Izalda, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

tinha um mecanismo que batia, caindo em cima do arroz para descascar. “Saía arroz integral”, conta Nona Izalda.

No relato oral, a família disse que, nesse mesmo espaço, com o moinho eles conseguiram fazer energia elétrica. Zélia, filha da Nona Izalda, conta:

Tinha um córrego de água, e com aquilo eles tinham um moinho para moer o milho, o trigo e com essa mesma água eles aproveitaram para fazer energia elétrica pra casa e à noite então eles tinham energia e depois eles, com o tempo passaram essa energia para o vizinho mais próximo que ficavam com a energia em casa. À noite, então eles iam lá no mecanismo feito por eles e desligavam tudo. (DOTTO, 2021).

A ela complementa: “Desligava a água, então não funcionava”.

Eles conseguiram todo esse processo, construíram o moinho e produziram energia elétrica sem um conhecimento científico, sem frequentar a faculdade:

O conhecimento deles era a vivência, experiência de vida, conhecimento que eles tinham de aprender com o pai e a mãe e iam passando, né. Assim que eles aprendiam, o pai e a mãe passavam para os filhos, trabalhavam sempre junto, estavam sempre junto, aprendiam de todas as coisas. (DOTTO, 2021).

Perguntada sobre o material utilizado na construção da primeira residência construída pelo primeiro representante da família Dotto, as entrevistadas disseram que:

A primeira coisa que eles procuraram foi saber se tinha água no local, antes de construir qualquer coisa tinha que ter a água. Aí eles procuraram a água com o

galho do pêssego, né? Pra fazer o poço, né. E que interessante, botava pra cima (a forquilha) e ela descia ali. (DOTTO, 2021).

E Nona Izalda continua contando sobre o processo de encontrar água com a ajuda do galho de pessegueiro: “É interessante se ele, por exemplo, a água tá ali, ele não puxa, dali quando começa a puxar é o fundamento do poço”. Para saber quantos metros precisa cavar para encontrar a água, basta medir a distância de onde o galho começou a mexer na mão de quem está fazendo a experiência até o momento em que o galho automaticamente verga na direção do local onde realmente tem a vertente de água.

Segundo a filha de Dona Izalda, nem todas as pessoas conseguem encontrar água com a técnica do galho do pessegueiro, pois o processo requer concentração e técnica. “O interessante que nem todas as pessoas tem esse dom, então eles têm que procurar a pessoa com o dom, pra poder procurar água”. Essa pessoa era chamada para vários lugares a fim de encontrar água para as famílias se instalarem no local. E continua contando:

Então, depois que acharam a água, eles pensaram em fazer essa casa que ainda está ali ainda hoje, com barro, com galhos e com palha de trigo. E outra coisa interessante, que eles fizeram a parte da cozinha num lugar, que depois eu mostro onde é, e a parte da sala e dos quartos em outro lugar, porque eles acreditavam que tinha que ser separado, no caso de dar um incêndio não ia destruir toda a casa, ia destruir uma parte. (DOTTO, 2021).

Nona Izalda completa: “E também para não ter fumaça dentro da casa”. Com isso, pode-se observar que nas casas construídas pelos imigrantes italianos, a cozinha era separada do corpo principal da casa, pois, como relata Izalda, o fogo era feito de forma precária e poderia causar um incêndio. Assim sendo, ficaria intacta a parte da casa reservada para os quartos e depósito de mantimentos. Conforme relata Fagan (2014, p. 101):

Com o tempo eram construídas casas mais seguras e espaçosas feitas de tijolo e cimento. A quantidade de filhos e a necessidade de depositar cereais, vinho, grapa, realizar filós e a carneação de animais domésticos levou os colonos a construir áreas mais amplas. Dependendo da região de onde vinham os imigrantes, as casas tinham seu estilo arquitetônico. Em algumas, a cozinha era separadas do restante da casa pelo medo de incêndios, outras, eram sobrados de dois andares, construídos de pedra, sendo que no primeiro piso cozinha, a sala e geralmente um quarto. No segundo andar ficava o restante dos quartos e uma pequena sala.

A casa ainda possui a madeira original de sua construção, segundo relata a proprietária:

Tu vai ver, a cada um tanto assim, cada caibro grande e para furar a, como é que diz, a coluna, sei lá, bem grandona assim, furaram, não sei como, botaram em vez de prego, um 'coiso' de lenha, um prego de lenha. (DOTTO, 2021).

Na Figura 23, percebe-se que, no centro da viga, cortada rusticamente, há um prego de madeira fazendo a ligação das duas colunas. Posteriormente, a família colocou um prego de ferro para pendurar utensílios.

Figura 23 – Destaque para a viga que suporta o segundo piso unida por um prego de madeira na casa de Dona Izalda, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

A entrevistada relata que as famílias eram muito religiosas, iam na missa todos os domingos pela manhã e à tarde voltavam para a igreja para rezar o terço e as crianças tinham catequese com o padre. A nona conta que:

De tarde não tinha onde ir, não tinha o que fazer, todo mundo voltava para a igreja, era velho, era novo, os jovens todo mundo ia para a igreja rezar o terço e ficavam por ali jogando a mora. É tão engraçado o jogo da mora, mas eu não sei jogar, é 'tchá, é tchá, é tchá'¹. (DOTTO, 2021).

O jogo da mora é uma brincadeira muito divulgada entre os imigrantes italianos e exige raciocínio rápido para a contagem dos números dos dedos colocados sobre a mesa. “Tem que estar bem atento pra não errar e saber que quando está perdendo tem que deixar para o outro”.

Dona Izalda descreve diversas histórias vividas por ela e pela família dos seus sogros que moraram na residência mais antiga da propriedade. A nona conta dos tamancos de madeira usados naquela época. “Eu usei os tamancos de madeira, só que em cima não era de madeira, era de couro ou outro material, não me lembro mais”. Fala que quando

¹Barulho dos dedos batendo na mesa.

os vizinhos traziam o milho para moer e fazer farinha, as galinhas da propriedade comiam o milho que o vizinho trazia e a sogra dela, para poder entregar a farinha moída, usava do seu próprio milho demonstrando a honestidade da família, já que as galinhas haviam comido o milho que a vizinha havia trazido.

Na casa encontra-se ainda as pipas onde armazenavam o vinho produzido na propriedade. A entrevistada conta que certa vez beberam uma pipa de vinho construindo um açude.

Tu vai ver que baita pipa de vinho, cheias de vinho, e eles fizeram açude ali, e era taipa com leiva e tudo carregado com carreta de boi, e eles quando terminaram a taipa, terminaram a pipa de vinho. (DOTTO, 2021).

A uva era plantada na própria propriedade e o vinho era feito manualmente pela família. Ainda se encontra ali os utensílios usados na fabricação do vinho.

A Figura 24 mostra as pipas usadas na fabricação do vinho, da propriedade da Nona Izalda. E também os garrafões de vidro onde armazenavam vinho, com capacidade para 10 ou 20 litros de líquidos.

Figura 24 – Pipas e garrafões de vinho da Nona Izalda em sua residência em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

Perguntada sobre a importância de levar aos alunos do quarto e quinto ano as histórias do passado como parte importante da construção e da identificação cultural da imigração italiana, a Nona Izalda disse que: “Eles nunca sabem nada, a Zélia fala também, ela sabe das coisas, mas os filhos e os netos, é importante eles saberem como era”.

Ela continua relatando que depois que o moinho foi desativado a família de Luís Fernando Dotto e Dona Josefina iniciaram a fabricação de tijolos para construir uma nova residência e que também colaboraram com a igreja, levando para lá os tijolos fabricados na propriedade. “As mulheres usavam avental, botavam os tijolos no avental e iam pra missa, quantos eu não sei, porque eram grandes”. Ou seja, as famílias produziam artesanalmente os tijolos para suas casas e ajudavam com mão de obra e recursos financeiros na construção da igreja de Vale Vêneto. Ainda hoje podemos encontrar nas casas tijolos

com os nomes das pessoas desta família. Os nomes eram escritos por “brincadeira” pelas pessoas que fabricavam os tijolos.

4.2 CASA DA NONA IRMA E DO NONO DEOCLÉCIO BRONDANI

A casa pesquisada é da família Brondani. Se localiza na Linha São Valentim. Próximo ao Restaurante Rio do Vale, em Vale Vêneto. A Figura 25 é uma fotografia atual da residência da família entrevistada, com destaque para as portas e janelas originais.

Figura 25 – Casa da família Brondani, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

Assim como a maioria das casas construídas na época da colonização italiana na Quarta Colônia, a casa de Irma e Deoclécio foi feita de tijolo produzidos pela própria família e o alicerce é de pedra. Dona Irma conta que o interior da casa era de chão batido e que depois que ela e o marido foram morar ali colocaram piso de cimento. A característica principal da casa é a construção em dois andares sendo que no sótão há alguns espaços abertos para ventilação.

A Nona Irma Maria Moro Brondani tem 68 anos de idade, é casada com Deoclécio Brondani e tem um filho, o Marcelo que estiveram presentes na entrevista.

A casa foi construída pelos patriarcas da família: Antonio e Maria Venturini, há aproximadamente 140 anos. Não se tem uma confirmação da data da construção, mas sabe-se que foi concomitante a construção da Igreja de Corpus Christi de Vale Vêneto. No centro da Figura 26 estão sentados os avós de Deoclécio, Maria e Antônio Brondani. O pai de Deoclécio é o filho mais novo, Albino.

No momento em que formavam uma família, cada filho foi se retirando da casa e construindo seu próprio lar, até que o último filho, o Albino, também construiu uma casa

Figura 26 – Família Brondani, com os patriarcas sentados ao centro e os filhos ao redor



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

separada dos pais nas terras da família Brondani. E no final de sua vida, Albino morou com o filho Deoclécio.

Por um período, essa residência ficou sendo um celeiro onde guardavam os produtos cultivados pela família. Como era longe para trabalhar, a família resolveu reformar a casa para que abrigasse a família do seu Deoclécio e seu pai Albino.

Daí a gente se resolveu de vim pra cá, porque o meu sogro morava 'com nós' e ele gostava muito daqui, porque ele era daqui, né. A gente morava lá (em cima do cerro) e vinha todos os dias aqui na igrejinha rezar, aí a gente falou de vim pra cá e ele ficou muito contente, daí nós começamos a reformar, eu e ele (o marido), porque a gente entende pouco, mas reformamos. Colocamos tudo piso de cimento, não tinha as lajotas assim, era tudo terra batida, aí nós colocamos uma brita, o cimento e fomos fazendo as peças e a gente se mudou pra cá, foi em 86, que a gente veio morar pra cá. Casamos em 78, ficamos lá esses anos e 86 viemos morar aqui, em 26 de junho de 86, eu nunca esqueço, só que aqui não tinha luz ainda, aí nós fomos indo, fomos indo ajeitando o que deu. (BRONDANI, 2021a).

Na Figura 27, percebe-se a preservação da construção da casa original, a parede de tijolos sem o reboco bem como as aberturas.

A Nona Irma conta que na reforma conservaram o mesmo estilo para não descaracterizar a casa. A porta da cozinha e de um quarto são originais. Segundo a entrevistada, os tijolos para a construção da casa foram feitos próximos da casa: "Aqueles 'tijolão' grandão, diz que foram feitos tudo aqui na frente".

Figura 27 – Residência da Família de Irma e Deoclécio Brondani, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

Os proprietários dessa residência procuram preservar, pois valorizam o legado de seus antepassados:

Eu me coloco sempre no lugar daqueles que fizeram, que cuidaram, que construíram. Quanto eles não tiveram que trabalhar, serrar tudo a mão isso aí, tudo serrado de serrote, gente de Deus. Se hoje com as máquinas não é fácil e aquele tempo, sem estrutura sem nada. (BRONDANI, 2021a).

Questionada sobre a importância de passar para as gerações mais novas as memórias dos seus antepassados, a Nona Irma comenta: “Os que vem novinhos não vão saber que existiam uma casa, nada. É muito importante, tem que preservar essas coisas, se não perdeu a história da família”.

A casa é quadrada, possui uma sala no meio e dos lados os quartos da família. Na sala está localizada a escada que dá acesso ao piso superior. Em destaque, na Figura 28, a escada original construída em madeira que dá acesso ao sótão.

A escada é original, somente foi trocada algumas tábuas que estavam mais estragadas. Dá acesso ao piso superior, onde tem uma área livre, sem separações. Seu Deoclécio conta que a um canto do sótão era o quarto onde ele dormia com mais três pessoas. “Era tudo fechado de tábua para formar o quarto”. Foi encontrado o nome do Valentin, irmão do Albino, pai de Deoclécio, antigo morador, escrito em um lado plano de uma viga que segura o telhado.

A Dona Irma confirma a história do nome do Valentin, dizendo: “Vieram os parente dele e acharam o nome dele assinado aqui, na tábua, ainda tá ali. Antes de ir embora ele botou o nome que ele dormia aqui, né!”.

Mostrando as tábuas do chão do sótão, os proprietários confirmam que são as

Figura 28 – Destaque para a escada original da residência de Dona Írma, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

mesmas tábuas de quando foi construída a casa. “As tábuas, tu vê que é tudo gasta, é as mesmas, não foi mexido!”. O chão de tábuas está gasto pelo tempo e, principalmente, pelas goteiras de chuva que havia no telhado. Motivo pelo qual aconteceu a troca do mesmo. A Figura 29 destaca o assoalho de madeira original da época da construção da casa.

Figura 29 – Assoalho do sótão da residência de Dona Írma, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

Os entrevistados comentam que protegeram o piso de madeira do segundo piso com plástico: “Chovia dentro, eu tinha forrado tudo de plástico aqui, porque daí protegeu, senão tava tudo podre”. O telhado precisou ser trocado, mas o que pôde ser preservado, os nonos fizeram questão de deixar ali. Foi trocado as ripas e o telhado de zinco. “Foi feito

em fevereiro de 2020”.

No sótão, a parte da parede que está acima do piso é de aproximadamente um metro até o contato com o telhado. Fica visível os tijolos, pois não possui reboco, sendo que, nessa parte da parede, estão os espaços abertos para ventilação, como mostra a Figura 30.

Figura 30 – Detalhe dos respiros, espaços abertos na parede para ventilação, da residência de Dona Írma, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

Observando a parte visível da parede, pode-se perceber os tijolos construídos pelos próprios moradores daquela época. São de tamanhos diferentes e ligados por barro. A parede tem 50 centímetros de largura, medidos pela dona da casa. A Figura 31 mostra em detalhe os tijolos fabricados na própria residência e unidos com barro.

Figura 31 – Destaque da parede de tijolos e barro da residência de Dona Írma, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

Segundo os proprietários atuais, “é tudo barro e tijolos feitos pelos primeiros mo-

radores desse lugar”. A dona da casa precisou medir a parede para colocar um fogão e confirmou os cinquenta centímetros de largura da parede. Para a Nona Írma, sua casa tem uma temperatura aprazível:

No inverno ela não é tão fria, porque tu fecha bem, faz fogo lá no fogão, fica bom e no verão entra um vento, fica bom também! (BRONDANI, 2021a).

No sótão encontram-se alguns objetos guardados que são de propriedade da família. Anexado a um caibro, está um ralador de mandioca para fazer polvilho. Muito parecido com um rebolo (afiador de facas, foices, machados...). O ralador de mandioca possui, ao redor da pedra, uma tira de metal furada com pregos para ficar pontiaguda e ao tocar a manivela poder ralar a mandioca que cairá numa bacia colocada embaixo do ralador. Após isso se coloca água na mandioca ralada e deixa decantar. O resíduo que fica embaixo da água, na bacia, é o polvilho. O nono conta que:

Descasca a mandioca, depois passa ali, bota uma panela ou lata embaixo, e tem que lavar bem, né, pra fazer polvilho. Depois tu põe dentro de uma bacia com água e o polvilho fica tudo embaixo, lava, lava, lava depois a mandioca e fica só a água, então deposita o polvilho, mas hoje em dia não se faz mais isso, antigamente faziam tudo, não tinha essas coisas. (BRONDANI, 2021a).

Nos fundos da casa foram feitos alguns ajustes para poder servir de moradia àquela família. Fizeram um cercado e colocaram cimento e tábua, pois a água da chuva descia pelo morro e acumulava na porta da casa. A Nona Irma conta sobre as dificuldades em concluir a construção da casa:

Eu tinha botado dois ‘carreiro’ de tijolo para caminhar em cima porque era tudo barro. Depois fizemos o piso, e aí foi indo mas é... não tinha como terminar, devagarzinho a gente vai fazendo, aos pouquinhos. (BRONDANI, 2021a).

E a Dona Irma complementa “tomara que a nossa história seja útil e eles (os alunos) aprendam a cuidar das coisas!”. Foi comentado que na mesma semana os alunos ouviriam a gravação da entrevista e a Nona então falou:

Tu tá numa área boa, que eles sabiam preservar e cuidar o pouco que tem, porque tem muitos que, porque tá ruim derrubam tudo, estragam tudo, mas não, a gente tem que cuidar um pouquinho, vai melhorando com o tempo. (BRONDANI, 2021a).

4.3 CASA DO NONO TÚLIO BRONDANI

O Senhor Túlio Brondani nasceu em 1930, completou 91 anos de idade no mês de novembro de 2021. É casado com a Ana, pai de cinco filhos, e todos já constituíram suas famílias.

O entrevistado é neto dos imigrantes italianos Maria Venturini e Antonio Brondani e filho de Natal que está em pé e é o primeiro da esquerda para direita na Figura 26.

O Nono conta que a casa é feita de tijolos, unidos com barro e que para fazer uma parede bem bonita, queimaram alguns tijolos na cinza, para que eles ficassem mais escuros. Na Figura 32 observa-se que a residência não é mais utilizada para moradia.

Figura 32 – Casa de Túlio Brondani, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

O relato de Túlio Brondani denota a originalidade da construção artesanal das casas de Vale Vêneto:

A casa foi construída com os tijolos feitos a mão, são tijolos grandes. O bonito foi ali na frente que fizeram, assim me disseram, que botaram o tijolo na cinza e depois queimaram e botaram um tijolo cinza e um normal pra fazer a parede bonita. (BRONDANI, 2021b).

Em destaque na Figura 33 o detalhe na parede, mencionado pelo Nono Túlio anteriormente.

Segundo o Nono Túlio, “logo ali tinha o barranco que fizeram os tijolos ali, tiraram a terra, fizeram o barro, tudo feito à mão”. Ele havia cortado os eucaliptos de onde tinha o barranco mencionado acima.

A casa possui uma viga bem grossa localizada no porão e o nono afirma que os primeiros moradores do local colocaram uma tora de madeira bem grande como viga da

Figura 33 – Destaque para a parede de tijolos queimados com cinzas na residência de Túlio Brondani em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

casa. Em seguida, conta com admiração o trabalho desempenhado por seus familiares: “E depois tu ‘vê’ a viga do porão, não sei como que botaram ali, uma tora dessas ali, que tem a parede em cima. Tudo a machado, serraram só as linhas e ‘cosa’”. Em destaque, na Figura 34, vemos a porta do porão ainda original na casa de Túlio Brondani.

Figura 34 – Foto lateral da residência de Túlio Brondani em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS, onde é possível ver o portão original



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

O Nono Túlio revela que, depois que casou, morou dois anos lá em cima, na casa do pai “e aí comprei essa propriedade aqui e aí vim morar e dei uma reformada”. Relata também que aconteceu um tufão em 1940 ou 1941 e derrubou uma árvore, mas não caiu em cima da casa.

Quando deu aquele tufão em 40, 41 parece que foi aquele tufão, nem me lembro, tinha os eucaliptos ali, 'má' tinha eucalipto da grossura do auto, né, e arrancou, 'má' derrubou laranjeira e destapou toda a casa. (BRONDANI, 2021b).

Por conta disso, quando arrumou o telhado, ele atou todas as telhas com arame, furou e atou.

O proprietário menciona que tinha parreira e fazia vinho. Tem as pipas guardadas no porão. Também fazia cachaça, mas depois dividiram entre os irmãos os utensílios usados na fabricação da cachaça.

Tenho as pipas ainda ali, que nós 'tinha' parreira e nós fazia cachaça e depois repartimos, lá em cima ficou o Anibal e o Carino logo ali no capitel, e da família do meu pai só eu que 'tô' vivo. (BRONDANI, 2021b).

O Senhor Túlio mora no centro de Vale Vêneto, mas vai para a chácara todos os dias dirigindo seu carro. Na chácara, ele alimenta os animais que ficam próximo da casa, faz alguns serviços como cuidar da horta e dos arredores. Ele comentou “até que tenho esse espírito de trabalhar eu me acho gente, né, e quando terminei esse espírito pode aprontar o caixão”, mostrando a sua disposição para viver.

Ele concorda que é importante passar o conhecimento adquirido ao longo da vida aos alunos, porque eles vivem em outro ambiente e, segundo o que disse, “o passado não volta mais”.

Mostrando a casa que hoje serve de depósito para guardar os instrumentos de trabalho da família, o Nono conta sobre as dificuldades com as intemperes do tempo:

Ali era uma carreira de eucalipto que eles plantaram por causa do vento, aqui dá o minuano e vem do norte, então dá como redemoinho, ali que me arrancou um eucalipto de metro. (BRONDANI, 2021b).

Observando a parede da casa construída há aproximadamente cento e quarenta anos, vê-se os tijolos queimados com cinza para diferenciar dos tijolos cor de argila, como uma intervenção artística na construção da casa.

Então eu, aqui não tinha luz, 'né', eu morei dois anos aqui, então deu aquele tufão e eu fiz aquela casa de lá. Eu fiz com aquilo que eu vendi, lá em cima daquele perau lá em cima era meu, eu vendi, lá então tem mais um morador, porque eu vendi. (BRONDANI, 2021b).

E continua contando que construiu sete casas em Vale Vêneto e conclui: “a minha parte em Vale Vêneto eu fiz”.

Na entrada da residência estudada, ainda se encontram os primeiros degraus feitos de pedra da época da construção. O alicerce também é feito de pedra sobreposta, sem

cimento. A porta também resistiu ao tempo, é original, como o trinco estava gasto, o proprietário colocou uma corrente para fechar a porta. “E já terminou também o trinco, eu botei uma corrente, ‘né’ ”. Esses detalhes podem ser visto na Figura 35.

Figura 35 – Detalhe para degraus e porta originais da casa de Túlio em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

O interior da residência estudada possui as mesmas características das casas italianas da época da colonização: é quadrada, com uma sala no meio e os quartos nos cantos. O Senhor Túlio continua contando: “Aqui eu morei, mas eu tinha reformado, não sei quantos anos eu morei aqui, enfim, eu fiz aquela casa quando veio o tufão”.

O espaço que era a sala é estreito e o pé direito muito baixo, as portas que levam aos quartos são pequenas e estreitas. E o Nono circula pela sala segurando sua bengala feita de um galho de árvore para manter o equilíbrio, contando:

Aqui era a sala, aqui era um quarto, ali outro quarto, aqui no canto, então, tinha uma escada que eles subiam, daí depois eu fiz aquela lá. Esse lugar que tinha a escada chamava camarim, o ‘veio Zé’ Brondani e a falecida Ana, mulher dele chamavam de camarim, ‘tava’ fechado aqui embaixo da escada, tinha uma porta aqui, eu não sei o queles botavam ali, mas chamavam de camarim. (BRONDANI, 2021b).

Hoje é usado para guardar os equipamentos da lavoura e os alimentos dos animais. No espaço que era o quarto do casal, o entrevistado relata que se criaram doze irmãos, inclusive, ainda havia lá um berço. Conta também que, no andar superior tinham quartos. “Lá em cima ainda tem o assoalho que tinha um quarto esses anos lá em cima”. No quarto visitado, a parede possui reboco de barro com uma camada de cal por cima.

No lado direito da casa há um espaço reservado para a cozinha, que o Nono fala o que fez quando foi morar ali.

Aqui então, quando eu vim morar, eu fiz a cozinha, e aqui era a sala que jantava, almoçava. Ali a outra porta que era a cozinha que tinha antes que o ‘veio Zé’ usava. (BRONDANI, 2021b).

Ao lado da cozinha fica uma outra peça onde o Senhor Túlio carneava porco.

E essa porta ali, abre ela, ali era onde eu carneava porco. Era um quarto que eles entravam por essa outra porta, mas eu abri uma porta da cozinha e abri provisória aquela lá e carneava porco aqui. (BRONDANI, 2021b).

Observando a filmagem, o entrevistado comenta: “é bom que filme tudo, se não os novos não acreditam”. Continuando a visita à propriedade do Senhor Tulio, ele mostra como a madeira que está colocada no teto da casa foi trabalhada: “a madeira foi serrada a mão e como ali foi ‘farquejada’ a machado, o Padre Clementino, ‘tá loco’, quanta fotografia que ele tirou”. Um fato que marcou o proprietário foi que o Padre Clementino sugeriu que cortasse uma camélia que cresceu bastante na frente da casa para que as pessoas pudessem visualizar melhor a residência, mas sua esposa não aceitou, e a camélia está lá até hoje.

Do lado de fora da residência, encostada na parede, encontra-se uma pilha de pedras que ele afirma ter trazido lá do cerro pra construir o secador de grãos.

Essas ‘laje’ eu trouxe tudo do perau, embaixo daquele perau lá, tinha uma cratera, eu tinha um potreiro, daí eu tinha sempre 40 ovelhas, 20 cabritos, 25 vacas, ‘má’ roçado todos os anos, olha eu trabalhei, ‘tô’ entregue, mas trabalhei! Mas não estou arrependido, que uns dizem assim, não queria nascer de novo pra trabalhar, mas eu queria nascer de novo pra trabalhar o dobro. (BRONDANI, 2021b).

O Nono afirma que trabalhou muito e completa: “o trabalho é saúde”. Outra curiosidade sobre a parede da casa pesquisada é sobre as técnicas de preparo dos tijolos, pois adicionavam sal e isto atraía o gado que faminto derrubava o pedaço construído:

Antigamente acho que botavam sal no tijolo porque o gado vem aqui lambar todo o tijolo, se eu não tivesse botado arame aqui, eles tinham derrubado aquele pedaço de parede ali. (BRONDANI, 2021b).

O proprietário da casa mostrou onde se localizava a primeira cozinha, lugar separado da residência que era usado para preparar os alimentos. Na sequência, ele lembra que a casa possui uma varanda, que segundo o Nono era:

Um puxado, que quando matava porco, botava o panelão ali, até o panelão ‘tá’ ali dentro ainda. Aí então, botava ali, fazia fogo, mas depois eu tinha feito galinheiro aqui pra usar isso tudo, fechei, sim. Mas terminei as galinhas porque no ano pas-

sado o meu parente ali de Silveira Martins que planta aqui , era um mato da soja, me tapava até aqui do pescoço, entraram ali e me comeram tudo, tinha dezesseis pinto, mas grande já e umas quinze galinha, me levaram tudo. (BRONDANI, 2021b).

Por causa do acontecido na soja do vizinho, o senhor Túlio precisou acabar com a sua criação de galinhas. O entrevistado continua relatando, agora sobre a água da propriedade, pois havia uma mangueira despejando água num tanque:

Vem de lá em cima da ponte da estrada pela 'manga', e esse tanque fiz eu, mas faz anos, tem mais de 60 anos, e depois tem outra fonte lá em cima, onde tem uma erva um pouco verde, mas agora já secou, me toca pegar aquela do rio. Mas pra tomar eu trago daquelas de Vale Vêneto, que é da gruta. (BRONDANI, 2021b).

A casa feita pelo Nono Túlio depois do tufão para abrigar a família já não está mais sendo ocupada pela família, que atualmente mora no centro da vila de Vale Vêneto. Ele lembra que construiu quando seu filho C. nasceu, já fazem 56 anos, mais ou menos.

O entrevistado também fazia vinho. Possuía uma parreira que produzia o vinho na propriedade. Segundo ele “Eu tinha a parreira ali, e no primeiro ano eu fiz onze barril e meio de vinho. Quando eu tinha a parreira ali, eu tomava um litro por dia de vinho”. Na Figura 36 vemos o porão da casa onde aparecem as pipas de guardar o vinho produzido na propriedade.

Figura 36 – Detalhe das pipas de vinho na residência de Túlio em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

O Senhor Túlio abriu o porão da casa antiga para mostrar as pipas de vinho desativadas dizendo:

Lá em cima que nós 'tinha' fábrica, né, e aí 'repartimo', mas uma vendi para o Z.T. , ele reformou de cabreúva, grande como, não como aquela ali, grande como aquela de cima. Lá tem o 'coiso' de moer uva também, onde tem uma manivela, acho que vocês nem conhecem o que que é. É 'torqueto' diz o italiano. Eu mandei fazer isso dali, ele moe coisa de louco. (BRONDANI, 2021b).

Em outras palavras, uma pipa foi reformada com a madeira cabreúva e ficou grande, conforme ele apontou para a pipa maior. Também mostrou um equipamento com manivela para moer uva e sugeriu que talvez os mais jovens não conhecessem. Por fim, exalta o moedor que tem em sua residência.

Na Figura 34 percebe-se que há uma porta em um espaço parecido com uma varanda. Ali estão guardadas as pipas de vinho. A porta do porão está mais abaixo, ao nível do alicerce de pedras.

Ao lado desse espaço, como uma varanda, há um outro cômodo que também é porão, onde o Nono Túlio, fez questão de mostrar a viga grossa e pesada que os primeiros moradores colocaram ali como alicerce. Na porta de entrada desse porão havia uma colocação de tijolos diferenciada para dar destaque, era arredondada, mas segundo ele, foi derrubada.

E aqui então, essa porta fiz eu. O Fausto, já é falecido, faleceu novo, aqui era bonito 'tchó'², era uma coisa redonda, e ele, não é que batia a cabeça, 'tchó', quando entrava, sacramenta, pegou a alavanca 'tchó' e quebrou. Aí eu chamei o primo Zanini, e emendou um pouco aqui e fiz quadrada. (BRONDANI, 2021b).

Na Figura 37 percebe-se que o detalhe da porta foi modificado, onde originalmente era arredondado, agora está quadrado.

A porta foi feita pelo nono e resistiu ao tempo:

'Tava' aberta a porta, foi eu que fiz. Agora vamos aqui dentro para ver o que trabalharam os velhos. O velho Zefa era carpinteiro, e eu levei fora duas carretada de sujeira que ele trabalhava aqui dentro. Olha a tora que tem lá. 'Pera' que eu entro ali, só que não tenho a luz. Olha o que trabalharam os velhos, em cima tem a parede dos quartos. 'Má' olha ali como é que fizeram esses anos que era só 'coisa'. Essa tora é histórica, 'tchó'. Acho que tu não acha uma casa que tem o porão como esse aqui. Eles cavocaram e depois fizeram um pedaço aqui de parede e botaram tudo serrado a mão. Isso aqui tem cento e quarenta anos, quase. (BRONDANI, 2021b).

A parede que o entrevistado falava iniciava com um alicerce de pedra, quase todas redondas e entre as pedras eles colocaram barro e depois fizeram com tijolos feitos por eles mesmos, pra fazer parelho com o assoalho lá em cima. "Mas não sei como que

²Expressão italiana que tem o significado similar as expressões informais né e cara.

Figura 37 – Destaque para a porta na casa de Túlio em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

botaram 'in su'³ aquela tora ali 'tchó', e é de angico”.

No porão também tinha uma máquina de moer uva, um pouco mais nova, foi feita pelo Rosso só que batia demais o cacho da uva, batia o cacho também, então ficava um pouco amargo, também esse eu tinha feito. (BRONDANI, 2021b).

E na saída do porão o Senhor Túlio mostrou a lembrança que trouxe de seu pai:

E essa aqui é a lembrança de meu pai, de lá em cima, ó, que morava lá em cima, pra cima da Irma. Isso é um tacho pra pendurar salame. Para que os ratos não cortasse o barbante, pra cair o salame. Então ele botou essa lata, que tem mais ou menos cem anos. Ele pregou aqui e eu de mostra peguei uma, ele tinha duas, e quando eu atei as telhas eu disse vamos pendurar lá no porão de amostra. Então aqui botava o salame, nas taquarinhas, daí os ratos não 'ia'. Antigamente era assim, não tinha veneno, nem nada pra matar. (BRONDANI, 2021b).

A ferramenta apontada pelo entrevistado é similar a uma caixa sem tampa, com dois suportes anexados por todo o comprimento com a finalidade de pendurar salame. A lata mencionada dificultava o acesso dos ratos ao interior da caixa onde eles iriam cortar o fio que segurava o salame, fazendo com que ele caísse e os ratos pudessem comer. Ao final ele conta que antigamente era feito desse jeito, uma vez que não tinha veneno para matar os ratos.

E, para finalizar a entrevista, o proprietário da residência visitada mostrou o pé de manga que ele trouxe a semente lá do Mato Grosso. “Um ano só deu muita manga, que uma carroçada não levava tudo”. Ele se mostrou orgulhoso de ter ido até Mato Grosso

³Expressão do dialeto italiano que significa “em cima”.

visitar a neta que nasceu e ter trazido a semente da mangueira.

4.4 CASA DA NONA DALIRA IOP PIVETTA

A outra residência visitada foi a casa da Senhora Dalira, localizada na entrada da Linha da Glória, bem próxima a Estrada do Comércio esquina com o Clube Caravel, em Vale Vêneto. Na Figura 38, a residência com o telhado novo, única mudança que aconteceu ao reformar-se a casa. Nota-se um detalhe na parede acima da janela à esquerda da foto, a data da reforma: 1940GP (Gino Pivetta).

Figura 38 – Casa da Nona Dalira Iop Pivetta em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

A residência pertenceu à família Balconi. Foi adquirida por Lorenzo Iop, pai da Nona Dalira.

Essa propriedade era do Lorenzo Iop, mas a minha tia sempre dizia que antes do Lorenzo morava Balconi aqui, eu não sei aonde nem nada, ela morreu faz dez anos, depois veio o meu avô Lourenço Iop, que hoje ele teria cento e dez anos, mais ou menos, quando ele morreu ele era bem velhinho, nós 'morava' aqui. (PIVETTA, 2021).

A proprietária segue relatando sobre os costumes da época em que eram mais jovens:

Aqui era a casa que todo mundo dormia, ali atrás era uma cozinha cada um. Eram várias famílias, três famílias, tinha. Aí morava ali atrás o meu pai, o tio José Iop e tinha o tio Romeu que tinha o Nono junto. (PIVETTA, 2021).

A Senhora Dalira conta que cada família tinha uma cozinha separada, mas todos tinham um quarto, na casa, para a família dormir. Cada família tinha um quarto só.

Ela continua mencionando que, conforme as famílias foram crescendo, houve a necessidade de se mudarem e obterem mais espaço.

Depois, quando a gente tinha uma certa idade, a gente se espalhou. O meu tio foi morar ali onde hoje mora o B. Nós fomos mais pra cima, onde 'tá' a D. agora, nós morava lá. E depois o nono Lourenço vendeu aqui e vendeu pros Pivetta do cerro, que era meu marido depois. (PIVETTA, 2021).

Na Figura 39 pode-se observar o telhado mais antigo de telha. No lado esquerdo da foto há uma construção mais antiga que abrigava um moinho. Atualmente foi demolido.

Figura 39 – Primeira casa de Dalira e Gino Pivetta em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Cópia do arquivo pessoal de Dalira Iop Pivetta.

A Nona Dalira segue sua história contando que quem comprou as terras se tornou seu marido depois, o Gino Pivetta.

E depois o nono vendeu aqui e vendeu pros Pivetta do cerro, o Gino Pivetta que comprou, meu esposo, ele morreu faz dez anos, e ali então eu continuei aqui, fui lá pra cima, depois vim pra baixo de novo. (PIVETTA, 2021).

A casa tem oitenta e um anos, foi construída em mil novecentos e quarenta.

Aqui nesse lugar (ao lado da casa, onde estávamos sentadas) aqui era uma cozinha que todo mundo cozinhava, a tia Olga, o tio Romeu cozinhava, era de pedra, era uma cozinha tão engraçada, tinha um fogão de chapa, era separada da casa,

tinha um corredor, era bem diferente do que é hoje. Aqui quando vem verão, quente, seca toda a grama porque embaixo tem todos os fundamentos da casa, da cozinha. Era de pedra, pedra mesmo, pedra que vinha de longe, e não era pedra pequena, era grande e acho que puxavam com carreta de boi, porque não existia caminhão, não existia nada, só carroça. (PIVETTA, 2021).

A entrevistada conta que quando o nono Lorenzo vendeu ali foi morar “lá na casa grande, lá onde mora R.D. naquela casa comprida laranja, no que tu sobe pra Vale Vêneto”.

Na residência tinha também uma serraria que, segundo Dalira conta, primeiro era tocada a água e depois a motor elétrico. “A água vinha de lá em cima e tocava a roda, uma roda enorme, pra fazer andar a serra, que pena, a gente desmanchou tudo, faz pouco tempo”. Na Figura 40, Nono Gino Pivetta (in memoriam) em frente a sua serraria.

Figura 40 – Serraria de Gino Pivetta em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

Orgulhosa de seu avô Lorenzo, a atual proprietária afirma:

Quando tinha meu avô aqui, ele ‘tava’ cheio de máquinas e fazia de tudo o que era coisa, começava aqui e ia até lá no fundo. E ali é meu marido. Não sei como tiraram essa foto, a Ana Luiza tinha levado e eu peguei dela. (PIVETTA, 2021).

Observando a parte da frente da casa, Dona Dalira relata:

Essa sala da frente ali, era um lugar reservado para ensaiar com a banda. Meu nono tinha uma banda, meu pai também ‘tava’, ih, tinha bastante. E ali tinha três janelinhas a sala da frente, ali a gente tirou e fez só duas. (PIVETTA, 2021).

A casa é feita de tijolo e cal, segundo a entrevistada: “tijolo enorme e cal, só. Não tem cimento. Não se usava cimento na época”. Na Figura 41 percebe-se a mudança na

casa. Onde refizeram a janela da frente, deixando apenas uma no lugar das duas. A sala da frente ficou então com duas janelas.

Figura 41 – Fachada frontal da casa da nona Dalira em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

A Senhora Dalira afirma na entrevista que seu pai

Galdino Atílio Iop, faleceu com cinquenta e seis anos, morreu novo, no ônibus, porque meu avô tinha câncer, sofreu bastante, ele viu o meu vô sofrendo e o vô morreu como hoje e ele morreu amanhã, então fazem cinquenta anos já. (PIVETTA, 2021).

Comentando com a entrevistada sobre a fabricação de tijolos pelas famílias locais e a construção da igreja, ela fala:

Sim, sim, sim, a Izalda lá, os familiares do marido dela faziam tijolo, e os mesmos tijolos que construía suas casas levavam no avental para ajudar na construção da igreja. Ai, olha, ouvir as coisas de antigamente dá até um negócio, as coitadas das 'mulher' construir uma igreja levando no avental. (PIVETTA, 2021).

A Nona Dalira concorda que é necessário passar esse conhecimento sobre os fatos do passado para os alunos da escola, “porque as crianças hoje, sei lá, também a A. não é muito interessada em saber as coisas do passado”.

Perguntada se alguém já fotografou a casa, ela diz que as pessoas passam na rua e tiram fotos, até mesmo gente da universidade vinha fotografar, mas não lembra se o Padre Marcuzzo fotografou a casa para catalogar.

Sobre a importância desse registro para as gerações futuras, ela coloca que “é importante valorizar essa memória pra mostrar pros netos, eu tenho quatro netos, a pequena

tem dois aninhos, feito esses dias, eles de repente se interessariam pra saber”.

Sobre o seu avô, ela ainda comentou sobre seus casamentos:

Ele casou com uma Righi, depois ela faleceu e deixou a minha tia com quarenta dias, depois o meu avô casou com uma Tólio de Silveira parece, aí ele teve quatro filhos da primeira mulher e quatro filhos com a segunda mulher, oito filhos. O meu pai é filho da primeira mulher, Estela Righi. (PIVETTA, 2021).

Uma das lembranças que a entrevistada Dalira se recorda era sobre as dificuldades da família na época:

A gente era sabe, aquele tempo era bem pobre, ‘né’ e tudo, o que a gente tinha era vontade era mel, mel que a gente comia bastante polenta e mel porque não tinha pão, bolacha, essas coisas não tinha. Pão não tinha, não se podia comprar, apesar que depois mais tarde meu pai teve moinho, ali onde que o V. comprou pra cima do V.F. ali meu tinha moinho de farinha de trigo. Ali, bem no fundo meu pai tinha um moinho de farinha de milho. Se fosse ter tirado foto daquele tempo, ninguém se interessou tirar uma foto. (PIVETTA, 2021).

Continuando com as lembranças da família, a Nona Dalira conta sobre a dificuldade com seus seis filhos pequenos, os quais cabiam em um cesto:

O tio José lop tinha seis pequenos, quando ele saiu daqui que ele tinha aquela cozinha lá atrás, tinha seis pequenos, então a mãe da minha tia dizia assim: perguntavam pra ela, como está a Lidia? ‘lá ze lá com sie’⁴, está tudo num cesto. (PIVETTA, 2021).

A família do pai da entrevistada era numerosa, todos moravam nessa casa, mas as famílias que se formavam tinham uma cozinha separada e à noite cada família tinha seu quarto na casa do avô Lorenzo. Só saiam para suas próprias casas “quando tinham uma meia dúzia de filhos”. A vó da Dalira também criou um filho do coração porque “uma vizinha aqui em cima tinha dois ‘gêmeo’, e não podia cuidar porque era pobre, pobre, pobre e deu um pra minha vó, que é o R. e a gente se criou junto, criou os dela e criou ele”.

A proprietária da casa pesquisada relata que as famílias eram todas numerosas, eles são em nove irmãos e iam todos para a lavoura, “tudo é diferente de antigamente e agora. Eu não sei, a gurizada vai pra fora, vão estudar, e os velhos que ‘tão’, vão se acabar e o que vai acontecer?”.

Uma das preocupações da Dona Dalira, demonstradas durante a entrevista, é a continuidade dos costumes da família e da comunidade, pois as gerações mais novas não aprenderam o ofício de “fazer as coisas”, atualmente é mais fácil comprar tudo pronto. Segundo ela, “vai terminar tudo”. Ao encerrar a entrevista a nona espera ter ajudado com

⁴Expressão italiana que significa “ela está lá com os seus seis filhos, cabiam todos em um cesto”

a pesquisa, ao qual a mestranda afirma que suas contribuições são de grande importância e agradece pelo apoio prestado.

4.5 CASA DO NONO LUÍS MOACIR MARCUZZO

Luís Moacir Marcuzzo é o proprietário da residência de pedra que foi entrevistado para contar como viviam os primeiros moradores dessa casa. Tem setenta e sete anos de idade. É casado, possui três filhos, e procura cultivar e guardar as recordações de sua família.

O Senhor Luís Moacir conta que seu avô, também chamado Luís Marcuzzo, foi quem construiu a casa:

O vô comprou aqui em mil novecentos e doze por procuração, e quem assinou a procuração foi Paulo Bortoluzzi, e a região toda pertencia a Manoel Py, e comprou em, repito mil novecentos e doze, por um conto e quinhentos mil réis, tenho as escrituras ainda ali. (MARCUIZZO, 2021).

A mestranda questionou sobre Paulo Bortoluzzi, se era o mesmo que é considerado o fundador de Vale Vêneto, e o entrevistado afirmou:

Foi o interlocutor de toda a população foi o Paulo Bortoluzzi. Ele, acho, por procuração, assinava por todos, né, que o tal de Manoel Py, eu não sei a história dele, mas desde a Linha dos Vernier, pertencia tudo dele e do governo. Não sei como era essas terras. Então, foi comprada a casa em mil novecentos e doze e construída em mil novecentos e dezesseis. (MARCUIZZO, 2021).

O Nono Luís Moacir afirma que na construção da casa foram usadas as pedras e barro: “não tinha cimento naquela época, pedra e barro, e os tijolos de modo geral era tijolo cru, não tinha tijolo cozido, era cru. Algumas paredes ainda existe de tijolo cru”.

Em detalhe, na Figura 42, a foto que o entrevistado tem em sua casa sobre a reforma que aconteceu em 1990.

Sobre a produção de tijolos, o entrevistado fala que:

Não posso afirmar que a família fazia os tijolos, porque não, acho que não, sei que existia uma olaria, ao lado daquela casa ali, que pertencia a um membro da família, o Antônio Marcuzzo, que produzia tijolos, fabricava tijolos, quero crer que seja dali, né. (MARCUIZZO, 2021).

Perguntado sobre a nova reforma da casa, mostrada na Figura 43, o Senhor Luís Moacir conta que:

Figura 42 – Casa de Luís Marcuzzo, avô de Luís Moacir Marcuzzo, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Cópia do arquivo pessoal de Luís Moacir Marcuzzo.

Foi conservado de um modo geral a característica das janelas, aqui dentro, por exemplo era piso de chão, agora tem laje. Tinha dois degraus da cozinha para fora, e daqui para os quartos. Mudou um pouquinho. (MARCUIZZO, 2021).

O proprietário da referida casa afirma que, depois da reforma, dentro de casa mudou bastante. Não tinha banheiro dentro de casa, a cozinha era separada, não havia luz, não tinha água encanada, não tinha nada. Sobre a cozinha ele fala: “Todas as casas antigas, de modo geral, não sei porque a cozinha era separada, algumas com corredor e outras ligadas, então a cozinha era separada também aqui”.

O Nono conta que conserva o fogão, em outra posição, mas que faz fogo todo dia:

Eu ‘tô’ conservando o mesmo fogão, o mesmo tipo de fogão, só que em outra posição, conservando, estou com fogo diário naquele fogão também, inverno e verão, nem que seja por nada, eu gosto de fazer fogo. Fogo é uma companhia. (MARCUIZZO, 2021).

A casa pesquisada está bem conservada, o proprietário possui residência em Santa Maria, mas passa muito tempo na sua casa em Vale Vêneto. Disse que:

Se antes ela tinha alguma coisa em ruínas, tinha sim, porque nas fotografias dá pra ver, eu reforcei de modo tal que agora, não vamos duvidar que nem o Titanic, mas... tanto é que era assoalho, não tinha laje, eu fiz laje interligadas na

parede com vigas de ferro que não abre mais, ela 'tava' abrindo um pouquinho, já estava embarrigando, como se diz. Foi colocado azulejo e rebocado por dentro. (MARCUIZZO, 2021).

Figura 43 – Casa atual de Luís Moacir Marcuzzo, em Linha Duas, Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

Na Figura 44 está o detalhe do interior da residência que foi transformado. A escada original era de madeira, na reforma foi feita uma escada de tijolos no lugar.

Figura 44 – Escada reformada pelo Nono Luís Moacir, em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

O entrevistado valoriza muito a cultura local, seu tio era o Padre Marcuzzo, e ele herdou todo o material recolhido e arquivado pelo Padre. Perguntado sobre a importância de levar até os alunos a memória das lembranças dos nonos ele disse:

Eu acho esse teu trabalho muito importante porque ele vem resgatar a cultura e as tradições. É muito bom quem tem esse interesse, deveriam até buscar esse interesse, é o resgate da cultura. Porque tem tantas coisas antigas, passadas que ..., nós somos a ponte, se nós não fazemos essa transformação, se perde. É muito importante que eles busquem isso aí, e que deem valor a isto. Na verdade, os primeiros que vieram aqui, que desbravaram, que construíram, não deve ter sido fácil. Hoje com a internet, com os meios de comunicação e tudo é mais abandonado, né. (MARCUIZZO, 2021).

Na entrevista o Senhor Luís Moacir fala sobre o Padre Clementino, seu tio:

O Padre Clementino é meu tio, ele está aqui nessa foto, o último, de pé, na direita. Ele era formado em jornalismo e ele gostava do microfone, gostava de falar. Tanto é que nesse busto que tem ali embaixo, ele está com o microfone, 'tô' com vontade de adaptar no outro braço e colocar um copo pra ele aqui, porque ele brindava muito. É uma característica dele e está continuando. (MARCUIZZO, 2021).

Observa-se, na Figura 45, o Padre Clementino e seus irmãos. O Padre está de pé e é o primeiro da direita para a esquerda.

Figura 45 – Família do Padre Clementino



Fonte: Cópia do arquivo pessoal de Luís Moacir Marcuzzo.

Continuando com as lembranças sobre a sua família, o Nono Luís Moacir conta que seu avô veio morar nessa casa depois que comprou e reformou, porque antes morava em outra casa que é mais antiga do que essa, ali na frente, mas foi vendida. Na Figura 46 observa-se a casa de pedra onde morou a família de Luís Marcuzzo, avô do entrevistado.

E o Senhor Luís Moacir continua contando sobre as gerações que residiram na casa:

Figura 46 – Primeira casa de Luís Marcuzzo (avô), em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Cópia do arquivo pessoal de Luís Moacir Marcuzzo.

Nessa casa morou o avô com a família toda, ele tinha dez filhos, oito nasceram aqui e os dois mais velhos nasceram numa outra casa e os outros nasceram aqui. Todos de partos normais. Oito tios e treze nós (irmãos do entrevistado). Todos de parto normal. (MARCUIZZO, 2021).

Em destaque, na Figura 47, quarto onde nasceram os oito tios e os treze irmãos do nono entrevistado.

Figura 47 – Quarto na residência da família Marcuzzo em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

Perguntado sobre alguma história interessante sobre seus antepassados o entre-

vistado relata que:

Tenho uma infinidade de histórias para contar, porque comparado naquela época, a criação, a educação e hoje, tem histórias infinitas. Por exemplo: uma história muito importante: como nós não tínhamos banheiro dentro de casa, não tínhamos chuveiro, nós tomava os banhos num panelão ou bacia grande de água aqui nesse canto. Protegidos, sei lá. É a diferença da criação da época por agora. Por isso é muito importante essa cultura para equiparar a época com agora. Foi uma juventude muito sacrificada. Estudei de manhã, nas irmãs e de tarde trabalhava. E o trabalho não era fácil, era quase escravo, como se diz. Não era fácil. Basta retroceder na época e comparar a vida naquela época com agora. A nossa criação foi totalmente difícil, me recordo, por exemplo que calçado não tinha, pé descalço, eu fui na aula em mil novecentos e cinquenta e três e cinquenta e quatro, na capela Santana, descalço, portanto a gente pisava a geada de manhã, descalço, então era bem diferente. (MARCUIZZO, 2021).

Sobre as brincadeiras, o Nono Luís Moacir conta:

Nós tínhamos a catequese de tarde, voltávamos juntando laranjas para jogar bola. Juntava as pedras redondas no rio pra jogar bocha. Fazia uma bola de pano, de meia para jogar, ou quando se matava porco, a bexiga era uma bola. E hoje, nem mais bola jogam. (MARCUIZZO, 2021).

Na Figura 48 observam-se exemplares de pedras arredondadas que eram usadas como bocha pelo Nono Luís e seus irmãos.

Figura 48 – Bochas de pedra na residência de Luís Moacir em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

Para finalizar a entrevista, o Senhor Luís Moacir reforça a importância da preservação da memória como patrimônio de uma comunidade:

Se tivesse um filme que mostrasse a vida de antigamente, muito desses jovens não acreditariam que na época teria se passado por esse sacrifício, por essa vida como estou citando. Eu te parablenzo dando essa continuidade, porque nós inda talvez somos o elo de separação para continuar com o resgate, que está se perdendo muito, muito, muito. (MARCUIZZO, 2021).

A pesquisadora agradece a disponibilidade do entrevistado, pois foram muito úteis suas contribuições na continuidade do trabalho proposto.

Considerando o tema proposto, de ouvir o relato dos proprietários sobre as edificações mais antigas de Vale Vêneto e do momento atual em que uma pandemia restringiu o acesso a outras residências, concluiu-se a busca por mais relatos, pois foram contemplados todos os tipos de construção: barro e madeira, pedra e tijolos.

Os estudantes mostraram-se interessados nas histórias ouvidas por meio das filmagens e desejaram conhecer pessoalmente as residências e seus proprietários quando houver possibilidade, quando a pandemia acabar e tudo voltar ao normal.

Ao finalizar as entrevistas, pôde-se observar que, para os entrevistados, a grande preocupação é sobre como serão preservados os costumes dos pioneiros que fundaram essa comunidade. Cada um deles comentou que atualmente as novas gerações possuem outras preocupações, deixando de lado a história e os costumes vividos pelos primeiros imigrantes que formaram o distrito de Vale Vêneto em São João do Polêsine/RS. Os entrevistados valorizaram o trabalho desta pesquisa, pois assim, os estudantes terão acesso ao relato oral que conta um pouco da vida das primeiras famílias que se instalaram nesse território, valorizando a memória da construção desta.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Este espaço conta com a descrição do produto final da proposta de Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural que será um Caderno Didático com as Histórias do Nono e da Nona, contadas de forma lúdica e simples, que seja de fácil entendimento para os alunos das escolas do município de São João do Polêsine. Pensando em suprir uma necessidade encontrada pela mestranda em trabalhar Educação Patrimonial com seus alunos do quarto e quinto ano, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, a mesma desenvolveu uma série de atividades que foram organizadas e distribuídas ao longo do caderno didático, para que todos possam realizá-las quando tiverem contato com o material.

Acredita-se que esse caderno didático será um instrumento importante de renovação do conhecimento e de valorização da história local e das lembranças dos nossos antepassados. Esse será uma grande ajuda aos professores que se empenham em contribuir para o desenvolvimento de uma geração mais ativa na defesa da história e do patrimônio local.

O trabalho de pesquisa realizado buscou informações em pesquisas bibliográficas, em material de divulgação e em entrevistas com os nonos, proprietários das residências antigas de Vale Vêneto, para valorizar as lembranças que eles possuem sobre a origem de suas propriedades e registrar essas histórias num caderno didático, onde os alunos, ao manuseá-lo, possam entender os conceitos de Patrimônio, Patrimônio Material, Patrimônio Cultural e identificá-los na sua comunidade e no seu município. A linguagem foi estruturada e adequada à idade que se destina o material, que é para crianças entre oito e onze anos de idade. Para aguçar a curiosidade do aluno em folhear o caderno didático, buscou-se usar o conteúdo em forma de tópicos, simples, rápidos de ler e usou-se de cores vibrantes e contagiantes para deixar o material mais cativante.

Esse caderno didático foi ilustrado pelos alunos do quarto e quinto ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop quando do estudo sobre as edificações mais importantes de Vale Vêneto e os nonos foram desenhados pela colega da mestranda, a Eleine Maria Cocco, que com muito carinho realizou o desejo da mestranda. Os nonos foram pintados pelos alunos. No caderno estão representados desenhos de cada aluno da mestranda.

O projeto gráfico e o designer do caderno didático foram deixados aos encargos de Lana Bertoldo Rossato, que com seu conhecimento e perspicácia conseguiu “dar vida” aos personagens e criar um material interessante, atrativo e que estimule o aluno a estudar e realizar as atividades propostas ali, conhecendo melhor seu município.

5.1 O NONO E A NONA

O Caderno Didático, produto desta dissertação, apresenta como personagens principais o Nono e a Nona, símbolos da Imigração Italiana na Quarta Colônia, que dialogam com os alunos do quarto e quinto ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop.

Os nonos eram as autoridades, os patriarcas das gerações. Eram contadores de histórias que valorizavam os valores religiosos e morais. São importantes no desenvolvimento da nossa comunidade. Suas histórias mantêm a tradição de passar para os mais jovens os fatos vivenciados por eles no passado.

Segundo Bosi (1994, p. 2), “Os velhos são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”. Portanto, ouvir as histórias contadas pelos nonos de nossa comunidade sobre suas práticas no trabalho, na residência, nos encontros na comunidade é valorizar sua vivência dando importância às suas memórias, conhecendo a nossa identidade e reconhecendo o lugar onde moramos.

Vale Vêneto possui a representação lúdica, do Nono e a Nona, estátua inaugurada em 29 de julho de 2007, para comemorar os 130 anos da vinda dos imigrantes italianos para a Quarta Colônia. Pela Lei 528, de 29 de junho de 2007 é adotado, no Município de São João do Polêsine, as figuras do “Nono e da Nona” como símbolo oficial da Colonização Italiana.

O Nono e a Nona, mostrados na Figura 49, símbolos de Vale Vêneto, farão a ligação entre o passado e o presente desta comunidade, como mascote do produto desta dissertação.

Figura 49 – O Nono e Nona em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS



Fonte: Research Gate. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-11-Representacao-do-Nono-e-da-Nona-em-Vale-Veneto_fig3_284186235. Acesso em 20/05/2021; Radio Integração. Disponível em: <https://radiojornalintegracao.com.br/divulgada-a-programacao-do-34o-festival-de-inverno-e-34a-semana-cultural-de-vale-veneto/>. Acesso em 20/05/2021.

5.2 PROPOSTA DO CADERNO DIDÁTICO

Segundo a BNCC, Base Nacional Comum Curricular, documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, o estudante ampliará seu conhecimento por meio de dez competências gerais que lhe permite evoluir nas aprendizagens como um todo: 1. Conhecimento. 2. Pensamento Científico, Crítico e Criativo. 3. Repertório Cultural. 4. Comunicação. 5. Cultura Digital. 6. Trabalho e Projeto de Vida. 7. Argumentação. 8. Autoconhecimento e Autocuidado. 9. Empatia e Cooperação. 10. Responsabilidade e Cidadania.

A terceira competência da BNCC diz respeito ao repertório cultural, onde o aluno é convidado a “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural”.

Assim, a metodologia de Educação Patrimonial promove um olhar mais crítico sobre o patrimônio local, contemplando a terceira competência da BNCC. O produto dessa dissertação está interpretando os bens culturais da localidade de Vale Vêneto de forma a valorizar e criar um sentimento de pertencimento e um olhar diferenciado às edificações mais antigas.

O Referencial Curricular Gaúcho contém as dez competências da BNCC focando na equidade e na superação das desigualdades de qualquer natureza. A Educação Patrimonial deve ser trabalhada como tema contemporâneo de forma interdisciplinar, tendo o compromisso com a construção do sujeito integral, com a compreensão da realidade social, dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental.

O Documento Orientador Municipal de São João do Polêsine contempla Educação Patrimonial como tema transversal, colaborando para a formação integral do educando, voltada para a compreensão da realidade social, dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental, trabalhando de forma interdisciplinar.

A Educação Patrimonial, enquanto metodologia de trabalho, deve fazer a relação entre aquele patrimônio construído no passado com o atual. O aluno conhece e visualiza, mas não reconhece como parte de sua história. A escola precisa exercer seu papel de mediar esse conhecimento informal para o conhecimento formal:

Antes mesmo de aprender a ler e escrever palavras e frases, já está “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos ir além dele. Precisamos conhecer melhores as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos. (FREIRE, 1991, p. 71).

Portanto, o estudante possui esse conhecimento, traz consigo uma bagagem de saberes, e cabe ao professor orientar e ajudá-lo no processo de construção do conhe-

cimento científico. Com esse produto de Mestrado em Patrimônio Cultural, pretende-se atingir o máximo possível de estudantes do município para que seja um instrumento de valorização da cultura local e que possam reconhecer-se como integrantes dessa cultura, multiplicando o seu saber.

No Caderno Didático foram utilizados o diálogo entre os nonos e os alunos. Onde os contadores de histórias convidam os estudantes a viverem com eles essa aventura de reviver o passado, conhecendo fatos e causos contados por eles, os nonos, sobre os primeiros anos da imigração italiana em Vale Vêneto e a formação dessa comunidade.

O caderno didático servirá de apoio às escolas do município de São João do Polêsine, atendendo a uma demanda de material destinado aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Na sequência, esse capítulo apresenta a minuta do Caderno Didático “Histórias do Nono e da Nona” como produto final do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, que tem como Área de Concentração: Área 2: História e Patrimônio Cultural e como Linha de Pesquisa: História e Patrimônio cultural.

Marisa Bertoldo Rossato

Histórias do nono e da nona



Histórias do Nono e da Nona

Marisa Bertoldo Rossato

2022

Autora

Marisa Bertoldo Rossato

Orientação

Profª Drª Marta Rosa Borin

Ilustrações Analógicas

Eleine Maria Cocco

Diagramação

Lana Bertoldo Rossato

Ficha Catalográfica

Rossato, Marisa Bertoldo.

Histórias do Nono e da Nona / Marisa Bertoldo Rossato; 1ª ed - Santa Maria, RS. 2022.

49 p.; il.

Nota: Publicado como parte da Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural pela UFSM da autora.

1. Patrimônio Histórico. 2. Patrimônio Cultural. 3. Título.

Bambino,

vamos conhecer a história
da imigração italiana na
Quarta Colônia?

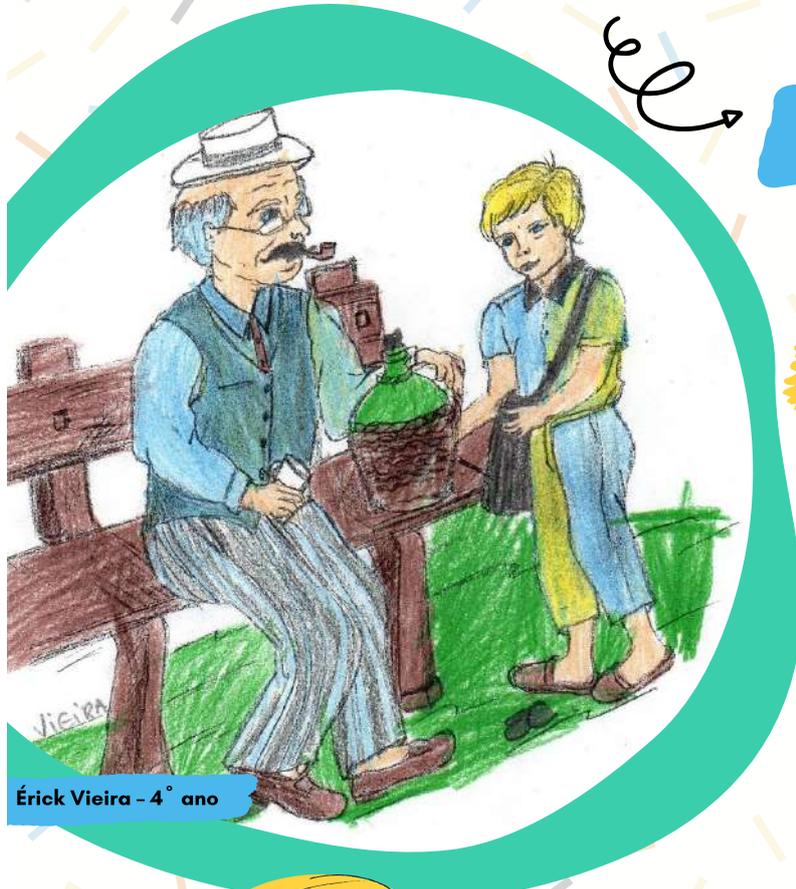


Em 1877 foi criada a

Quarta Colônia de
Imigração Italiana

com sede em

Silveira Martins



Érick Vieira - 4º ano

Vale Vêneto

tem como
fundador

**Paulo
Bortoluzzi**

Vale

Lugar geográfico

Vêneto

Origem dos Imigrantes

Vale Vêneto já teve
diversos nomes:

Buraco (1877)

Vale dos Bortoluzzi (1878)

Val Vêneta (1881)

Vale Vêneto (1909)

Va bene?

Agora vamos aprender sobre
patrimônio histórico e cultural?

Vieni con nonna e nonno!



Você sabe o que é patrimônio cultural?



Patrimônio é alguma coisa que pertence a história de um lugar, por exemplo, igrejas, casas antigas. O patrimônio pertence a toda a população que vive nesse lugar, por isso todos nós devemos cuidar e preservar.

Luis Davi - 4º ano



Patrimônio é um bem de cultura do local conhecido por todos. De Vale Vêneto temos o museu, a igreja.

Maria Eduarda Walau - 4º ano



Patrimônio são coisas antigas que servem para contar a história de um lugar ou um povo, tipo a igreja de Vale Vêneto.

Erica - 4º ano



Patrimônio cultural são monumentos da cidade como igrejas, estádios, museus.



Pyetro - 4º ano



Você sabe o que é patrimônio cultural?



Patrimônio é um lugar que tem coisas de muito tempo atrás, igual um museu de materiais históricos. Um museu, uma estátua ou uma igreja.

Arthur - 5º ano



Patrimônio é uma herança familiar. A Igreja, o museu, o Seminário.

Pedro - 5º ano



Tudo o que se constrói e se conserva eu considero um patrimônio.
A igreja, o museu, o Seminário.

Cecília - 5º ano



Patrimônio é uma coisa que nos pertence.

Anna Clara - 5º ano



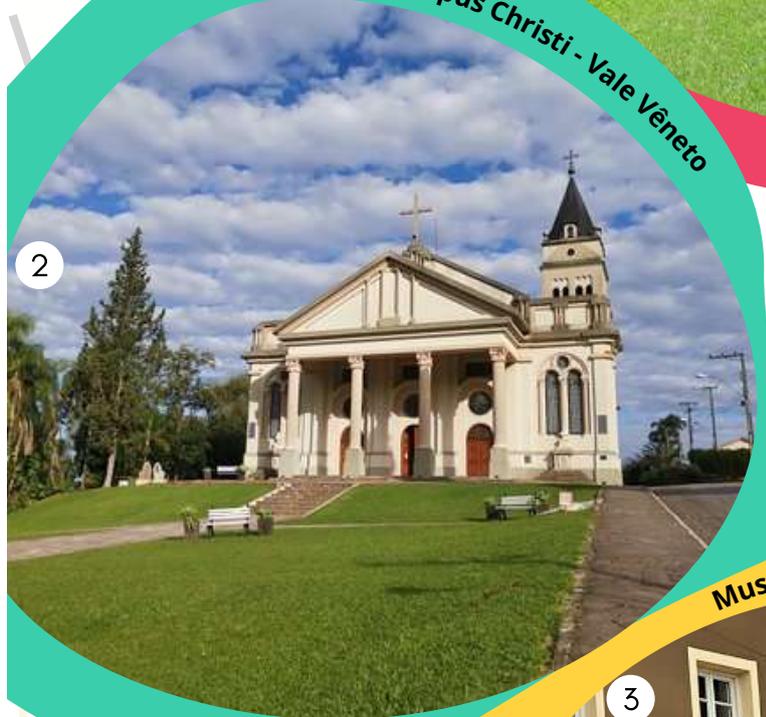
Seminário Rainha Dos Apóstolos - Vale Vêneto

1



Igreja Matriz Corpus Christi - Vale Vêneto

2



Museu do Imigrante Italiano - Vale Vêneto

3



Você já ouviu falar em

Patrimônio

Mas você sabe o que é

**Patrimônio
Histórico?**

E sabe o que é

**Patrimônio
Cultural?**

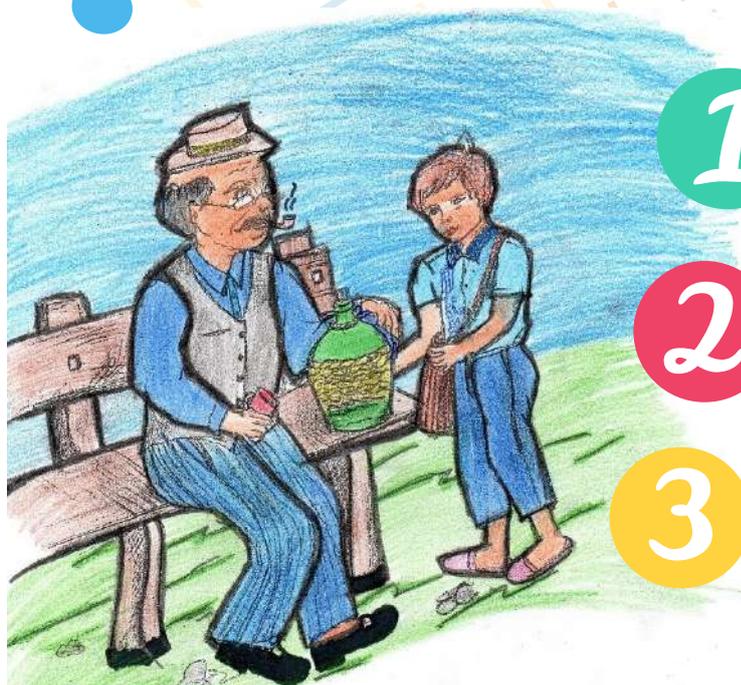
Vamos Aprender?

**Patrimônio
significa:**

*Herança paterna ou bens
pertencentes a uma pessoa,
uma família, a uma instituição
ou a uma coletividade*



Sabendo que bens são coisas de valor que uma pessoa possui, converse com seus pais ou responsáveis e escreva 3 bens que fazem parte do patrimônio de sua família:



Thomas - 4º ano

1

2

3



Agora, leia a definição de Patrimônio Material segundo site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)

O patrimônio material protegido pelo Iphan é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza (arqueológico, paisagístico, histórico, belas artes).

Patrimônio Histórico pode ser definido como um bem material, natural ou imóvel, que possui significado e importância artística, cultural, religiosa, documental ou estética para a sociedade. Estes patrimônios foram construídos ou produzidos pelas sociedades passadas, por isso representam uma importante fonte de pesquisa e preservação cultural.



Érica - 4º ano

Vamos entender também o que é Patrimônio Cultural: Patrimônio cultural é o conjunto de bens que contam a história de um povo através de seus costumes, comidas típicas, religiões, cantos, danças, festas...

Pensando em construções históricas e antigas de Vale Vêneto, cite 2 edifícios que fazem parte do Patrimônio Histórico de nossa cidade:

1

2

Escreva o nome de 2 festas que representam o Patrimônio Cultural de São João do Polêsine:

1

2

Os patrimônios de uma cidade podem ser:

MATERIAIS ou IMATERIAIS

MATERIAL

Edifícios Históricos
Ruínas
Museus
Cidades Históricas
Paisagens

IMATERIAL

Celebrações
Músicas
Modos de fazer
Festas populares
Religião

Conheça alguns Patrimônios de São João do Polêsine:

- Igreja São João Batista
- Igreja de Corpus Christi
- Seminário Rainha dos Apóstolos
- Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes
- Festival de Inverno e Semana Gastronômica
- Festa do Arroz

Agora numere os patrimônios de acordo com a legenda:

(1) Bens materiais

(2) Bens imateriais

- () Seminário Rainha dos Apóstolos
- () Igreja de São João Batista
- () Festa de Corpus Christi
- () Igreja de Corpus Christi
- () Festival de Inverno

Escreva outros bens materiais de Vale Vêneto:

Agora que você já conhece alguns patrimônios de São João do Polêsine, tente achar 5 no caça palavras abaixo!

I	G	R	E	J	A	S	Q	W	M
A	S	U	D	F	G	H	J	K	U
F	Z	I	Q	W	E	R	T	Y	S
E	X	N	L	C	P	O	I	U	E
S	C	A	K	S	D	F	G	H	U
T	V	S	J	F	E	S	T	A	S
I	B	A	H	M	N	B	V	A	S
V	N	E	G	F	D	S	A	Q	Z
A	E	D	I	F	I	C	I	O	S
L	M	R	S	A	C	I	S	U	M



Agora vem conhecer
os patrimônios com a
gente!

Andiamo?



Igreja Matriz de Corpus Christi



Começou a ser
construída em

1887

Com a direção do Padre João Vogel e com a generosidade da Condessa Georgia Anna Maria Augusta, Condessa de Stackpoole, que contribuiu para a construção doando dinheiro, instrumentos religiosos e os sinos.

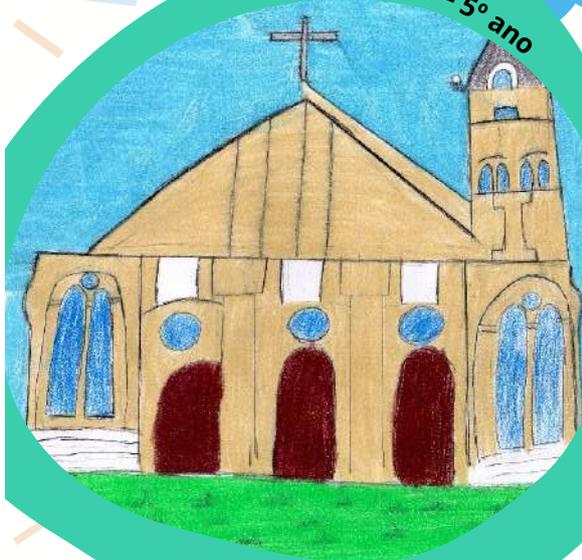
Inaugurada em
1907

**Em 11 de dezembro de 1909 foi
dedicada ao**

CORPO DE DEUS

**Desenho dos alunos da Escola
Padre Rafael Iop representando a
Igreja Matriz de Corpus Christi**

Arthur - 5º ano



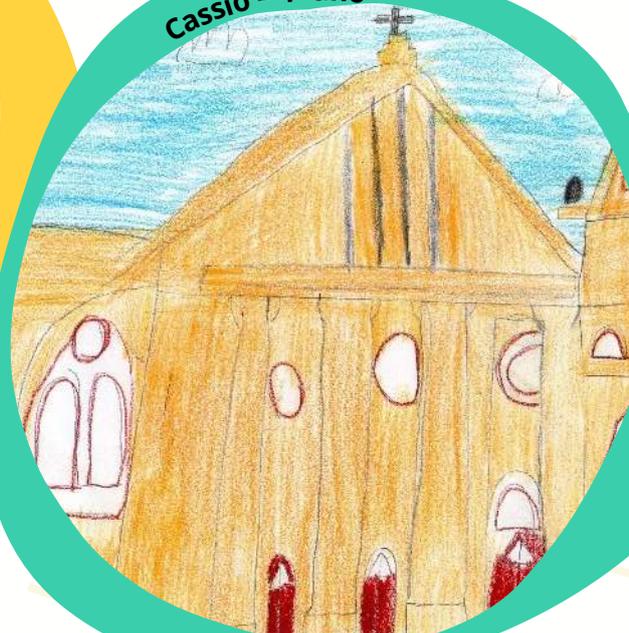
Erick Vieira - 4º ano



Miguel - 5º ano



Cassio - 4º ano



**Agora, como você vê a Igreja
Matriz de Corpus Christi?**



Monte Calvário



Símbolo da
religiosidade
da comunidade

Construído pelos
moradores

Construção a
partir de
1913

Representa os últimos passos
dados por Jesus Cristo após
condenação e morte.

Desenho dos alunos da Escola Padre Rafael Iop representando o Monte Calvário

Paulo Augusto - 4º ano



Cecília - 5º ano



Maria Luiza - 4º ano



Anna Clara - 5º ano



**Agora, como você vê o
Monte Calvário?**



Escola Padre Rafael Iop



A escola funciona no prédio das Irmãs do Imaculado Coração de Maria que chegaram em Vale Vêneto em 1892 para continuar a educação dos filhos dos imigrantes italianos.

A Escola tem

60 anos!

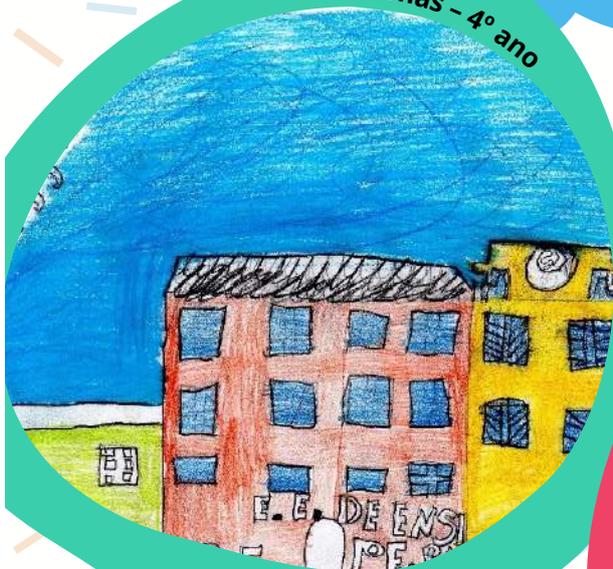
110 alunos

13 professores

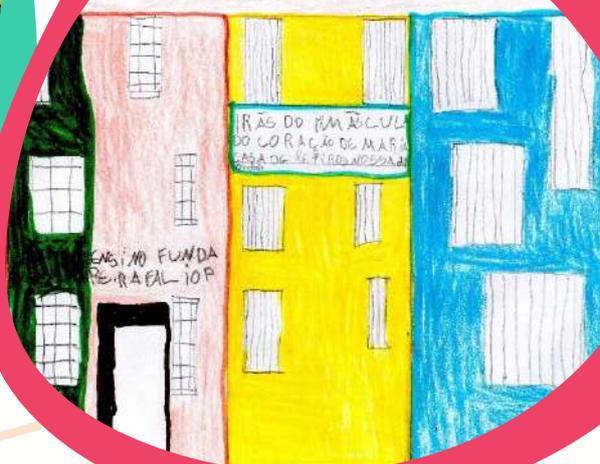
5 funcionários

Desenho dos alunos da Escola Padre Rafael Iop representando a Escola Padre Rafael Iop

Thomas - 4º ano



Estéfani - 5º ano



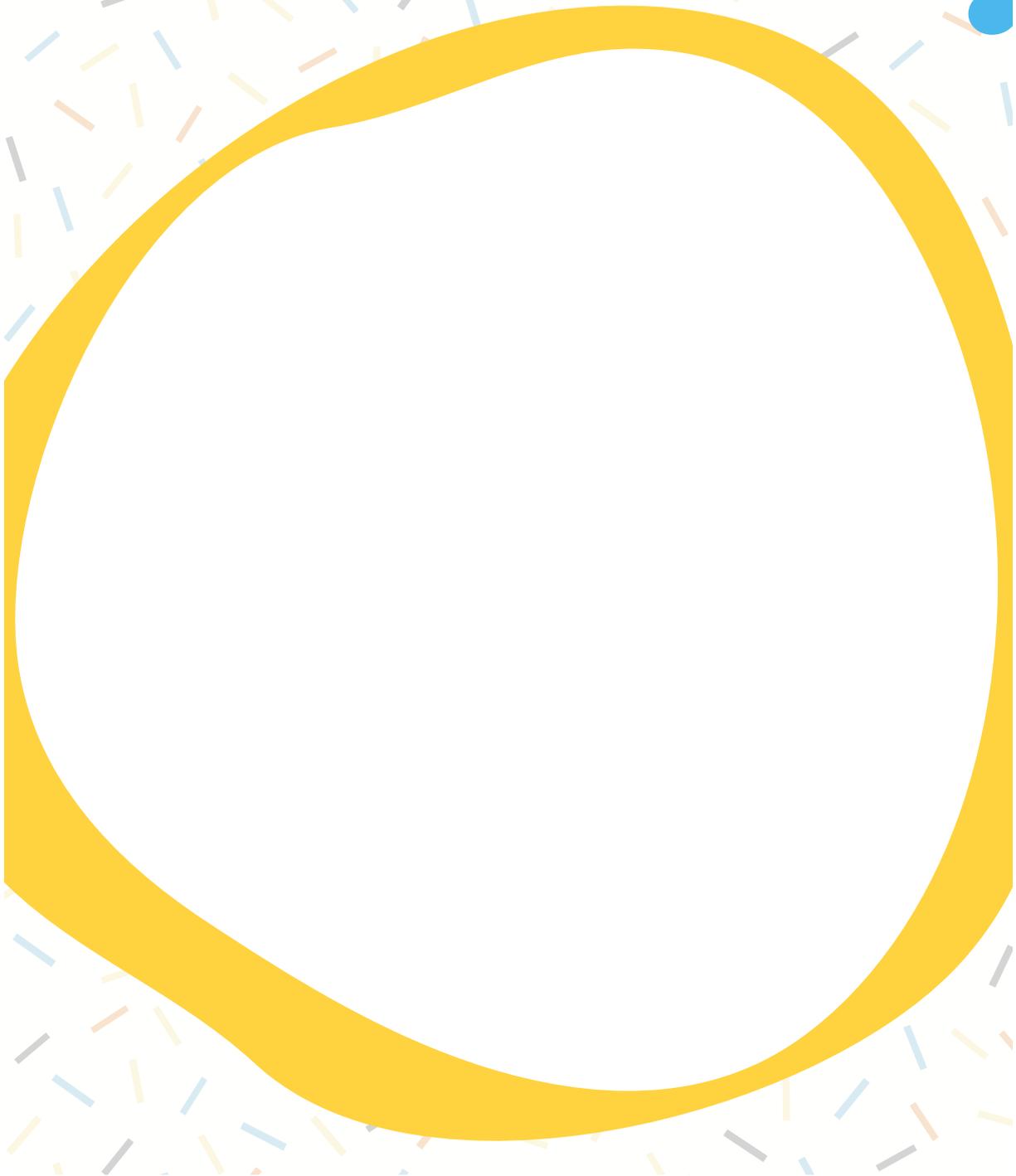
Pedro - 5º ano



Adriely - 5º ano



**Agora, como você vê a
Escola Padre Rafael Iop?**



Seminário Rainha dos Apóstolos



Hoje é chamado
**Centro Cultural Rainha
dos Apóstolos**

10°
casa palotina
do mundo

Inaugurada em
1922

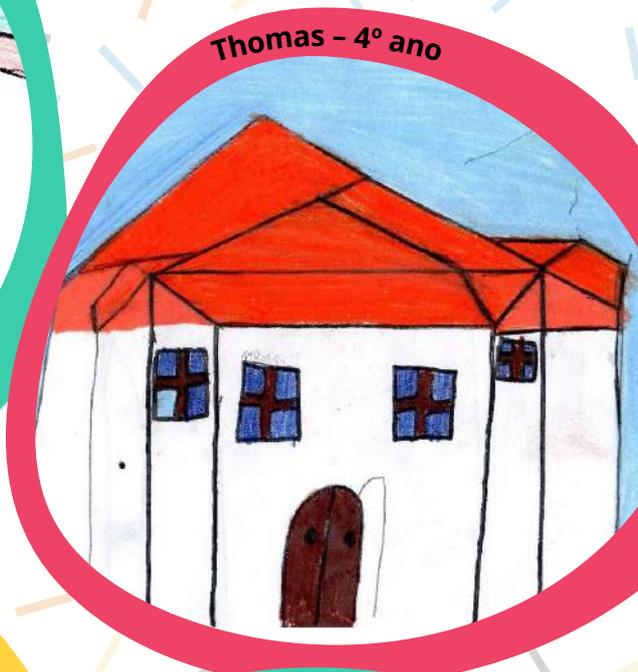
Aqui foi fundada a tipografia pelo Padre Rafael Iop, em 1923, para imprimir a revista Rainha dos Apóstolos e outros livros espirituais. Durante 83 anos, o Seminário formou padres, irmãos, leigos e estudantes.

Desenho dos alunos da Escola Padre Rafael Iop representando o Seminário Rainha dos Apóstolos

Maria Luiza - 4º ano



Thomas - 4º ano



Maria Eduarda - 4º ano



Érica - 4º ano



**Agora, como você vê o
Seminário Rainha dos
Apóstolos?**



Museu do Imigrante Italiano



Fundado no dia
26 de julho de
1975

A exposição mostra o dia a dia das famílias de antigamente e está organizada em salas temáticas, como uma cozinha italiana, um quarto de casal e uma capela.

Objetos doados por
moradores

Um meio de preservar a
memória

dos imigrantes.

Desenho dos alunos da Escola Padre Rafael Iop representando o Museu do Imigrante Italiano

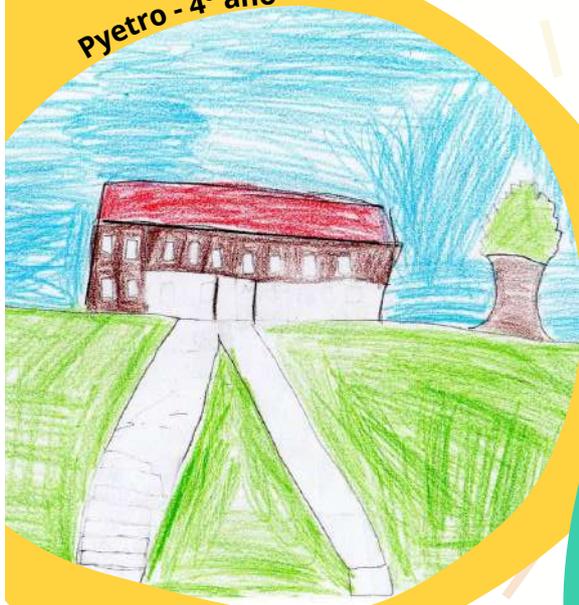
Amanda - 4º ano



Erick Penna - 4º ano



Pyetro - 4º ano



Luís Davi - 4º ano



**Agora, como você vê o
Museu do Imigrante
Italiano?**



Bene, agora que vocês já conhecem o patrimônio cultural de Vale Vêneto, que tal conhecer as casas mais antigas?

Andiamo avanti?



Casa da nona Írma

6



Nona, pode contar um pouco sobre essa casa pra gente?



Claro, bambino!

Essa casa tem
140 anos!

Nossa casa é feita de tijolo
produzido pela família e o
alicerce é de pedra

As paredes tem 50
centímetros de
largura, feitas com
tijolos grandes

Aqueles espaços abertos
no sótão são para
ventilação. Alí era
guardada a produção de
alimentos

O interior da casa
era de chão batido e
não tinha banheiro
nem luz elétrica

Eu me coloco no lugar
daqueles que fizeram, que
cuidaram e construíram.
Imagina o quanto eles
tiveram que trabalhar,
serrar tudo a mão isso aí,
gente de Deus!

Até hoje as portas
e janelas são as
originais

Olhem só os respiros que construíram no segundo andar, para secar os produtos que colhiam das lavouras



Mas não entravam animais por ali, à noite era fechado com uma grade de madeira



Esses tijolos foram feitos pelos próprios moradores e ainda os levavam para a igreja

Casa da nona Dalira

5



Nona, essa casa é tão bonita!
Conta sobre ela pra gente?



Vamos lá, bambina!

Essa casa foi
construída em 1940

Ela pertenceu a família
Balconi, depois a Iop e
depois a Gino Pivetta.

Meu avô tinha uma
serraria e depois um
moinho

Aqui moravam várias
famílias e cada uma tinha
sua cozinha separada, mas
todos dormiam na casa

Na sala da frente meu
avô ensaiava com a
banda, tinha vários
instrumentos e músicos

Ouvir as histórias de
antigamente dá até um
negócio! As coitadas das
mulheres construíram uma
igreja levando tijolos no
avental

A gente gostava de
comer polenta com
mel, vocês gostam?

Nessa parte da casa acontecia os ensaios da banda e muitas pessoas participavam



Agora os instrumentos estão no Museu

Só quero ver quem vai fazer as coisas quando a nossa geração terminar



A família era numerosa e viviam todos aqui, até os filhos formarem suas famílias numerosas também e irem para outro lugar

Casa da nona Izalda

5



Essa casa parece tão antiga!
Fala sobre ela pra gente?



É uma longa
história, bambino!



Essa é uma das primeiras casas de Vale Vêneto!

É feita de barro, madeira e palha de trigo

Na propriedade tinha um moinho para fazer farinha de milho

Também tinham galinhas e elas comiam o milho que os vizinhos levavam para fazer farinha!

Os moradores precisavam debulhar o próprio milho para devolver o que as galinhas comiam

Os nonos achavam água com um galho de pessegueiro, mas eles tinha o dom!

A família fabricou os tijolos para construir a casa nova e as mulheres levavam eles no avental para construir a igreja



Tu vai ver, cada caibro grande, furaram não sei como, e colocaram um prego de lenha

Sabem para que serviam essas grades na janela? Pra proteger dos animais



Olham como era feita a casa onde os pais do meu marido moravam, de barro com galho das árvores e palha de trigo

Casa do nono Túlio

5



Nono, essa casa tem detalhes lindos, conta mais sobre ela?



Mas é claro, bambina!

Essa casa tem
aproximadamente
140 anos!

É feita de tijolos unidos
com barro e o detalhe
dos tijolos diferentes foi
feito com cinzas

No porão tem uma
viga enorme, grossa e
pesada. Não sei como
colocaram ali.

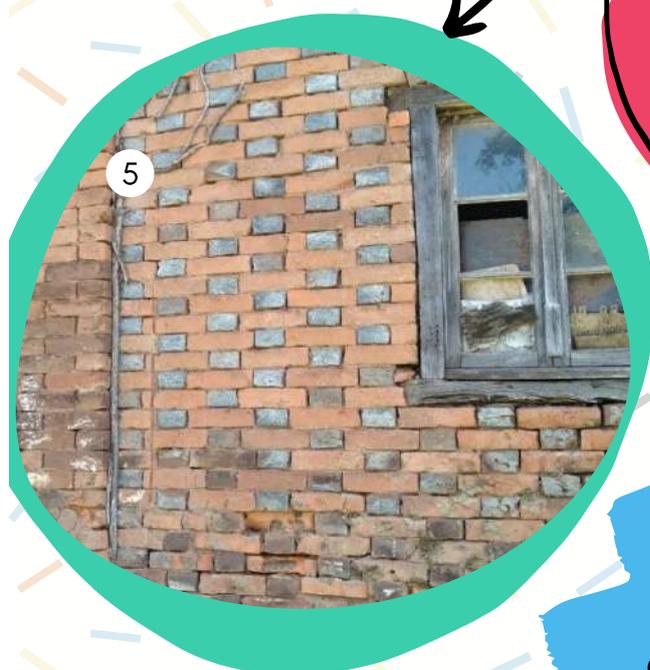
Tem também as
pipas de vinho que
eu usei bastante

Em 1940 deu um tufão
que destelhou toda a
casa. Aí eu amarrei as
telhas uma por uma.

O tufão derrubou um
eucalipto perto de
casa e eu fiz uma mesa
com a madeira

É importante passar
o conhecimento
para as crianças,
porque o passado
não volta mais

Olha só essa parede!



Tem tijolos de argila intercalados com tijolos queimados na cinza. Ficou muito bonito, não é?

Acreditam que aquela porta do centro era arredondada? Mas meu irmão batia a cabeça, daí ele pegou a alavanca e quebrou.



Tive que mandar fazer quadrada!

Casa do nono Luís

5



Nono, quantas flores! Pode contar um pouco sobre a casa?

Vem comigo, bambina!



Meu avô comprou aqui por um conto e quinhentos mil réis

Foi construída em 1916 com pedra e barro

Não tinha banheiro, nem luz e nem água encanada.

Eu faço fogo todo dia no mesmo tipo de fogão de chapa e é como uma companhia pra mim

Meu tio é o Padre Marcuzzo, eu tenho um mini museu aqui.

Aqui nasceram 8 tios e 10 irmãos meus.

Como não tínhamos banheiro, tomávamos banho de bacia. Também não tínhamos calçados, íamos para a escola descalço, inverno ou verão.

Nossas brincadeiras preferidas eram jogar bola e bocha.

Olha a minha casa em 1990, estava acontecendo a reforma



Essa foi a primeira casa da família Marcuzzo, feita de tijolo e barro

Nossas brincadeiras favoritas eram jogar bocha, jogar bola com laranjas e juntava as pedras redondas no rio pra jogar bocha



Fazia uma bola de pano, de meia para jogar, ou quando se matava porco, a bexiga era uma bola.

Va bene! Viu como é legal conhecer as histórias de antigamente?

Vamos cuidar do nosso patrimônio?



Obrigada pela companhia!

4º e 5º ano da Escola Padre Rafael Iop - 2021



4º ano

Cassio Siqueira Bortoluzzi
 Erica Pivetta Tomazetti
 Érick da Costa Penna
 Érick Santana dos Santos Vieira
 Luís Davi Santos de Lima
 Maria Eduarda Bortoluzzi Walau
 Maria Luiza Bitencourt Exterckotter
 Paulo Augusto Souza dos Passos
 Pyetro Paim Costa
 Thomas Brayan dos Passos Leal

5º ano

Adriely Lopes da Silva
 Anna Clara Garcia Carneiro
 Arthur dos Santos Ruratto Rodrigues
 Cecília Pivetta Iop
 Estefani Crisle de Lima
 Flávia Raphaela Pereira Castro
 Miguel da Silva Bortolotto
 Pedro Cielo Pivetta

Professora Marisa Bertoldo Rossato
 Diretora Rejane Donato Bortoluzzi

Fontes numeradas das figuras

- 1 <http://paroquiadagloria-camobi.com.br/retiro-dos-crismandos-em-vale-veneto/>
- 2 https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g2577942-d11908473-i341708847-Igreja_Matriz_de_Vale_Veneto-Sao_Joao_do_Polesine_State_of_Rio_Grande_.html
- 3 <http://www.museudoimigranteitaliano.org.br/>
- 4 <https://mapio.net/pic/p-38909029/>
- 5 Arquivo de Marisa Bertoldo Rossato.

6 CONCLUSÃO

A pesquisa desenvolvida no Mestrado em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria resultou em um Caderno Didático que é fruto do projeto desenvolvido pela mestranda, como professora, em sua turma multisseriada, do quarto e quinto ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, localizada em Vale Vêneto, São João do Polêsine, Rio Grande do Sul.

A experiência com o trabalho docente fez a mestranda perceber o quanto os alunos desconhecem de sua própria história. Demonstramos com essa pesquisa ser de fundamental importância o reconhecimento, a valorização do Patrimônio Histórico e Cultural do território onde nossos educandos estão inseridos, neste caso, Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine, Rio Grande do Sul, pois buscamos despertar nos educandos a curiosidade através do conhecimento das histórias vividas pelos idosos da localidade.

Foi possível notar o entusiasmo dos alunos, no decorrer da pesquisa, sobretudo, no trabalho de campo, pois, mesmo que a pandemia nos restringisse às visitas, e obrigasse a gravar as entrevistas e reproduzir em sala de aula, os alunos, no seu caminho para casa, no transporte escolar, reconheceram as edificações estudadas e contavam alegres e entusiasmados o que tinham visto.

As residências escolhidas para serem estudadas foram selecionadas por meio de conversas com a população e indicações de moradores da comunidade. Pela dificuldade de interação com as pessoas, no momento da pesquisa, resultante da pandemia mundial, priorizou-se uma casa de cada tipo arquitetônico: uma casa de barro e madeira, uma de pedra, duas casas de tijolos e alicerce de pedra e uma casa de tijolo. Assim temos uma variedade de histórias para recordar.

Pode-se notar que as edificações mais antigas, construídas de barro e galhos de árvores estão em processo de ruínas ou já foram demolidas, mas as residências com alicerce de pedra e construídas de tijolos produzidos pelas próprias famílias ainda servem de moradias e estão sendo preservadas para que todos possam conhecer a sua história.

Para iniciar as atividades sobre o Patrimônio Cultural do distrito de Vale Vêneto São João do Polêsine/RS foi feito um estudo conceitual sobre o Patrimônio Histórico e Cultural para identificar na comunidade elementos representativos desse tema e assim fortalecer o vínculo do estudante ao lugar em que vive.

É possível dizer que, no processo da Educação Patrimonial, conseguimos traçar um percurso das atividades a serem realizadas, cujo objetivo era identificar os prédios mais antigos de Vale Vêneto, entender seu valor histórico e cultural, o que foi alcançado. Durante o desenvolvimento das atividades propostas, em sala de aula, os discentes demonstraram interesse em conhecer os locais pesquisados.

Após esse estudo, foi feita uma pesquisa sobre cada edificação mais importante da

comunidade para conhecer sua história e representá-la por meio de desenhos. Foi escolhido um trabalho de cada discente para ser colocado no caderno didático contemplando assim, todos os estudantes do quarto e do quinto ano. Foi deixado um espaço para que o aluno que tiver em mãos esse material, também possa fazer a sua representação.

Nesse sentido, o Caderno Didático foi produzido pelos alunos do quarto e do quinto ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, para estudantes de nove e dez anos de idade, do município de São João do Polêsine/RS. As atividades que se encontram neste caderno didático são deixadas como sugestão para serem usadas por outros professores que assim quiserem.

Para encerrar este trabalho de pesquisa, foi realizada a visita ao Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo, conforme mostrado na Figura 50, onde os discentes entraram em contato com os objetos usados pelos primeiros moradores da localidade nas atividades do seu cotidiano. Foi gratificante observar que, na visita ao museu, os alunos reconheceram as histórias contadas pelos Nonos e Nonas. Muitos objetos que estão no museu, também estão nas casas das famílias pesquisadas.

Figura 50 – Visitação dos alunos do quarto e quinto ano da E.E.E.F. Padre Rafael Iop ao Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo em Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS, com a orientação da Jacinta Piveta



Fonte: Arquivo pessoal de Marisa Bertoldo Rossato.

Percebeu-se, pelas entrevistas, que as pessoas mais idosas da comunidade possuem uma preocupação em preservar a história local, bem como seus costumes e tradições, pois os mais jovens estão focados em outros interesses e nem sempre se preocupam em entender ou escutar os nonos e nonas.

Nesse sentido, conclui-se que esse trabalho de valorização da memória não se encerra aqui. A pesquisa pode ser estendida para outros elementos do Patrimônio Cultural da comunidade de Vale Vêneto, pois há um vasto campo para isso.

A preservação e valorização do patrimônio local perpassa pela educação sistemática da escola, trazendo um teor mais científico e histórico para os fatos acontecidos e lembrados pelos descendentes de imigrantes italianos em nossa comunidade.

Reforça-se que, a memória dos antepassados quando valorizada pelos jovens gera respeito ao vivido, a história do lugar, pois os pioneiros eram pessoas de coragem, traba-

lhadores, preservavam valores, como os religiosos, demonstrados nessa pesquisa, importantes na formação do ser humano.

O produto dessa dissertação irá contribuir para a difusão do patrimônio histórico de Vale Vêneto, pois servirá de subsídio para os professores e estudantes das escolas do município de São João do Polêsine.

REFERÊNCIAS

- BERTUSSI, P. I. "Italian (Brazil s)". In: OLIVER, P. (Ed.). **Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World**. Cambridge - UK: Cambridge University Press, 1997. p. 1693–1694.
- BISOGNIN, E.; RIGHI, J.; TORRI, V. **Povoadores da Quarta Colônia**: contribuições do imigrante italiano na quarta colônia imperial de silveira martins, rs. Porto Alegre: EST Edições, 2001.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia Das Letras, 1994.
- BRONDANI, I. **Casa da Nona Irma e Nono Deoclécio Brondani**. 2021. Entrevista concedida a Marisa Bertoldo Rossato. Vale Vêneto - São João do Polêsine/RS.
- BRONDANI, T. **Casa do Nono Túlio Brondani**. 2021. Entrevista concedida a Marisa Bertoldo Rossato. Vale Vêneto - São João do Polêsine/RS.
- CASTRO, E.; FERNANDES, G.; FIRMINO, G. **Os geoparques como estratégias de desenvolvimento turístico de base territorial**. Guarda, Portugal: Instituto Politécnico da Guarda, 2015.
- CECHIN, D. N. **Aspectos do desenho de sobrados remanescentes da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul**. 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2002.
- CECHIN, D. N. **Integração do Patrimônio Cultural ao Natural como recurso geoturístico na implantação do projeto do geoparque Quarta Colônia, RS, BR**. 2019. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.
- CERETTA, A. **Histórias de Vale Vêneto. (1877 - 1886)**. Santa Maria: Caixa 4, Missão Brasileira, AHPNSC, 1941.
- CONSTANTE, S. E. **Narrativa jornalística e memória institucional: a universidade de santa maria no jornal a razão**. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.
- COSTA, I. T. M. **Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**. 1997. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- COSTA, R. et al. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1974.
- DE BONI, L. A. **A Presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST Edições e Fondazione Giovanni Agnelli, 1987.
- DELPHIM, C. F. de M. Patrimônio cultural e geoparque. **Revista do Instituto de Geociências**, v. 5, p. 75–83, 2009.
- DOTTO, I. C. B. **Casa da Nona Izalda Catarina Bevilacqua e Nono Pilásio Vicente Dotto (In memórian)**. 2021. Entrevista concedida a Marisa Bertoldo Rossato. Vale Vêneto - São João do Polêsine/RS. 04 de novembro de 2021.

FAGAN, E. B. **Quarta Colônia: terra, gente e história.** 2014. Dissertação (Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

FAGAN, E. B.; PADOIN, M. M. Educação patrimonial e memória. **Revista Memória em Rede**, v. 6, n. 11, p. 92–109, 2014.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez Editora e Autores Associados, 1991.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Paris: Presses Universitaires de France Paris, 1968. Traduzido do original francês *La Mémoire Collective* (2ª ed.).

INTERIOR, J. O. **Um museu para preservar a história da Imigração Italiana.** Vale Veneto: [s.n.], 22/03/1982.

IPHAN. **Patrimônio Cultural.** 2021. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em 15 abr. 2021.

ITAQUI, J.; VILLAGRAN, M. A. **Educação patrimonial: A experiência da quarta colônia.** Santa Maria: Gráfica Pallotti, 1998.

LE GOFF, J. **História e memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEITE, L. H. A.; CARVALHO, L. D.; NOGUEIRA, P. H. de Q. **Educação integral e integrada: Modulo iv - a escola e a cidade: Políticas públicas e pedagógicas.** Belo Horizonte: UFMG - Faculdade de Educação, 2010.

MACHADO, I. P.; ZANOTTO, G. **Momento Patrimônio.** Passo Fundo: Berthier, 2012. v. 2.

MAESTRI, M. **Os Senhores Da Serra: A colonização italiana do rio grande do sul.** Passo Fundo: Editora da UPF, 2005.

MARCUZZO, L. M. **Casa do Nono Luís Moacir Marcuzzo.** 2021. Entrevista concedida a Marisa Bertoldo Rossato. Vale Vêneto - São João do Polêsine/RS. 12 de dezembro de 2021.

MARCUZZO, P. C. **Centenário da chegada das Irmãs e Fundação do Colégio de Vale Vêneto: 1892 - 1992.** Santa Maria: Gráfica Pallotti, 1992.

MENESES, U. T. B. de et al. **A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano.** São Paulo: IPHAN, 2006.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. **Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**, v. 2, p. 15–33, 2015.

ORIÁ, R. Memória e ensino de história. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula.** [S.l.]: Editora Contexto, 2004. p. 128–148.

PEREGRINO, U. Patrimônio cultural: uma construção da cidadania. In: TOLENTINO, Á. B. (Org.). **Educação patrimonial: reflexões e práticas.** João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012. p. 4–5.

PIVETTA, D. I. **Casa da Nona Dalira Iop Piveta**. 2021. Entrevista concedida a Marisa Bertoldo Rossato. Vale Vêneto - São João do Polêsine/RS. 15 de novembro de 2021.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, v. 14, 1997.

POSENATO, J. **Assim vivem os italianos**: Arquitetura da imigração italiana no rio grande do sul. Porto Alegre: EST Edições, 1983. v. 4.

QUAINI, J. B.; IOP, R. **Vicente Pallotti e sua Obra, 188-190**: Celebração dos 120 anos da chegada dos palotinos em vale vênето: 1886-2006. [S.l.: s.n.], 2006.

RIBEIRO, C. M. P. J. **Festa e Identidade**: como se fez a festa da uva. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

RIGHI, J.; BISOGNIN, E.; TORRI, V. **Povoadores da Quarta Colônia**. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

SINGER, H. **Territórios educativos**: experiências em diálogo com o bairro-escola. São Paulo: Editora Moderna, 2015. v. 2.

VÁZQUEZ, A. Desarrollo endogeno: Teorias y políticas de desarrollo territorial. **Investigaciones Regionales - Journal of Regional Research**, p. 183–210, 2007.

VIZZOTTO, J. M. P. **História de fé e trabalho**: bens culturais de vale vênето. 2014. Dissertação (Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

ZANINI, M. C. C. **Italianidade no Brasil Meridional**: a construção da identidade étnica na região de santa maria-rs. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Instrumento de Coleta de Dados.

Entrevista aos proprietários da residência pesquisada (será gravada para mostrar aos alunos do 4º e 5º ano da Escola padre Rafael Iop).

1. Nome:
2. Data de nascimento:
3. É casado(a)? Teve filhos?
4. Como o(a) Senhor(a) se estabeleceu neste lugar?
5. Qual a idade do bem (imóvel)?
6. Que materiais foram usados na construção desta residência?
7. Essa residência sempre pertenceu a família?
8. Quem a construiu?
9. Houve modificação no original? Quando? Possui fotos do antes e depois?
10. Como o(a) senhor(a) considera o estado de conservação de seu bem imóvel?
11. Que histórias o(a) Senhor(a) teria para nos contar sobre a construção dessa residência?
12. O(a) senhor(a) conhece a história da chegada dos primeiros imigrantes italianos aqui na quarta colônia, especialmente em Vale Vêneto?
13. O(a) Senhor(a) considera importante valorizar a Memória que possui essa residência referente as lembranças do passado como parte da identificação cultural da imigração italiana?
14. Alguém já mostrou interesse em fotografar ou pedir informações sobre essa residência?
15. O(a) Senhor(a) considera importante preservar esse patrimônio para que possa ser inserido num programa turístico da Quarta Colônia?
16. Encerramento da entrevista: agradecimento ao entrevistado por colaborar com a pesquisa e importância para esse trabalho.

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PATRIMÔNIO CULTURAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: AS PRIMEIRAS CASAS CONSTRUÍDAS NO DISTRITO DE VALE VÊNETO, SÃO JOÃO DO POLÊSINE/RS, SUAS HISTÓRIAS E PERSONAGENS, CONTADAS NUM CADERNO DIDÁTICO.

Pesquisador responsável: Marisa Bertoldo Rossato

Orientadora: Prof^a Dr^a Marta Rosa Borin

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural

Telefone: 55 (55) 3220 8031 e 55 999341671(Marisa)

Eu, MARISA BERTOLDO ROSSATO, mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, venho através deste, informar-lhe que estou realizando um trabalho de pesquisa intitulado: *As primeiras casas construídas no distrito de Vale Vêneto, São João do Polêsine/RS, suas histórias e personagens, contadas num caderno didático.*

Por meio desta pesquisa pretende-se identificar as casas antigas construídas pelos imigrantes italianos e suas histórias para construir um material didático a ser utilizado nas escolas da Quarta Colônia. Acreditamos que ela seja importante porque tensiona-se desenvolver o olhar crítico dos educandos sobre o patrimônio edificado da comunidade, além de estimular a convivência com seus familiares atendendo a habilidade de aprender a viver junto.

Para o desenvolvimento deste estudo busca-se identificar as casas antigas da localidade e conhecer, através de entrevista, a história das moradias selecionadas para produzir um caderno didático. O nome e a identidade do entrevistado será mantido em sigilo, se assim ele desejar.

Eu, RG n. concordo em contribuir com a pesquisa apresentando a residência, contando a história de sua construção aos alunos do 4º e 5º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop, pois a pandemia do novo Coronavírus não permite a presença dos educandos.

Concordo () ou não concordo () com a gravação da entrevista. Concordo () ou não concordo () com a filmagem da mesma e assino este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Assinatura do participante da pesquisa

Vale Vêneto, _____/_____ de 2021.